

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Saberes psicológicos no Compêndio Narrativo do Peregrino da América
(1728), de Nuno Marques Pereira”.

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Dissertação apresentada à Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2012

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

"Saberes psicológicos no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*
(1728), de Nuno Marques Pereira".

Dissertação apresentada à Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marina Massimi

RIBEIRÃO PRETO – SP

2012

Autorizo a reprodução e divulgação deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Vasconcellos, Maira Allucham Goulart Naves Trevisan

Saberes psicológicos no Compêndio Narrativo do Peregrino da América (1728), de Nuno Marques Pereira. – Ribeirão Preto, 2012.

127 p. : il 30 cm.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP – Dep. de Psicologia.

Orientadora: Massimi, Marina

1. Saberes Psicológicos. 2. Peregrinação. 3. Compêndio. 4. Nuno Marques Pereira. 5. Brasil Colonial.

Nome: VASCONCELLOS, Maira Allucham Goulart Naves Trevisan
Título: Saberes psicológicos no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

À André Luís Masiero.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Marina Massimi, pela orientação, pela amizade, pelo companheirismo e parceria nesta "peregrinação".

Ao Grupo de Pesquisa "História e Memória", pelas ideias compartilhadas, pelos laços "atados e desatados", pela convivência e afeto.

Ao Prof. Dr. Paulo José Carvalho da Silva e ao Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão pelas preciosas contribuições na elaboração final da dissertação.

À minha família, pelo apoio incondicional e amoroso.

Aos meus amigos, pelos "ouvidos" e acalanto.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de mestrado para a realização desta pesquisa.

Haja ou não deuses, dele somos servos.
(Fernando Pessoa/Bernardo Soares)

RESUMO

VASCONCELLOS, Maira Allucham Goulart Naves Trevisan. **Saberes Psicológicos no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América (1728)*, de Nuno Marques Pereira**. 2012. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP – Ribeirão Preto/SP.

Na literatura do Brasil-Colônia é possível evidenciar concepções de homem e de conhecimentos psicológicos elaborados pelo contexto cultural e social do período barroco, que são enfocados pela história dos Saberes Psicológicos. A história dos Saberes Psicológicos no Brasil tem seu legado no período colonial e atualmente também podemos tomar tal conhecimento a fim de depreender a concepção de homem e as formas de conhecimento que foram se desenvolvendo desde aquele período em nossa cultura. No cenário cultural do século XVIII, dentre os representantes da prosa barroca destaca-se Nuno Marques Pereira, considerado um dos fundadores da narrativa ficcional brasileira com a obra *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728). A obra, com narrativa em primeira pessoa, traz o diálogo entre um Peregrino que sai das terras da Bahia rumo à Minas Gerais e um Ancião, remontado a alegoria da existência humana como *peregrinação*. Embora não haja uma ciência psicológica na época, a obra de Nuno Marques Pereira aponta concepções que permitem traçar conhecimentos sobre o dinamismo psíquico do homem barroco. A *peregrinação* denota assim, o homem em movimento, o dinamismo e a transitoriedade da vida, em uma existência entrelaçada na significação e relação com o espiritual e o divino. A pesquisa investigou na referida obra os Saberes Psicológicos na narrativa por meio do tópico *peregrinação*, bem como os conhecimentos referentes à elaboração de conceitos e práticas que abrangiam a dimensão psicológica da experiência humana. Para tanto o objeto foi analisado a partir do enfoque da Historiografia e também a partir da proposta colocada por Pécora em seu livro *Teatro do Sacramento*, buscando detectar a ocorrência sistemática de alguns tópicos por meio das formulações de base e suas articulações nas significações discursivas, considerando a organização e pertinência histórica. Como resultado, foi possível destacar tópicos relacionados à concepção de pessoa proposta na obra e tópicos que abordaram o dinamismo dos processos psíquicos, tais como temperamentos, funções psicológicas, saúde corporal e espiritual, afetos e livre-arbítrio. Desse modo, a análise evidenciou que os conhecimentos formulados no âmbito do psiquismo humano estão fundamentados em uma matriz aristotélico-tomista, na qual o homem é reconhecido em sua integralidade, reunindo em si as dimensões somáticas, anímicas e espirituais.

Palavras-chave: Saberes Psicológicos. Peregrinação. Brasil Colonial. Nuno Marques Pereira.

ABSTRACT

VASCONCELLOS, Maira Allucham Goulart Naves Trevisan. ***Psychological Knowledge at "Compêndio Narrativo do Peregrino da América" (1728), by Nuno Marques Pereira***. 2012. Master Thesis, Philosophy, Science and Literature Faculty, São Paulo State University – Ribeirão Preto/SP.

It is possible to define conceptions about human kind and psychological knowledge, elaborated by social and cultural context at colonial age in Brazil history. The history of Psychological Knowledge in Brazil has its legacy dated from colonial era. Nowadays, it is possible to analyze that knowledge in order to understand the evolution of the concepts of human being and knowledge understanding from then on. In the XVIII century, among baroque writers, Nuno Marques Pereira has a special role. Regarded as a founder of Brazilian fictional prose, his *opera prima Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728) tells, in first person, a dialog between a Pilgrim, going from Bahia to Minas Gerais, and an Ancient man. The dialog retells the metaphor of human life as *peregrination*. Although there wasn't a Psychological Science at his time, Nuno Marques Pereira works allows to dive into psychic dynamics of baroque man. The peregrination denotes a man in movement, the dynamics and fugacity of life in an existence interweave in the signification of the relation with the spiritual and divine. This thesis focuses on the psychological knowledge in Nuno's work through the topic pilgrimage, as well as the knowledge referent to concept and practice elaboration about the psychological dimension of human experience. To fulfill this task, Nuno's works was analyzed from the historiographical viewpoint and from Pécora's proposal presented in this book *Teatro do Sacramento*, trying to search the systematic occurrence of selected topics through base formulations and its articulations on discursive significations. As a result, it was possible to highlight topics related to the conception of human person proposed in Nuno's work, as well as topics tackling the psychic process dynamics, moods, psychological functions, body and spiritual health, emotions and free will. This way, the analysis of Nuno's work denoted that the knowledge formulated at the human psychic scope are rooted in an Aristotelian-Thomist ground, where man is integrally recognized, embodying somatic, soul-like and spiritual dimensions.

Keywords: Psychological Knowledge. Peregrination. Colonial Brazil. Nuno Marques Pereira.

SUMÁRIO

1	ESCRITOS INTRODUTÓRIOS.....	12
1.1	Preâmbulo.....	12
1.2	Aspectos Metodológicos.....	16
1.2.1	Fonte da Análise e Objeto.....	16
1.2.2	Metodologia.....	17
1.3	Nuno Marques Pereira - Uma biografia incerta.....	19
1.4	Alegoria e Parábola: figuras de estilo na narrativa retórica de Nuno Marques Pereira.....	21
1.5	As fontes fundamentais do "Peregrino da América".....	25
1.6	Bases Peregrinas e Inácio de Loyola: os Exercícios Espirituais na construção literária de Nuno Marques Pereira.....	29
2	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
2.1	Conceito de Pessoa – O Homem como Peregrino.....	34
2.2	Indivíduos e Temperamentos.....	37
2.2.1	Saúde e Enfermidade.....	37
2.2.2	Regimes para o bem viver.....	45
2.2.3	Feitiçarias e adivinhações.....	52
2.2.4	Pastrano e a farmacologia brasileira.....	54
2.2.5	As práticas religiosas.....	55
2.2.6	As artes e seus efeitos no dinamismo psíquico.....	58
2.2.7	Matemática, Filosofia e Sexualidade.....	60
2.2.8	Os profissionais da saúde humana.....	65
2.2.9	Vícios e doenças da alma: retratos dos doentes da sociedade colonial.....	70
2.2.10	A arte de bem morrer.....	75
2.2.11	Síntese.....	81
2.3	Funções Psicológicas: Potência Sensitiva e Potência Cognitiva	82
2.4	Apetites: Afetos/Paixões.....	91
2.5	Livre-arbítrio.....	102

3 A PEREGRINAÇÃO NO COMPÊNDIO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS.....	107
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
5.1 Bibliografia Complementar.....	126

1- ESCRITOS INTRODUTÓRIOS

1.1- Preâmbulo

Na literatura do Brasil Colônia é possível evidenciar concepções de homem e de conhecimentos psicológicos elaborados pelo contexto cultural e social do período barroco, que são enfocados pela história dos Saberes Psicológicos. A história dos Saberes Psicológicos no Brasil tem seu legado no período colonial e atualmente também podemos tomar tal conhecimento a fim de depreender a concepção de homem e as formas de conhecimento que foram se desenvolvendo desde aquele período em nossa cultura. Massimi (2008a, p. 35) afirma no seu *Memorial* que os estudos históricos em Psicologia têm estrita relação com a cultura, sendo que a “cultura constitui-se no universo em cujo seio se desenvolvem também a visão de mundo, de pessoa, de dinamismo e fatos psíquicos, a concepção de saúde e as práticas de cuidado, prevenção e cura dos distúrbios mentais”. Ainda conforme Massimi (2008a, p. 37), “a abordagem histórica possibilita apreender não apenas de modo diacrônico, mas também sincrônico, os diversos saberes psicológicos presentes numa determinada cultura com seus próprios e diferentes regimes de historicidade”.

De acordo com Castello (1972), no cenário cultural do século XVIII, dentre os representantes da prosa barroca, destaca-se Nuno Marques Pereira¹, autor do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728). A obra de Pereira é considerada um tratado moral por alguns autores (CASTELLO, 1972; DRUMMOND, 2006; MOISÉS, 1990; PICCHIO, 1997) e

¹ Pouco se conhece a respeito da biografia de Nuno Marques Pereira. É colocado por Castello (1972) que o referido autor nasceu na Bahia em 1652 e faleceu em Lisboa em 1728, sendo ele um presbítero secular. Já Moisés (1990) diz que o mesmo teria estudado Direito em Coimbra e data a morte de N. M. Pereira em torno de 1733 - data da segunda parte de seus escritos -, e traz a possibilidade de uma origem portuguesa do autor. A obra é constituída por dois volumes. A primeira publicação do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* se deu no ano de 1728 em Lisboa, tendo sucessivas reimpressões durante o século XVIII pela considerável aceitação pública, entretanto o segundo volume apresenta a data de 1733 na dedicatória deixada pelo autor, mas foi impresso somente em 1939, quando ambos os tomos voltaram a ser editados juntos (AUGUSTO, 2002; DRUMMOND, 2006). Não há indícios da existência de outras obras do autor, além do *Compêndio*. Há na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) o manuscrito de um poema, com autoria de Nuno Marques Pereira, há também a versão digitalizada do mesmo.

uma das primeiras obras da narrativa ficcional brasileira, já que a estrutura dos escritos é pautada em alegorias (AUGUSTO, 2002).

A narrativa, em primeira pessoa, tem como enredo a viagem de um Peregrino que vai da Bahia rumo a Minas Gerais, no início do século XVIII, a fim de difundir uma teologia moral, relatando a um Ancião os costumes da Colônia, o multiculturalismo brasileiro e as concepções religiosas pós tridentinas. Embora o início do século XVIII tenha sido o auge da “corrida do ouro”, que atraiu aventureiros da Colônia e portugueses em busca dos metais preciosos nas abundantes jazidas de Minas Gerais, o Peregrino justifica que não foi o interesse em enriquecer com o ouro que o levaram a seguir tão longa jornada (PEREIRA, 1939), e sim o desejo do bem da salvação.

No *Compêndio*, a alegoria da peregrinação representa através do diálogo das personagens – Ancião e Peregrino – “a vida do homem que se desenvolve ao longo do tempo e é por esta limitada”, definindo o humano como um “ser-a-caminho que se reconhece no diálogo e no encontro com o outro” (ASSIS, 1995, p. 373). Além disso, as viagens ou a peregrinação é capaz de proporcionar ao homem um conhecimento de si e dos outros, contribuindo para o “descobrimento de uma “terra” que desde sempre desafia o conhecimento humano: a “terra” da própria subjetividade” (p. 377).

É preciso considerar que Nuno Marques Pereira teve como antecedente o jesuíta Alexandre de Gusmão, o qual deixou vasta obra publicada, dentre elas *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682)². Conforme Silva & Massimi (1997, p. 72) o livro de Gusmão “trata-se da primeira novela escrita no Brasil, de alto nível estilístico, que consiste numa parábola: dois irmãos; Predestinado e Precito, abandonam o Egito em peregrinação, porém cada qual seguindo seus desejos e intenções”. A concepção central que permeia a obra de Gusmão é a do homem como peregrino, “desterrado do Reino do Céu” (p. 72), que busca a verdade que o reconduzirá à casa paterna. Nuno Marques Pereira se utiliza desta herança para retomar em sua obra a ideia da experiência humana

² Cf. GUSMÃO, Alexandre de. *Historia do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*. Evora, 1685.

como *peregrinação*, utilizando-se de recursos já empregados na obra de Gusmão, “uma alegoria-doutrinária”, com a qual pode apresentar ensinamentos para alcançar a excelência moral. Entretanto, ao contrário da obra de Nuno Marques Pereira, o livro de Gusmão não se refere à realidade histórica e geográfica do Brasil. Castello (1972, p. 127) expõe que Pereira

colheu no ambiente social do Brasil-Colônia do século XVIII todos os dados ou elementos, tornando, portanto, o seu trabalho, um trabalho de crítica social ao mesmo tempo que um depoimento cujo interesse se estende à História, à Etnografia, ao estudos sociais e também ao pensamento da época (...).

Segundo Moisés (1990, p. 222) “o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* é verdadeiramente surpreendente nos quadros de nossa literatura colonial”. Ainda segundo Moisés, a obra de Nuno Marques Pereira se assemelha a um “*corpus* enciclopédico”, pois reúne o saber humano e reflexões sobre diversos ramos do conhecimento alcançado até a época. Frente a isso não é possível enquadrá-la em apenas um gênero literário, já que o mesmo perpassa pela narrativa de ficção, literatura de informação e até poesia. De acordo com Drummond (2006, p. 35),

A estrutura do Peregrino da América impede uma classificação rígida: aproxima-se da novela alegórica e funde diversos gêneros – relato histórico e hagiológico, poesia erudita e popular (abecê, cordel, trova), carta, provérbio, caderno manuscrito, testamento, casos populares, referências culinárias e receituário prático, entre outros.

A referida obra é considerada de “arquitetura novelesca” ou novela alegórica por funcionar como condutor das idéias que o autor tinha o interesse de disseminar e ensinar, utilizando-se de parábolas e fábulas para atingir o educando “subliminarmente”. Entretanto, a obra ultrapassa tal gênero. O que interessa, portanto, é o conteúdo doutrinário, a reforma dos costumes à luz da Igreja Católica e a exposição de uma filosofia de vida através de um discurso edificante, usando casos e “exemplos” para atingir tal objetivo (MOISÉS, 1990).

A alegoria da *peregrinação* na obra de Nuno Marques Pereira, embora possa abarcar uma ampla gama de significações, é tomada como

experiência da condição humana, ou seja, como trajetória que faz do homem um “eterno peregrino” e permite o trânsito do devir.

Conforme Massimi & Prudente (2002, p. 68) “*peregrinar* no significado do termo na etimologia latina clássica significa expatriar por meio de um exílio temporário, tendo em vista a aproximação de uma realidade superior”. A vida se torna um percurso voltado para o conhecimento de si e para o desenvolvimento das virtudes que possibilitarão o encontro com o sagrado. Pereira (1939, p. 21, vol. I) coloca,

Sabei que este é mundo estrada de Peregrinos, e não lugar, nem habitação de moradores; porque a verdadeira Patria é o Céu; como assim advertiu S. Gregorio Papa: que por isso em quanto andam os homens neste mundo, lhes chamam caminhantes. E diz S. João Chrysostomo, que neste mundo não ha mais que uma virtude, da qual se compõem as outras: e é o ter-se por Peregrino nesta vida, e por Cidadão da Glória.

O espírito pós tridentino e a mentalidade da Contra Reforma estavam fortemente presentes na sociedade colonial, pois a fim de combater o protestantismo e as heresias, foram enviados missionários religiosos para propagar o catolicismo nas novas terras. A Companhia de Jesus teve um papel fundamental tanto na difusão da fé católica e conversão de fiéis quanto na educação escolar deste período. A fundação das primeiras instituições de ensino no Brasil Colonial foi realizada pelos jesuítas. Diante desse quadro, é possível considerar a influência e herança da formação jesuítica do autor no *Compêndio*.

Os escritos de Nuno Marques Pereira são balizados por recursos próprios da retórica jesuítica, a qual permite também através da imagem tornar a palavra eloqüente, possibilitando o entendimento; “a retórica, pelo governo das paixões, estimula a adesão aos preceitos propostos” (MASSIMI, 2005, p. 104). Para tanto, o autor utiliza-se, no domínio da retórica, de metáforas ao longo da obra para iluminar evidências. O diálogo entre Peregrino e Ancião se serve tanto de traços reais da viagem de Nuno Marques Pereira pelo Brasil quanto de elementos alegóricos e imaginários que subsidiam a metáfora central, a *peregrinação*. Ainda conforme Massimi (2005, p. 124) “a metáfora possibilita dar relevo concreto aos conceitos

abstratos. O entendimento relaciona uma impressão sensível à idéia, tornando quase visível, interiormente palpável, aquilo que não se vê”.

O *Compêndio* é um conjunto de preceitos que tem uma dupla finalidade: instruir e divertir o leitor. De acordo com Pereira (1939, p. 7, vol. I), o livro além de ser um “Templo de Deus”, também pode servir para “lisonja do gosto, agrado da vista, recreio da vontade”. Partindo desta finalidade, os saberes são apresentados através de metáforas, contos e “causos” que ao doutrinar entretém pelo dinamismo da cognição, imaginação e também pela via da emoção. Ao partir do pressuposto do homem dócil e em perpétua mudança, o *Compêndio* traz instruções de como se deve viver para manter o corpo e a alma “saudáveis e salváveis”.

Embora não haja uma ciência psicológica na época, a obra de Nuno Marques Pereira aponta concepções que servem de objeto no estudo dos Saberes Psicológicos. A estruturação discursiva através da moral permite evidenciar meios de aperfeiçoamento do caráter e do comportamento. A *peregrinação* denota assim, o dinamismo e a transitoriedade da vida, em uma existência entrelaçada na significação e relação com o espiritual e o divino e o terreno e o profano.

A temática da *peregrinação* se atualiza desde o mundo medieval até a contemporaneidade. Este *topos* está presentes nas diversas manifestações culturais, principalmente na literatura, nas artes e na música. Nesta perspectiva é possível destacar a obra do português Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação* (1614)³, narrativa de sua viagem durante as Grandes Navegações e a obra de Jonh Bunyan, *The Pilgrim’s Progress* (1678)⁴, que também trata da alegoria da *peregrinação* baseado em preceitos protestantes.

1.2 – Aspectos Metodológicos

1.2.1 – Fonte da Análise e Objeto

³ Cf. PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação* [Trasc. Adolfo Casais Monteiro]. Lisboa, 1983.

⁴ Cf. BUNYAN, Jonh. *O Peregrino* [Trad. Alfredo Henrique da Silva]. São Paulo: Martin Claret, 2004.

A pesquisa tem como fonte principal os dois volumes da 6ª edição do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, obra de Nuno Marques Pereira. O objeto de pesquisa é o estudo dos conhecimentos psicológicos elaborados no *Compêndio*, pertencentes ao domínio da História dos Saberes Psicológicos.

1.2.2 - Metodologia

A referida pesquisa é fundamentada na perspectiva da História Cultural, pertencendo ao campo da História dos Saberes Psicológicos, levando em conta as visões de mundo e as mentalidades do *corpus* social da época, inscritos nas práticas produzidas na especificidade cultural do século XVIII. Neste contexto, a análise historiográfica é um elemento de suma importância para a compreensão da pluralidade do objeto, valorizando o “devir” histórico e as múltiplas representações no tempo.

A História dos Saberes Psicológicos é “o âmbito que se ocupa de aspectos específicos da “visão de mundo” de uma determinada cultura, relacionados a conceitos e práticas que na atualidade podem ser genericamente entendidos como *psicológicos*” (MASSIMI, 2009a, p. 18).

Nessa perspectiva, como afirma Dosse (2001, pp. 48-49), “a escrita histórica não desempenha o papel de rito do sepultamento”. Revisitar a história tem o intento de “abrir para o presente um espaço próprio para marcar o passado, a fim de redistribuir o espaço dos possíveis”. Ainda segundo Dosse, a prática histórica está aberta a novas interpretações e diálogos sobre o passado aberto para o futuro, não podendo ficar contida em uma objetivação fechada em si mesma.

O objeto histórico é visto em seu espaço de acontecimento, deslocando o sentido ao longo do tempo ensejado por suas várias fases de atualização. Para Dosse (2001, p. 51), o objeto histórico está sempre aberto em permanente construção através da escrita. “A história é, portanto, inicialmente, acontecimento como inscrição num presente que lhe confere uma atualidade sempre nova, porque situada numa configuração singular”.

Considerando o *Compêndio* um documento de transmissão histórica, cultural e social, o qual faz uso de dispositivos retóricos que visam mobilizar

o universo interior do homem, a proposta de Pécora no livro *Teatro do Sacramento* contribui para a análise da obra. É exposto por Massimi (2008a, pp. 28-29) em seu *Memorial* que a proposta metodológica de Pécora na introdução do *Teatro do Sacramento* traz uma modalidade de análise de textos a qual se fundamenta

na busca da 'lógica base' que os perpassa e os insere no seu universo de produção, buscando detectar a recorrência sistemática de alguns tópicos (lugares comuns) essenciais entre eles articulados. Seguindo esta ótica, as categorias, ou tópicos, não poderiam ser definidos de modo preconcebido à leitura do texto (o que levaria necessariamente à anacronismos e presentismos) e sim apreendidos (quase como numa análise fenomenológica) pela leitura atenta do texto evidenciando as recorrências de topoi.

Pécora (1994, p. 43) afirma que é importante considerar seriamente as “formulações de base que articulavam as significações discursivas da época (...)”. Ao se buscar uma hipótese de unidade é necessário ser cuidadoso tanto na consideração dos diversos pontos constantes na organização discursiva quanto da pertinência histórica de tal organização.

Desse modo, foram investigados no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* conhecimentos referentes à elaboração de conceitos e práticas que abrangem a dimensão psicológica da experiência humana. Para tanto, o caminho metodológico percorrido na análise da obra foi a identificação de tópicos ou lugares comuns constantes em toda a narrativa.

Primeiramente foi traçado o objetivo base para o exame da fonte. Ou seja, foram definidos aspectos principais que deveriam ser relevantes durante a leitura, sendo estes concernentes ao dinamismo dos processos psíquicos e os fenômenos a estes relacionados. Este objetivo foi delimitado por um recorte: a metáfora central da novela alegórica - a *peregrinação*.

Entretanto, a identificação dos tópicos ocorreu *a posteriori* a leitura do *Compêndio*, uma vez que a pré-determinação destas categorias traria equívocos ao estudo, tais como “psicologismos”, e reduziria a pluralidade do *corpus* documental ao pressupor elementos que poderiam não corresponder ao universo sócio-cultural do período histórico abordado.

Na definição dessas categorias, foram consideradas as influências da tradição que Nuno Marques Pereira estava inscrito bem como as especificidades da formação do próprio autor. As categorias ou tópicos elaborados durante a análise demonstraram a articulação dos Saberes Psicológicos compostos na novela alegórica, evidenciando temas sobre o conceito de pessoa, os temperamentos, a arte do bem viver e bem morrer, aspectos sobre a saúde corporal e espiritual bem como as funções psicológicas, os afetos e o livre-arbítrio.

Na análise do *Compêndio* foi fundamental a apreensão da lógica-base, ou seja, a *peregrinação*. Os tópicos elencados no estudo focalizaram os conceitos psicológicos que permeavam a metáfora central da obra e sua articulação com o conhecimento referente ao sujeito e suas ações.

1.3 - Nuno Marques Pereira – Uma Biografia Incerta

O *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* foi no século XVIII um livro de grande circulação, tendo várias reimpressões por ser uma obra bem aceita durante o período colonial. A primeira edição do *Compêndio* foi publicada em 1728, tendo sucessivas reimpressões nos anos de 1731, 1752, 1760 e 1765. Já em 1939 a Academia Brasileira de Letras publicou a sexta edição da obra, com dois volumes, sendo a segunda parte inédita, acompanhando notas e estudos de Varnhagen⁵, Leite de Vasconcellos⁶, Afrânio Peixoto⁷, Rodolfo Garcia⁸ e Pedro Calmon⁹.

⁵ Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro, (São João de Ipanema, 17 de fevereiro de 1816 — Viena, 26 de junho de 1878) foi militar, diplomata e historiador brasileiro.

⁶ José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo, mais conhecido por Leite de Vasconcelos (Ucanha, 7 de julho de 1858 — Lisboa, 17 de maio de 1941), linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo português.

⁷ Júlio Afrânio Peixoto (Lençóis, 17 de dezembro de 1876 — Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1947) médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador brasileiro.

⁸ Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (Ceará-Mirim, 25 de maio de 1873 — Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1949) foi um historiador e intelectual brasileiro.

⁹ Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (Amargosa, 23 de dezembro de 1902 — Rio de Janeiro, 16 de junho de 1985), professor, político, historiador, biógrafo, ensaísta e orador brasileiro.

Desprovido de recursos financeiros para a impressão do livro, Nuno Marques Pereira recorre ao Mestre do Campo Manoel Nunes Vianna¹⁰, o qual patrocina a publicação. O pedido é feito em forma de Súplica, e este documento consta na primeira parte do *Compêndio*. Na introdução da segunda parte, Nuno Marques Pereira também faz menção a seu outro patrocinador, escrevendo uma dedicatória a Miguel de Passos Dias¹¹, expondo sua gratidão pelo custeio da publicação.

Além de haver divergências em relação à biografia do autor de o "Peregrino da América", pouco se sabe sobre a vida do mesmo. Em Nota Preliminar na primeira parte do *Compêndio*, Afrânio Peixoto¹², aponta que Nuno Marques Pereira viveu no Brasil e data o nascimento do autor em 1652 e o falecimento em Lisboa, depois de 1733. Ainda coloca que segundo Varnhagen, o autor nascera em Cairú, na Bahia, fato que Rodolfo Garcia questiona. Entretanto, Afrânio Peixoto declara que a nacionalidade de Nuno Marques Pereira não importa, pois "naquela era éramos todos Portugueses e não deixamos ainda inteiramente de sê-lo".

Em Nota Biográfica, Rodolfo Garcia¹³, desqualifica os dados de outros "bibliógrafos" uma vez que estes não são fundamentados em qualquer documento reconhecido. Além disso, para demonstrar os possíveis equívocos de outros autores que tentaram traçar uma biografia de Nuno Marques Pereira, são apontados por Rodolfo Garcia trechos do *Compêndio* que corroboram a discrepância entre os dados biográficos sugeridos com os informados por Nuno Marques Pereira durante a escrita da própria obra.

Ainda conforme Rodolfo Garcia, o autor de o "Peregrino da América", estudou Direito em Coimbra, sem concluir o curso. A passagem em que o

¹⁰ Manoel Nunes Vianna, português radicado na Bahia, foi até Minas lutar pelos benefícios sobre o ouro, sendo então líder dos Emboabas por volta de 1707.

¹¹ Miguel de Passos Dias, comerciante, foi duas vezes vereador na Cidade da Bahia, provedor da Santa Casa de Misericórdia de 1730 a 1731. Também era Familiar do Santo Ofício, cavaleiro da Ordem de São Tiago e em 1731 foi ministro da Ordem Terceira de São Francisco.

¹² Ver Nota Preliminar na edição de 1939: PEIXOTO, Afrânio. Nota Preliminar. In: PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. v.1, pp. V-XI.

¹³ Ver Nota Biográfica na edição de 1939: GARCIA, Rodolfo. Nota Biográfica. In: PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. v.1, pp. XIII-XVII.

Peregrino é consultado por um morador sobre a disputa de terras que havia travado com um vizinho, comprovaria esta hipótese:

Alguma coisa tenho lido [responde o Peregrino ao morador], além do estudo, que fiz no Direito Civil: porque sendo moço também estudei a Instituta, tive a Ordenação e alguns livros de Direito, principalmente os Reínicos: e se não alcancei o grau de Doutor, não me deram o nome de ignorante.
(PEREIRA, 1939, p. 302, vol. I)

O autor também não tomou o estado eclesiástico, sendo tal fato indicado por ele próprio quando diz: “Bem é verdade, que me dirão muitos, que escrever, e ainda em materias espirituaes, só incube a seus professores; e que eu não o sou” (PEREIRA, 1939, p. 6, vol. I). Este fato também pode ser confirmado quando questionado por um morador sobre a veracidade dos escritos bíblicos, introduz sua resposta já explicando que a matéria teológica especulativa não pertence a sua profissão (p. 309).

É exposto, em Nota Biográfica do *Compêndio*, que Nuno Marques Pereira se ausentara por algum tempo da Vila de Camamú na Bahia, em 1704, fugindo para as Minas, em função de alguns delitos que havia cometido, fato comprovado pela carta expedida pelo Governador Geral D. Rodrigo da Costa, em resposta ao Juiz Belchior Gonçalves Barbosa. Outra hipótese sugerida por Rodolfo Garcia é a de que Nuno Marques Pereira era mais um dos aventureiros atraídos pelas minas de ouro, sendo um Emboaba partidário de Manoel Nunes Vianna, o mesmo que patrocinara a primeira parte do *Compêndio*.

1.4 - Alegoria e Parábola: figuras de estilo na narrativa retórica de Nuno Marques Pereira

A retórica na obra de Nuno Marques Pereira é um dos mecanismos que favorecem a persuasão do leitor/ouvinte¹⁴. No *Compêndio*, é possível

¹⁴ A nomenclatura leitor/ouvinte foi adotada por ser considerado que no período estudado o letramento era pouco frequente. Conforme as pesquisas de Drummond sobre o *Compêndio*, “se a leitura era hábito rarefeito em meio à maioria iletrada, sabe-se de outro hábito difundido, o da “escuta” da leitura alheia. Alguém lia para o grupo que não conseguia decifrar o código escrito ou não tinha acesso ao livro. Muitos recursos narrativos usados no Peregrino da América, como descrições detalhadas, movimentações de cenas, trocadilhos e

destacar dois elementos principais, ambos engendrados na arte retórica, sendo o primeiro a alegoria da *peregrinação* concebida por suas personagens principais - o Peregrino e o Ancião - e o segundo, as parábolas inseridas no corpo do texto, as quais dão força aos ensinamentos e colocações tanto do Peregrino e Ancião quanto dos outros interlocutores que surgem durante a narrativa.

De acordo com Hansen (2006, p. 7), "a alegoria (grego *allós* = *outro*; *agourein* = *falar*) diz *b* para significar *a*. A retórica antiga assim a constitui, teorizando-a como modalidade de elocução, isto é, como *ornatus* ou ornamento do discurso". A alegoria então pode ser definida como uma metáfora ou *tropo* do pensamento que tem como base uma relação de semelhança. Assim, a expressão alegórica funciona como representação, as quais personificam abstrações e trazem significados que podem ser revelados através da alegoria. Para Hansen, a alegoria "faz parte de um conjunto de preceitos técnicos que regulamentam as ocasiões em que o discurso pode ser ornamentado" (p. 9), sendo esta um processo proposital do autor do discurso.

Desse modo, a alegoria da *peregrinação* expressa a imagem da finitude humana e as implicações desse "saber" na vida do homem, revelando através dos diálogos do Peregrino, preceitos que visam garantir a salvação. A utilização desse recurso retórico provoca no leitor uma mobilização dos sentidos, uma vez que o uso de uma "imagem" é capaz de projetar uma reflexão de caráter pedagógico que influencia diretamente as condutas do leitor/ouvinte.

O tema da sucessiva transformação da existência humana é abordado por um vetor religioso e espiritual, sugerindo através de parábolas (casos e exemplos) regras para um bem viver. As parábolas têm neste contexto uma função persuasiva, estimulando no leitor/ouvinte um reposicionamento do modo de vida. Ao longo da narrativa, as parábolas são capazes de garantir a veracidade e relevância do tema abordado pelo Peregrino, uma vez que estas são referentes ao cotidiano da Colônia. É ainda possível considerar que a parábola seja um recurso que garante a justaposição dos preceitos da

justaposições de imagens, sugerem essa possibilidade de texto para se ler em voz alta" (DRUMMOND, 2002, p. 93).

doutrina ao contexto próximo aos hábitos do leitor/ouvinte, facilitando a interpretação e propiciando a compreensão e efetivação dos ensinamentos – o que destaca mais uma vez sua função de persuadir. Em relação ao estilo da escrita, Pereira (1939, p. 8, vol. I, grifo nosso) afirma:

*E se repares no estylo, por ser em parte parabolico, tenho exemplo de muitos Autores espirituaes, que usaram desta phrase, e genero de escrever: e o mesmo Christo Senhor nosso tratando solida doutrina com os homens, para melhor os **persuadir**, o praticou, e ainda hoje, com maior razão nos tempos presentes, **para convencer ao gosto dos tediosos lerem, e ouvirem ler os livros espirituaes, são necessarios todos estes acepipes, e viandas**. E não, vede o que se styla, e pratica nos banquetes de agora, offerecendo-se nas mesas aos convidados no primeiro prato variadas saladas, para mais agrado e gosto do paladar. Isto, succede nos banquetes do corpo, vos quiz praticar neste banquete da alma¹⁵.*

Retomando a questão alegórica na obra, o tema que perpassa por toda a narrativa, aponta a existência como uma travessia remontando a fugacidade da vida terrena. O Peregrino mantém em sua viagem o diálogo com o Ancião, figura que representa o tempo, “dimensão constante da vida humana, concebida por Pereira como uma *peregrinação*” (MASSIMI, 2010a, p. 61). Frente a isso, o dispositivo alegórico funciona como base de uma “teatralização narrativa” revestido pela imagem que sustenta uma unidade metafísica.

Para Aristóteles “a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. Por isso dizemos que ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado” (ARISTÓTELES, 1964, p. 22).

Há na arte Retórica, para Aristóteles, três espécies de provas fornecidas pelo discurso do orador, sendo estas: o caráter moral do orador, as disposições que se criam no ouvinte e as disposições do próprio discurso,

¹⁵ O uso da metáfora do banquete tem significações espirituais e psicológicas no contexto da oratória. Cf. MASSIMI, M. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 253-70, abr.-jun. 2006.

por aquilo que ele demonstra ou parece ser. A função persuasiva é obtida em decorrência do caráter moral, quando o discurso deixa a impressão de o orador ser merecedor de confiança, sendo esta a prova determinante por excelência. E ainda, é pelo discurso que se persuade quando a verdade é demonstrada de acordo com o que cada assunto é suscetível de persuadir. Em virtude disso,

Uma vez que estas provas são obtidas por estes três meios, é manifesto que delas pode lançar mão todo aquele que seja capaz de deduzir por meio do silogismo, de encarar teoricamente os costumes e as virtudes, e em terceiro lugar, de conhecer as paixões, a natureza e qualidade de cada uma delas, sua origem e desenvolvimento no indivíduo.
(ARISTÓTELES, 1964, p. 23)

Já no início do *Compêndio*, Nuno Marques Pereira demonstra uma inspiração nos princípios de persuasão da “retórica aristotélica”. Considerando o modo que Pereira mobiliza as paixões do leitor/ouvinte, os contos e exemplos são os elementos fundamentais. Antes mesmo de iniciar sua narrativa, Pereira escreve que vê com espanto os homens que preferem seguir a opinião vulgar, sendo levados das vaidades gentílicas, desprezando a doutrina do Sagrado Evangelho. Com o intuito de comover o leitor/ouvinte quanto à relevância de apreciar sua obra, traz a seguinte parábola:

A este proposito me lembra, que estando eu em casa de um amigo lendo o Baculo Pastoral, entrou um destes loucos Peripateticos, desvanecido com presumpções de discreto; e sabendo do titulo do livro, me disse, que nenhum homem de juizo se occupava em ler livro tão vulgar. E ouvindo eu, se não blasfêmia, proposição tão mal soante, lhe perguntei: Pois que livro se ha de ler? E logo me respondeu mui ufano: Gongora, Quevedo, Criticon: Para todos, de Montalvan, Retiro de Cuidados, Florinda, Crystaes da alma: Novellas, e Comedias, porque estes livros, e outros semelhantes ensinam a fallar, para peccar; e este, e outros espirituaes ensinam a obrar, para salvar.

*Não é para este, a quem offereço o meu **Peregrino da America**, senão para vós, querido e amado Leitor: e vos peço, quando nelle acheis alguma cousa que vos agrade,*

louveis a Deus, que por mão de uma humilde creatura vos quiz dar prato de que gostásseis; para que em reciproca união vamos a gozar a Bemaventurança em presença de Deus. Vale. (PEREIRA, 1939, p. 8-9, vol. I, grifo do autor)

No *Compêndio*, os ensinamentos pretendem demonstrar que a conversão e as boas obras são capazes de garantir a salvação e a vida eterna, sendo a verdadeira pátria do homem o Reino Celestial. Esta premissa é evidenciada fundamentalmente pela alegoria da *peregrinação*, trazendo a referência da vida do homem na terra como uma estrada de peregrinos e não como morada. Durante sua caminhada, o Peregrino diz que a busca pela Pátria (salvação) deve estar atrelada a uma mudança de costumes, pois as enfermidades da alma só se curam ao estabelecer novos comportamentos que sejam virtuosos. Para assegurar a verdade do pressuposto, o Peregrino coloca em diálogo com o Ancião,

(...) permittiu Deus que a vida do homem fosse breve, para que elle nem com as prosperidades se ensoberbecesse, vendo o pouco tempo que as havia de gozar; nem com as adversidades perdesse o animo, vendo que em breve haviam de acabar: e para que se resolvesse a se mortificar, e viver conforme os preceitos Divinos, e conselhos de Christo; tendo por grande ventura o comprar, com trabalhos uma breve vida na terra, os gostos eternos na Gloria, onde deve sempre ter o seu pensamento e o coração, tendo-se neste mundo por Peregrino, e desterrado, fugindo de empregar o seu coração na terra; porque como aconselha Santo Agostinho, onde estão fixos e permanentes os nossos corações, ahi estão os nossos gostos. (PEREIRA, 1939, p. 21-22, vol. I, grifo nosso)

O uso da retórica na novela alegórica do *Compêndio* é imprescindível para que a argumentação seja capaz de convencer e mover os afetos, intensificando então o efeito persuasivo. Desse modo, a alegoria e as parábolas são peças estruturantes, pois garantem a articulação de sentidos e a transmissão de conhecimentos.

1.5 - As fontes fundamentais do "Peregrino da América"

O “Peregrino da América” traz ao longo da obra conhecimentos sobre autores de destaque na história, com intuito não só de apontar as fontes que serviram de modelo na forma de escrita, mas também a fim de referenciar os ensinamentos ao longo da obra e fortalecer as alegorias e parábolas.

As principais fontes usadas por Pereira na narrativa são os textos bíblicos, os autores da antiguidade grega e latina como Aristóteles (384-322 d.C), Platão (428/427-348/347 a.C), Sêneca (4 a.C-65 d.C), Hipócrates (460-377 a.C), Galeno (129-217 d.C) e Avicena (980-1037 d.C), os escritos dos primeiros padres da Igreja, de jesuítas e pregadores, tais como São João Crisóstomo¹⁶, Santo Agostinho (354-430), São Tomás de Aquino (1225-1274), Antônio Vieira, Alexandre de Gusmão, Inácio de Loyola, Dom João de Palafox¹⁷, Tristão Barbosa de Carvalho¹⁸, dentre outros.

Entretanto, estas fontes podem ser categorizadas em três domínios principais, o primeiro é referente às influências no modelo de escrita, o segundo se refere à validação dos argumentos e ensinamentos espirituais e o último expressa os conhecimentos sobre a saúde do corpo. Todos estes domínios convergem para um mesmo objetivo, um esforço doutrinário de disseminar modelos de comportamento e condutas que garantam a salvação e o prêmio da vida eterna.

No que diz respeito às influências no modelo de escrita, é possível destacar Alexandre de Gusmão e Antônio Vieira. A construção literária de Nuno Marques Pereira bem como a alegoria da peregrinação se assemelham (como já dito anteriormente) à novela alegórica *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1685) de Alexandre de Gusmão. A mencionada obra de Gusmão trata da história de dois irmãos Predestinado e Precito, cada qual escolhendo o seu caminho, um para o Bem e outro para o Mal, respectivamente representados pela figura alegórica da cidade de Jerusalém e Babilônia. Além disso, as escolhas ao longo do percurso dos

¹⁶ São João Crisóstomo (349-407), teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do V. Sua obra teológica é extremamente vasta, composta principalmente por sermões e alguns tratados.

¹⁷ Dom João de Palafox e Mendoza (1600-1659), bispo espanhol católico, foi político e Vice-Rei da Nova Espanha.

¹⁸ Tristão Barbosa de Carvalho, (?-1632), teólogo português.

dois irmãos interferem tanto no caminho que devem seguir quanto na meta a alcançar, denotando a semelhança com a alegoria da *peregrinação* proposta por Pereira, uma vez que ambos os autores expressam a dinamicidade da vida humana e a influência do livre arbítrio ao longo do tempo.

Na primeira parte do *Compêndio* o Capítulo VI é quase inteiramente dedicado ao “Muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, Religioso da Sagrada Companhia de Jesus, Fundador do Seminário de Belém”. O capítulo fala da grandeza do templo (Colégio de Belém) “traçado e fabricado” por Alexandre de Gusmão e em seguida o Peregrino faz uma digressão em louvor à Gusmão, ostentando suas virtudes. No diálogo o Ancião ressalta que quando Alexandre Gusmão morrer, “há de viver na memória de todos aquelles que lerem seus doutos livros, e souberem de seus feitos heroicos” (PEREIRA, 1939, p. 78, vol. I). No segundo tomo, Nuno Marques Pereira também indica claramente a influência do Padre Alexandre Gusmão (e de outros autores) na sua escrita. Nos apontamentos que:

Uso das presentes humanidades, e moralidades, e historias tão repetidas para melhor te persuadir deleitando-te o gosto, e entertendo-te a vontade; quiz seguir alguns autores da melhor nota nesta minha escripta, que tambem usaram deste modo de escrever em dialogos, e interlocutores, como foram os seguintes:

Dom João de Palafox, Bispo de Osma, no seu livro Pastor de la noche buena. O Padre Alexandre de Gusmão, no seu livro Peregrino predestinado. O mesmo estylo praticou Trystão Barbosa de Carvalho no seu livro Peregrinação christã. Frei Heitor Pinto, no seu livro intitulado Imagem de Vida Christã. O Padre João da Fonseca, da Companhia de Jesus, o mesmo estylo no seu livro intitulado Satisfação de agravos, e confusão de vingativos; além de outros escriptores que debaixo destas mesmas metaphoras insinuaram mui solida doutrina espiritual. (PEREIRA, 1939, p. 4, vol. II)

Em relação às influências de Antônio Vieira, ainda nos apontamentos ao leitor, Pereira destaca a importância deste pregador, sendo um exemplo de “heroe adornado de tantas prendas no saber, a quem se lhe tem feito

tantos elogios, e epithetos, chamando-lhe Príncipe dos prédadores, sol dos oradores, e oráculo do pulpito” (p. 5). De acordo com Massimi (1999, p. 47), os sermões de Vieira foram “um dos meios mais importantes e ricos de evangelização e de difusão cultural entre a população brasileira no século XVII”. Para Vieira, o conhecimento de si estaria relacionado com a conversão e o reconhecimento da própria natureza, sendo o pregador um “elemento essencial deste conhecimento verdadeiro, proporcionando o *espelho que é a doutrina*” (MASSIMI, 1999, p. 53). A oratória sagrada¹⁹ é um gênero influente na narrativa do *Compêndio*. A prática da oratória, ou seja, os sermões e a pregação além de serem voltados para a catequese também visam a reforma dos costumes. Assim como na oratória sagrada, Pereira faz uso de imagens metafóricas a fim de persuadir e mobilizar os ânimos do leitor/ouvinte.

Quanto aos argumentos e ensinamentos espirituais, além da Sagrada Escritura, São João Crisóstomo e Santo Agostinho se destacam. Nuno Marques Pereira busca se apoiar em outras autoridades a fim de trazer para a narrativa uma roupagem que facilite a persuasão. A argumentação se torna mais vívida e coerente quando na narração, o Peregrino é respaldado por textos desses autores. Por exemplo, no Capítulo II da primeira parte do *Compêndio*, o Peregrino faz uma exposição sobre os males da ambição e soberba, e para sustentar seus argumentos cita Agostinho:

*Com grande razão disse **Santo Agostinho**, que é o ouro princípio de todos os trabalhos. Porque, bem considerado, não ha genero de molestia, que o amor das riquezas não traga consigo: aos corpos priva todo o descanso, e ás almas despe de todas as virtudes.* (PEREIRA, 1939, p. 32, vol. I, grifo nosso)

Quanto aos conhecimentos sobre a saúde do corpo, o autor se apóia em teorias médicas já estabelecidas na época (sobretudo a teoria humoralista²⁰), citando principalmente Hipócrates, Galeno e Avicena. Conforme Massimi (2010a), Hipócrates foi um dos primeiros a estabelecer

¹⁹ Cf. MASSIMI, Marina. A pregação no Brasil colonial. *VARIA HISTORIA*. Belo Horizonte, vol. 21, n. 34: p. 417-436, Julho 2005.

²⁰ Nesta perspectiva há quatro humores básicos que compõe o homem – sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. A predominância de um desses humores estaria relacionada às disposições psicológicas do indivíduo. Além disso, a saúde do corpo seria determinada pelo equilíbrio da composição humoral no organismo (MASSIMI, 2010a).

“nexos entre as características físicas e disposições mentais no organismo humano” (p.12). No século II, Galeno em seus tratados e pequenos livros “busca explicitar a relação causal entre crase (equilíbrio) do corpo e disposições mentais” (p. 12), construindo a partir de suas obras uma tipologia dos temperamentos. Já os escritos de Avicena “traçavam hipóteses acerca das diversas configurações da melancolia e dos efeitos desse humor nas regiões cerebrais” (p. 14). A referência dos conhecimentos médicos na narrativa mostra a preocupação do autor em disseminar conhecimentos validados, impingindo certa autoridade intelectual ao seu texto.

1.6 - Bases Peregrinas e Inácio de Loyola: os Exercícios Espirituais na construção literária de Nuno Marques Pereira

Inácio de Loyola, fundador da *Companhia de Jesus*, escreveu os *Exercícios Espirituais*, livreto aprovado em 1548 pelo Papa Paulo III, o qual é destinado ao aperfeiçoamento contínuo das condutas e desenvolvimento espiritual dos fiéis. Tal obra delinea práticas espirituais e premissas que também influenciam a construção literária do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*.

As orientações dos *Exercícios Espirituais* aparecem na estruturação da obra de Nuno Marques Pereira, já no início do *Compêndio*. A primeira anotação de Loyola no referido livreto, diz respeito ao auto-exame de consciência visando uma “pedagogia espiritual”. Neste contexto, Loyola (2004, p. 29) se refere ao “mecanismo que permite livrar a alma das tendências erradas”, capaz de instruir, mover e fortalecer o praticante. Partindo desta primeira anotação, é possível perceber que Nuno Marques Pereira dispõe a alegoria da *peregrinação*, com o intuito da salvação, trazendo uma pedagogia para promover a mudança de comportamento do leitor/ouvinte.

Na segunda anotação dos *Exercícios Espirituais*, Loyola (2004, p. 30) se refere à pessoa que ministra os exercícios, colocando a necessidade de uma narração fidedigna da história que “induzirá o praticante à contemplação ou meditação, apresentando-a de forma concisa, para que ele reflita e raciocine por si mesmo”. No *Compêndio*, o movimento das figuras

discursivas (Peregrino/Ancião/Morador e demais) é embasado em exemplos e metáforas, uma vez que estes recursos trazem elucidacões que facilitam a compreensão do fiel, instruindo o "auto-exame de consciência" e mudanças que viabilizem o aprimoramento espiritual a fim do perdão e da salvacão. Ao longo dos capítulos há sempre exemplos com a finalidade de elaborar os preceitos propostos de forma reflexiva, facilitando a compreensão para garantir o efeito persuasivo.

Outro ponto comum diz respeito ao pressuposto dos *Exercícios Espirituais*, que tem por objetivo

ajudar a pessoa a conquistar a si mesma e a ordenar a própria vida, sem se deixar levar por tendências desordenadas. Para que se ajudem, tanto quem ministra os Exercícios Espirituais quanto quem os recebe, é necessário pressupor que todo bom cristão deve estar mais disposto a salvar a afirmação do seu próximo do que a de condená-la. Não podendo salvá-la, pergunte como a pessoa a entende. Se a entende mal, corrija-a com amor. Se isso não bastar, recorra a todos os meios convenientes para que, entendendo-a bem, ela seja salva. (LOYOLA, 2004, p. 39)

No *Compêndio*, isto fica evidente quando se coloca a imagem da peregrinacão caracterizada como uma mudança de costumes (e não apenas de lugar), com o intuito de curar as enfermidades da alma e se qualificar para o caminho da eternidade. Além disso,

o Peregrino vai por onde ha de achar cada dia novos costumes, e os deve seguir, e aprovar; e não reprehendê-los: pois é mais razão accommodar-se ao uso da terra, que pertender, e querer trazer mais ao costume da sua Patria. Há de considerar que vai obedecer às leis, que achar estabelecidas; e não a dar regra aos mais: e que vai aprender, e não a ensinar. E peregrinando assim, se qualificará em um perfeito Heróe". (PEREIRA 1939, p. 23, vol. I)

A leitura se torna um suporte para o discernimento das condutas; segundo o *Compêndio*, é mais importante a execuão de obras e o os exercícios delas, pois facilitam a aprendizagem. Entretanto, nos *Exercícios*

Espirituais, a ordenação da vida espiritual e das condutas ocorre de maneira mais individualizada e instrospectiva.

Outro ponto que permite uma relação entre os *Exercícios Espirituais* e os escritos de Nuno Marques Pereira são os Princípios e Fundamentos expostos por Loyola. Os Princípios e Fundamentos colocam que o homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, para que possa ser salvo. As demais coisas na Terra são para contribuir que o homem atinja o fim para o qual ele foi criado, usando ou se privando de tais coisas, conforme estas ajudem ou prejudiquem (LOYOLA, 2004, p. 41). Na alegoria da *peregrinação*, o homem é um caminhante que busca a Glória. Todas as ações do homem na terra são dedicadas ao desenvolvimento de virtudes para que se possam alcançar "o fim último" para o qual o homem foi criado. O dinamismo e a transitoriedade da existência humana são elementos que impulsionam os homens de fé a agir virtuosamente na terra para se alcançar a vida eterna. Se o homem peregrina levando os seus vícios, este se manterá no engodo.

Os *Exercícios Espirituais* tem por base três pilares, sendo estes os Dez Mandamentos, os preceitos da Igreja e as determinações dos superiores. Segundo Loyola (2004, p. 47), "tudo o que se praticar contra essas três matérias é pecado". No tomo I do *Compêndio*, Nuno Marques Pereira demonstra não só o cuidado com os princípios da Igreja, mas também marca a observância dos Dez Mandamentos, estruturando os capítulos XI a XX conforme os mesmos. Estes capítulos denotam a importância da observação dos Dez Mandamentos, exposto por Loyola, embasando nestes dez princípios, discussões acerca da conduta do homem bem como inúmeras ilustrações e exemplos que contribuem para que o leitor reflita sobre si mesmo, motivando tomadas de decisões para se livrar do pecado e alcançar o Reino dos Céus. Na introdução do *Compêndio* é exposto que "o fundamento e substância da vida Christã é o cumprimento da Lei de Deus, e observância dos seus Mandamentos, por serem as pedras fundamentais destes nossos espirituaes edfícios; e para melhor dizer, o cumprimento perfeito da vontade de Deus." (PEREIRA, 1939, p. 7, vol. I)

Diante de tais colocações, é possível apontar a influência de Inácio de Loyola no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. O *Compêndio*

dispõe de recursos instrumentais que sugerem que Nuno Marques Pereira tinha conhecimento dos *Exercícios Espirituais*. Porém, essa influência apenas atravessa o texto de Pereira, uma vez que o objetivo das obras não é convergente. Mesmo havendo um ideal pedagógico no *Compêndio*, este se trata de uma narrativa literária, que também pode ser utilizada como auxílio para conduzir ou aprimorar comportamentos. Já os *Exercícios Espirituais* são um roteiro de desenvolvimento espiritual, com instruções sistemáticas, e traz a ideia de uma religiosidade mais intimista, buscando um sujeito nas práticas de fé.

2 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estrutura da novela alegórica de Pereira é constituída pelo diálogo de dois personagens principais em ambos os tomos, o Peregrino e o Ancião. O Peregrino representa o homem caminhante, consciente de sua finitude, que busca a salvação e propaga doutrinas e regras para o bem viver, apoiado na matriz do divino. O Ancião, como o próprio Peregrino coloca, é o “Tempo bem empregado”, aquele que representa a transitoriedade da existência e a possibilidade do homem “refazer-se” ao longo do tempo.

Em ambos os tomos, o Peregrino dialoga também com outras personagens que encontra ao longo do seu percurso da Bahia às Minas, sendo o Morador uma referência de destaque na primeira parte da obra. É possível considerar que este elemento complete a tríade na figuração discursiva, uma vez que a colocação desta figura remete ao “homem errante”, ainda ignorante quanto àquilo que se pode chamar de comportamentos imorais, mas que se dispõe a transformar quando é atingido pelo conhecimento dos seus pecados, sendo passível às regras do bem viver e doutrinas propostas pelo Peregrino, para se livrar do pecado e alcançar a salvação. Desse modo, a tríade discursiva se torna mais um dispositivo retórico a fim de persuadir, facilitando a compreensão da doutrina e aceitação dos preceitos propostos.

Já no segundo tomo, o Peregrino continua sua viagem pelo Palácio da Saúde e Território dos Deleites, lugar apresentado ao Peregrino pelo mancebo Bellomodo, trazendo nesta parte concepções sobre a saúde do corpo e da alma, sobre a música, a poesia, a matemática e a filosofia. O Peregrino finaliza sua doutrina tomando como metáfora o Templo da Enfermidade e Casa da Santa Doutrina, concluindo seu percurso percorrendo sobre os quatro novíssimos do homem – Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Na narrativa, o uso da retórica no discurso moral/religioso do Peregrino contribui para a mobilização do dinamismo psíquico. A obra, além de trazer elementos da sociedade luso-brasileira e da cultura da época, também compõe um saber sobre o homem barroco. Apoiado na alegoria da *peregrinação* e nas “submetáforas” do *Compêndio*, Nuno Marques Pereira propõe um conceito de pessoa e traz conhecimentos sobre o

comportamento humano e a vida interior, os quais contribuem para a reconstrução da história dos Saberes Psicológicos, sendo estes analisados mais detalhadamente nos tópicos a seguir.

2.1 – Conceito de Pessoa – O Homem como Peregrino

O conceito de pessoa no *Compêndio* é uma referência essencial para compreender as dobras e os desdobramentos dos Saberes Psicológicos esquadrihados através da narrativa. A concepção de pessoa é balizada pela alegoria do homem como Peregrino, a qual remonta a idéia de um homem que ao conhecer a si mesmo no percurso da existência é passível a transformar sua mentalidade, seus hábitos e ações.

Nesta alegoria, o conceito agostiniano de pessoa, o qual estabelece uma relação entre a alma e suas potências psíquicas está embutido. Tomando um exemplo, ao falar sobre o sinal da cruz, o Peregrino coloca que a primeira cruz deve ser feita na testa ou cabeça, “por se o lugar onde se reside a alma, com suas tres potencias: memoria, entendimento e vontade” (PEREIRA, 1939, p. 212, vol. II), em congruência com os conceitos agostinianos. Massimi (2010b) aponta que a fundamentação do conceito de pessoa em Agostinho e a plausibilidade dos métodos de conhecimentos, em especial o método introspectivo, procedem de uma apreensão unitária da tríade de potências – memória, entendimento e vontade – sendo assim a alma humana uma unidade trinitária.

A obra de Pereira é uma fonte de difusão de doutrinas, visando a reforma dos costumes e dos comportamentos. Para tanto, a narrativa usa a força da palavra como mecanismo de persuasão, do mesmo modo que a pregação do período barroco. Segundo Massimi (2010b), a pregação do período barroco, assumiu uma importante função de transmissão cultural de conceitos, hábitos e crenças com o objetivo de uma mudança de costumes e mentalidade tanto dos indivíduos quanto dos grupos sociais, fazendo uso da prática retórica a fim de mobilizar o dinamismo psíquico. Ainda segundo Massimi, “a concepção de pessoa e a possibilidade de seu autoconhecimento proposta por Agostinho e pela tradição monástica são um eixo fundamental da prática da pregação” (p. 16) na cultura luso-brasileira.

Desse modo, considera-se que o homem ao alcançar o conhecimento e o autoconhecimento, seja então capaz de converter-se.

No início da conversação, o Peregrino coloca ao Ancião que se “devem tratar e haver os homens como Peregrinos” (PEREIRA, p. 22, vol. I), pois ao reconhecer que a existência não passa de mera *peregrinação*, a brevidade da vida pode contribuir para que o homem deixe seus vícios, mudando de costumes a fim de se curar as enfermidades da alma. Para o Peregrino, o homem que escolhe viver virtuosamente deve exercitar e executar boas obras. E diz, “para obrar bem, é necessário pôr por obra o que se propõe na vontade (...). E assim para o acerto da vida, como para a segurança da Glória, não ha de ser só a memória, e o desejo de obrar bem; porém, sim pondo-o em execução” (p. 25).

Na concepção de Nuno, a idéia de homem é pautada na temporalidade, ou seja, na certeza da finitude humana. A questão do homem com um ser finito é explorada pela figura do Ancião, sendo a temporalidade o vetor que alimenta o conhecimento de si. O Peregrino ao dialogar com o tempo, considera o homem um navegante, que ao se tornar cômico de sua condição, deve ter presteza ao escolher sua rota. Assim o protagonista da narrativa coloca que “somos peregrinos, e que vamos caminhando para a nossa pátria que é o Céu: o qual não se alcança por ventura, porém sim por diligencia e trabalho” (p. 324).

A concepção de homem como um navegante está presente no livro de Agostinho *A Vida Feliz*. Para Santo Agostinho (1998, p. 117) os homens são “lançados neste mundo, como em mar tempestuoso” sendo navegantes em busca da “terra firme da vida feliz – numa caminhada exclusivamente dirigida pela razão e conduzida pela vontade”. A felicidade então se relaciona com o conhecimento pleno de Deus.

A importância do autoconhecimento também é incorporada na concepção do Peregrino, e citando Santo Ambrósio¹ diz que “enquanto o homem não sai do corpo ignora-se, e só quando sai dele se conhece” (PEREIRA, 1939, p. 241, vol. II). E ainda tomando os santos doutores, o

¹ Ambrósio de Milão (Alemanha 340-397), conhecido como Santo Ambrósio, foi bispo da atual Arquidiocese de Milão (então chamada Mediolanum), considerado um dos Padres latinos e Doutores da Igreja, tendo ministrado o batismo a Agostinho de Hipona. É considerado um dos quatro grandes doutores da Igreja.

Peregrino afirma “que para o homem se conheça há de entrar em si mesmo; este sair de si, é entrar em si, porque sair do exterior do homem, que é o corpo, e entrar e penetrar o interior dele, que é a alma” (p. 241).

Outro aspecto que se refere ao conceito de pessoa na obra de Pereira, diz respeito à composição e constituição do homem, sendo evidenciado quando o Peregrino discorre sobre a criação do primeiro homem, Adão, o qual feito a imagem e semelhança de Deus e composto também de quatro humores², referentes aos quatro elementos – terra, água, ar e fogo – “dando a Terra a matéria de que foi criado; a Água, para a composição da massa; o Ar, o refrigério para respirar; o Fogo, para o calor natural” (PEREIRA, 1939, p. 95, vol. I). Segundo o Peregrino, ao criar o corpo de Adão, Deus lhe deu a alma racional e então Adão, já feito homem, possuía relevantes dotes da natureza, sendo eles “ciência infusa, livre alvedrio, memória, entendimento, vontade e outras diferentes graças, de que estava adornado” (p. 95), ressaltando a capacidade do homem inteligir e elaborar juízos acerca da realidade diante da compreensão do universal.

Embora o homem seja feito a imagem e semelhança de Deus, o Peregrino também afirma que a paridade que este tem com Deus é nas operações da alma. E então discorre sobre a alma dizendo:

Porque assim como Deus está em todo o mundo, e o enche com a grandeza de sua Essencia: assim a nossa alma está em todo o corpo, e o enche com o ser natural, que Deus lhe deu. Assim como Deus não póde ser inficionado, nem offendido com alguma cousa deste mundo: assim a nossa alma não póde ser cortada, nem quebrada com as cousas corporeas. Assim como Deus vê todas as cousas, e não é visto com os olhos corporeas nesta vida: assim a nossa alma

² De acordo com Massimi (2010a, p. 10) no século 400 a.C., desenvolveu-se a teoria humoral, “onde a doutrina dos quatro elementos é aplicada a quatro substâncias empiricamente encontradas no corpo humano como fruto do metabolismo: os humores”. Existem no ser humano quatro humores que imitam os quatro elementos na natureza: sangue (ar); bílis amarela (fogo); bílis preta (terra); fleuma (água), compondo assim, em um sistema único, a patologia humoral. Ainda conforme Massimi, “a configuração e composição humoral do organismo é também tida como responsável pelas qualidades psíquicas do indivíduo” (p. 10). Ao longo do tempo a “teoria dos humores evoluiu para a teoria dos temperamentos (sistema explicativo da composição humana onde as disposições psíquicas são incluídas)” (p. 12), fruto não só das posições filosóficas, mas também de posições médicas, principalmente as de Hipócrates e Galeno.

vê todas as cousas exteriores, e não póde ser vista dellas. Assim como Deus é vida verdadeira, e dá vida a todo o vivente: assim nossa alma é vida do corpo, e dá vida a cada parte delle. Assim como o ser infinito de Deus, ainda crescendo, ou decrescendo as creaturas, não é accrescentado, nem diminuído: assim a nossa alma, nem nos pequenos membros do corpo, nem nos maiores se faz maior, nem menor. Assim como em Deus ha uma Essencia, e tres Pessôas³: assim na nossa alma ha uma substancia, e tres potencias. Assim como o Eterno Padre é Deus, o Filho é Deus, e o Espirito Santo é Deus: assim o Entendimento é alma, a Vontade é alma, e a Memoria é alma. Assim como Deus é um só, e em todo o lugar, e todas as cousas vivifica, e governa: assim a nossa alma em todo o corpo, e toda em qualquer parte delle, está vivificando, movendo, e governando todas as partes do mesmo corpo. Assim como Deus é simplicissimo, e não composto de materia, nem fórma: assim como nossa alma é simplicissima, e não composta de cousa corruptível. Finalmente, nenhuma honra ha tão grande para o homem, com ser a sua alma creada á imagem e semelhança de Deus, e ser ornada com os quatro dotes da gloria⁴. (p. 108)

Em suma, a partir da concepção de homem que ao longo de sua *peregrinação* se transforma e é capaz de conhecer a si mesmo com o aporte da antropologia do cristianismo, o conceito de pessoa se atualiza na elaboração e reflexão sobre a experiência humana reconhecendo a integralidade do homem em todas as suas dimensões e a disposição em se transformar.

2.2 – Indivíduos e Temperamentos

2.2.1 – Saúde e Enfermidade

³ Apropriação da concepção de Santo Agostinho. Cf. AGOSTINHO. *A Trindade*. Trad. A. Belmonte. São Paulo: Ed. Paulus, 1994. (Original de 416)

⁴ Os dotes da Glória são Claridade, Sutileza, Impassibilidade e Agilidade. Cf. PEREIRA, 1939, p. 108-109, vol. I.

No *Compêndio*, o Peregrino também difunde saberes acerca da saúde corporal e da saúde espiritual, demonstrando conhecimentos sobre a “medicina do ânimo”. A transmissão desse saber implica em uma preocupação com a cura e o cuidado do corpo, considerando o homem como um ser unitário, uma vez que abrange a dimensão física, mental e espiritual para o “regimento do bem viver e do bom morrer” (MASSIMI, 2010a).

Ao logo da viagem, o Peregrino vai à casa de um Lavrador – também nomeado morador - que estava enfermo devido aos desgostos causados pela conduta dos filhos; então relata o Peregrino:

*E chegando á casa do Lavrador, me sahiu uma escrava, e me disse que estava enfermo o seu Senhor e que visse eu o que lhe queria mandar dizer. Disse-lhe eu: Filha, dizei a vosso Senhor que tem em sua casa um **Peregrino** e que tambem estimo achar-me nella agora, **para lhe aplicar algum remedio á sua enfermidade**. Não tardou muito o dono da casa, porque logo sahiu encostado a uma muleta: e eu lhe disse o quanto sentia vê-lo tão molestado. Tudo considero Senhor, (me disse o Lavrador) que procede de meus peccados. Assim o devemos considerar, (lhe disse eu) porque estando a consciencia livre da culpa, não ha cousa, que nos pertube, nem moleste; **e é grande o damno, que o peccado nos faz, assim na alma como no corpo**. (PEREIRA, 1939, p. 168, vol. I, grifo nosso)*

No diálogo com o Lavrador, o Peregrino ressalta que,

Os danos, que disso resultam a quem pecca, não ha razões que os possam explicar por serem innumeraveis. Perde todo o direito que tinha á adopção e filiação de Deus: á proteção, que tem de seus servos e amigos; á paz e serenidade, que acompanha a uma bôa consciencia; á participação das bôas obras de todos os justos. Faz tambem ao peccador cahir em outros muitos peccados, se não é diligente em se levantar delles. Põe-se o peccador em estado de não poder fazer penitencia; e fica finalmente em tal perigo pela culpa, que entre o peccador e o inferno se não mette mais que uma respiração.

Pelo pecado vêm aos homens horrendos castigos e desgraças, como são: doenças, mortes repentinas, deshonras, descréditos e infinitas penalidades que os affligem, e por isso se diz: Supplicium est poena peccati. Donde S. Jeronymo tirou por consequencia, que dos peccados ordinariamente procedem as enfermidades. (p. 169, grifo nosso).

Para o Peregrino, o remédio para a “mortífera” enfermidade do pecado é espiritual, por meio do sacramento da penitência.

Ainda falando com o Lavrador sobre as enfermidades do corpo, o Peregrino coloca que “havemos de supor que muitas vezes os achaques corporais são mesinhas para a nossa alma” (p. 169), pois expõe baseado no livro *Dictames*, do Padre João Eusébio, que se o homem tiver paciência, as penas que este padece servirão de alegria, caso contrário a pena da enfermidade será duplicada. Além disso, o Peregrino responsabiliza o homem pelo “flagelo” da própria saúde e também da mesma vida, explicando ao interlocutor que as causas excessivamente intensas, como o intenso pesar ou demasiada alegria, produzem efeitos contrários, trazendo a seguinte explanação:

A dor faz gritar, mas se é grande, faz emmudecer; a luz faz ver, mas se é excessiva, cega; a alegria alenta, mas se é estupenda, mata; o amor póde ser tão extremoso, que faça loucuras; o odio poderá ser tão extraordinário, que commetta absurdos; as especies se fazem venenos e matam, tanto que passam dos quatro graus de quente a frio. Esta é a razão porque mata o grande pesar ou a demasiada alegria. (p. 170)

O Peregrino fornece ao Lavrador uma explanação dos efeitos da dor⁵ e do pesar, baseado na dinâmica das potências da alma ou “funções psíquicas”, atribuindo a esta causa grande parte das enfermidades corporais, e assim diz,

⁵ Sobre a dor, a tristeza e o descontentamento:

Cf. SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor enquanto paixão. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.* vol. X, 51-62, 2007.

Cf. SILVA, Paulo José Carvalho da. Do príncipe triste ao rei médico das almas. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, vol. X, p. 696-710, 2007.

Sabei que o **homem tem alma racional**, que os outros animais não têm. **Della resultam a Reminiscencia, Memoria, Entendimento, Razão e Vontade, situadas na cabeça, membro mais nobre do corpo, sitio e morada da alma racional.** Pelo entendimento entende e sente os males e danos presentes; pela memoria os males passados; pela razão espera e teme os males futuros, e pela vontade aborrece; estes tres generos de males presentes, passados e futuros, ama, deseja, teme e aborrece. Por cuja causa lhe vêm tantos generos de enfermidade e tantas mortes repentinas, quando o pezar é tão grande, que basta para que de repente a vida se acabe. E quando é menor, vai pondo fraco e attenuado pouco a pouco, segundo a qualidade do pezar que se concebe da parte de quem o padece, até que todo acaba a vida, se se não atalha este damno com os remedios, que logo direi: **por ser o descontentamento o filho menor, que pare e produz o grande pezar ou ira, por alguma grande perda ou damno passado, de que procedem grandes fluxos, que violentamente cahem do cerebro, e arrojando-se a algum membro, como depois fica em casa a discordia (isto é, entre a alma e o corpo) que põe aquelles especies de aborrecimento tão inimigas da saúde, faz que esteja sucessivamente distillando o succo, pouco a pouco, gotta a gotta, como um lambique ou hyssopo, até que seccam e mirram os corpos, e se lhes tira o calor natural com esta tristeza e descahimento.** E ainda eu dissera mais, (com licença dos professores da faculdade da Medicina) que destas causas procede a maior parte de todas as enfermidades que vem aos corpos: o que não exponho aqui, por não dilatar e ser concernente acerca do que pretendo mostrar. (p. 170-171, grifo nosso)

O Peregrino continua sua explicação fundamentada em Platão, dizendo que este filósofo já dissera que da tristeza em demasia resultam várias doenças, tais como "tísica, lepra, apostemas, sarnas, magreza e infinitos males" (p. 171). Em seguida fornece ao interlocutor avisos para o remédio destas tristezas,

quando a esperança de vosso bem faltar, buscai outra cousa, por onde vos esqueça a dor presente, que vos penalizar: Fazei por divertí-la com discreta e alegre conversação, suaves cheiros, alegres campos, correntes rios, espaçoso mar, afinados instrumentos e sonora musica. (p. 171)

O Peregrino ainda diz que as mulheres também devem se defender dos danos que a tristeza obra na saúde humana, “porque lhes resultam muitas vezes, por se julgarem mal casadas e se verem aborrecidas de seus maridos imprudentes” terem a saúde prejudicada devido à amargura.

Para que o morador pudesse melhor compreender os preceitos, o Peregrino traz inúmeros exemplos que ilustram as enfermidades causadas pela afetação da tristeza em demasiada, dentre eles conta o caso que

estando o Grande Pompeio assistindo a umas festas, nas quaes representando uma tragedia, como hoje se costuma fazer as comedias, acaso lhe cahiram de um homem ferido umas pingas de sangue em as roupas, e logo mandou a um pagem levá-las a sua mulher Julia e que lhe trouxessem outras. E antes que o pagem dissesse ao que ia, assim como Julia viu as gottas de sangue, cahiu esmorecida e acabou a vida. Não deixou de ser ligeira essa mulher (me disse o morador) em conceber a nova, sem primeiro examinar causa. Foi tão vehemente (lhe disse eu) a dor, que lhe não deu lugar, nem tempo para que os espiritos a não suffocassem. (p. 171-172)

A enfermidade causada pela intensidade de um afeto denota a sistematização de uma dinâmica psicossomática, na qual a acuidade de um determinado sentimento, por exemplo, a tristeza, é considerada um distúrbio que interfere na saúde do corpo, causando depressão ou outros males, como morte súbita. A paixão impede o uso prudente da razão, interferindo no julgamento dos fatos.

O morador pede ao Peregrino um remédio para os “remorsos da consciência” (p. 228), pois há sete anos está amancebado com uma mulher e não consegue deixá-la, e mesmo sendo repreendido pelo Confessor, não se desprende desse pecado. E sobre este assunto o Peregrino diz,

Agora venho eu a entender, que os peccadores que se vêem em semelhante estado são como os enfermos de modorra,

que nenhum abalo lhes dá quem entra no seu aposento, nem quem sahe delle, porque sempre estão dormindo, como fóra do seu juizo. E assim são os que se vêem no lethargo da culpa: por mais que ouçam ao Confessor e ao Prégador, o aviso do amigo e do parente, a nada dão ouvidos, porque estão mettidos, no somno do peccado.

Tambem são estes taes comparados ao touro, que mettido no curro, ainda póde escapar, porém, tanto que o chegam ao morão, já não podem fugir. Assim são os concubidados: emquanto têm as concubinas fóra de casa, ainda se podem dellas apartar, porém tanto que as mettem de portas a dentro, estão presos ao mourão e delles faz o diabo o que quer, até que os leva ao inferno.

Grande é a cegueira dos homens mundanos, que se deixam levar da vaidosa vida temporal! Porque estando vendo completarem-se os annos, passarem os mezes, correrem as semanas, voarem os dias, contarem-se as horas, em nada disto reparam, e cada vez se mettem mais nos gostos e deleites do mundo: como se tivessem por certo, que, acabada a vida, sem fazerem penitencia, haviam de ir gozar da Bemaventurança. (p. 232-233)

E depois de afirmar que quanto mais o homem conhece seu delito, maior é a maldade do pecado, e que só ele mesmo pode padecer do castigo das próprias culpas, ele prossegue dizendo ao morador:

Vamos ao remedio, que me pedistes. *Haveis de saber, que **para sarar do amor e dessa enfermidade é necessario haver ausencia.** Muitas doenças se curam só com a mudança do ar: porém, a do amor só se cura com a da terra. É o amor como a Lua, que havendo terra entre meio, logo se eclypsa⁶. Isto é emquanto ao remedio temporal.*

⁶ Antônio Vieira em seus sermões também trata da ordenação da paixão amorosa. O amor pode trazer a perda da capacidade racional e de entendimento do homem. Vieira, no Sermão do Mandato, fala sobre os remédios do amor, trazendo a questão da ausência. A comparação que Pereira faz entre o amor e a lua, já havia sido colocada por Vieira no Sermão do Mandato. Cf. ASSIS, R. M. A fineza do amor nos sermões do mandato do Padre Antônio Vieira. In: MASSIMI, M; SILVA, P. J. C. (Orgs). *Os olhos vêem pelo coração*. Ribeirão Preto: Holos, 2001.

Porem fallando espiritualmente. O mais **efficaz remedio é fazer uma Confissão geral muito bem feita**, com proposito firme de antes morrer, que tornar a chair em tal peccado ou em qualquer outro. E um dos maiores serviços, que um peccador pôde fazer a Deus nosso Senhor é o frequentar este Sacramento da Penitencia: porque em as repetidas confissões virá melhor em conhecimento de sua miseria e fraqueza, e então reconhece melhor a grandeza de Deus, dando louvores a Sua Divina Magestade. E por isso Santo Agostinho: (super Psal. 94.) que um peccador penitente e arrependido de sua má vida, ao mesmo Deus engrandece e exalta. E o Propheta Isaias (cap. 30.) diz: que a grandeza, que Deus mostra, é quando aos peccadores perdôa.

E assim venho a entender, que esta foi a razão, porque disse Christo Senhor nosso, que maior applauso e maior festa se fará na Côrte do Céu, a um peccador penitente arrependido e que confessa bem e verdadeiramente seus peccados, do que se fará a muitos justos, que não necessitam desses remedios (Luc. cap. 15. v. 7). (p. 233-234, grifo nosso)

E ainda tratando do pecado do concubinato e do vício da carne, o Peregrino diz que quem “não sabe da sua doença não trata de lhe buscar a medicina” (p. 234), e se o homem se deleita e se apetece desse pecado, nem pedem por algum remédio. E a fim de conservar a saúde corporal,

*devia o homem fugir de semelhante vicio, pelos horrendos e atrozes casos e successos que têm acontecido no mundo por causa deste peccado. E se os que o commetem, lêssem com attenção a **anatomia do corpo humano**, veriam o risco a que se expõe em semelhantes excessos naquelles actos e em taes tempos. **A experiencia tem mostrado, que nenhum anima irracional periga nestes actos tanto como o homem.** E se não, vêde. Ainda que os animais faltos de razão são mais regrados nesse vicio, porque lá tem seu tempo de propagação: porém, o homem, chegando a ficar cego, sempre está appetecendo este peccado, sem reparar no **prejuizo de sua saúde**. E como pelo excesso delle fica peor que os brutos, por isso succedem os perigos e mortes*

repentinas que tantas vezes se têm visto. A razão destes sucessos dá Moreto⁷ no seu Livro intitulado Luz da Medicina, no Prologo ao Leitor, comparando o semen do homem ao azeite da candeia, que acabado este, expira.

Que mortes repentinas não têm acontecido nesse mesmo acto! Muitos depois de terem sahido delle, por beberem um púcaro de agua fria, cahiram mortos; a outros lhes deu um estupor ou paralyisia; outros vieram a entisicar; e outros se encheram de gallico e ficaram deformes, padecendo mil dôres e incapazes de remedio até a morte.

A tudo isto, e ao mais que me não é possível explicar, está exposto o homem, que se deixa enlodar em semelhante vicio, sem se querer tirar delle a tempo: e quando menos cuidar, se verá sepultado no inferno. (p. 234-235, grifo nosso)

Os relacionamentos sexuais não matrimoniais favorecem a decadência da saúde do homem. Entretanto, como o vício da carne está relacionado ao prazer, torna-se difícil suprimir tal comportamento. Dessa forma, há a recomendação para que o homem tome o estado de casado para “poder viver bem e virtuosamente, tanto no serviço de Deus, como para a conservação da própria vida” (p. 239).

Alguns vícios, como o da avareza, também prejudicam a saúde da pessoa. Conforme o Peregrino, é preciso fugir do

vicio da avareza, pelos grandes males, que traz consigo tanto para o corpo, como para a alma; e o pouco caso, que devemos fazer dos bens temporaes; pois tanto nos impedem para gozarmos os bens do Céu. E assim havemos de considerar, que todos somos nesta vida peregrinos, e que não convém carregar muito; antes devemos repartir do que tivermos pelos companheiros, para ficarmos mais livres, e desembaraçados para caminharmos

⁷ Francisco Morato Roma (1588-1670) foi médico português, primeiramente formado em Filosofia pela Universidade de Évora e depois licenciado em Medicina na Universidade de Coimbra. Em Lisboa, foi médico da Câmara Real de D. João VI e de D. Afonso VI. Escreveu vários livros, dentre eles Luz da Medicina prática, racional e metódica, guia de enfermeiros, Lisboa (1664), o qual foi dividido em três partes, tendo várias reimpressões ao longo dos anos, sendo a última no ano de 1753 em Coimbra.

para o Céu, onde só poderemos descansar, como em Patria, para onde fomos creados. (p. 47, grifo nosso)

2.2.2 – Regimes para o bem viver

Nas andanças do Peregrino ele ainda encontra outro morador que lhe pede algum remédio para as enfermidades de que padecia. O morador considera o Peregrino um “homem mui ensinado do tempo e com mui largas experiências: e por isso vos quero fazer presentes as importunas moléstias, que padeço” (p. 311). O morador se queixa que a causa da sua moléstia há oito anos eram as “ventosidades melancólicas” ou “flatos hipocondríacos”, como os médicos modernos chamavam, que pelas “grandes ancias” acometiam o “coração e mais membros do corpo” (p. 312). Além disso, já tinha despendido de muito dinheiro da sua fazenda para fazer uso dos remédios que os médicos tradicionais prescreviam, porém sem sucesso de melhora em sua saúde.

Em razão do pedido do morador para que lhe desse um remédio “para livrar de tão repetidas queixas e moléstias, tanto para a saúde corporal, como para o espiritual” (p. 312), o Peregrino diz ao morador:

*Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que não seja minha profissão aconselhar semelhantes casos: comtudo, fiado no que lá disse um Escriptor moderno, que nenhum, por douto que seja, deve desprezar os **conselhos dos velhos**: e por ter lido, que antes que houvesse estes **Galenos, Hippócrates e Avicenas**, já se curavam os homens, mais pela **experiência**, que por Sciencias e artes da Medicina, e ainda hoje o estamos vendo observar em muitas partes e lugares do Mundo, e principalmente neste Estado do Brasil, nas partes que não se acham Medicos, nem Cirurgiões, nem Boticas: e tambem porque me parece que Deus, como Autor da Natureza, nos quiz mostrar que não pôz a virtude dos remédios nas palavras dos homens, mas sim nas pedras, metaes, plantas, aguas, etc., por isso me atreverei agora a dizer-vos o que sinto acerca desse vosso achaque. (p. 312, grifo nosso)*

Antes que o Peregrino faça seu aconselhamento, ele enfatiza que não é intenção “dissuadir” o morador a procurar os professores da medicina

para consultar sobre as enfermidades, reconhecendo que a medicina é uma das grandes ciências que há, desde que o médico ou cirurgião seja “ciente” e atue com “zelo, que deve à profissão de sua ciência e arte” (p. 312).

Além de demonstrar um conhecimento das teorias médicas de Hipócrates, Galeno e Avicena, os conselhos do Peregrino são baseados principalmente em um repertório de saberes advindos “da larga experiência”, que muitos com enfermidades similares “por tanto se quererem curar e requintar a saúde”, morreram e outros “usando só do bom regimento, viveram largos anos, por observarem a parcimônia” (p. 312). E assim o Peregrino segue sua narrativa com recomendações tanto para a saúde corporal quanto espiritual, abrangendo assuntos como os excessos na alimentação e bebida, o demasiado sono meridional, a importância dos exercícios físicos e também sobre a conveniência da paciência, da penitência, do jejum e da disciplina.

Sobre a alimentação, o Peregrino discorre que o excesso de alimentação, ou seja, a gula é causa de muitos males para a saúde, podendo até causar a morte. Por este motivo, é costume nos refeitórios de “todos os Religiosos”, ler algum livro espiritual ou sobre a vida dos santos, “porque é bem, que assim como se trata o provimento temporal, participe também a alma do sustento espiritual”, e assim os religiosos podem se abster de cair “no pecado da gula e usem de temperança, por conhecerem o grande estrago, que faz nos corpos e nas almas o pecado da gula” (p. 313).

E assim segue aconselhando o morador para que não deixe se dominar pelo vício da gula, “enchendo a vossa mesa de muitos pratos: e principalmente fugi de ceias largas e comeres flatulentos” uma vez que estas “costumam fazer ruim cozimento no estomago, e por isso tem acontecido morrerem muitos de repente, por se lhes suffocarem os espiritos vitaes por falta da nutrição e não poderem digerir o muito que comem” (p. 314).

Em seguida o morador pede para que o Peregrino então explique o conselho de Avicena, “janta pouco e ceia mais” (p. 314). Então o Peregrino explica que “esse Autor da Medicina falou no sentido diminutivo, dizendo, que jantassem pouco e ceassem mais, id est, mais pouco” (p. 314). Mas ressalta quem nem todas as pessoas são reguladas por um só regimento,

pois alguns podem jantar e ainda melhor cear e não acontecer nenhum mal para a saúde, reconhecendo as características e diferenças individuais ao dizer “que nem tudo serve para todos, nem todos servem para tudo” (p. 314).

Tomando a fala de Hipócrates, *Somnus atque vigília, utrumque sine modo excitat malum* (p. 314), o Peregrino avisa que se deve evitar o demasiado sono meridional, “porque faz engrossar os humores de que procedem muitas enfermidades” e também é prejudicial à saúde longas vigílias durante a noite, pois “Deus fez a noite para o descanso das criaturas” (p. 314).

Em relação à alimentação, o Peregrino ainda coloca que segundo o que demonstra “a larga experiência”, não se deve comer muito doce, pois “tudo que adoça a boca nos faz amargar no estomago” (p. 314). É interessante a observação que o Peregrino faz sobre a nocividade das frutas à saúde, para ele, as frutas devem ser comidas “fruta por fruta, e não a fartar”, porque delas também vem aos homens várias enfermidades do corpo. A água, se tomada em excesso, também é considerada uma bebida que traz malefícios à saúde, “porque suposto que seja um dos melhores licores que há para o alimento da vida, pelo que tem de fria e úmida, é mui nociva e inimiga da natureza”, sustentando sua prerrogativa na sentença de Galeno, *frigus inimicum est naturae* (p. 314-315).

O morador pergunta ao Peregrino sobre os benefícios do vinho sobre o corpo, e o protagonista discorre sobre “as grandes utilidades do vinho tomado com boa ordem” (p. 315). Baseado em Hipócrates e Galeno, o Peregrino discorre sobre vários benefícios do vinho, colocando que o vinho “sustenta e repara as forças perdidas, mais depressa que o comer” (p. 315). Além disso, o vinho “faz bom cozimento para a nutrição e provoca o suor e urina”, sendo “sumo remédio para os velhos” (p. 315). E continua seu discurso dizendo que o vinho dentre outras coisas,

*concilia o somno, aviva os espiritos, favorece o sangue, alegre o coração, causa costumes placidos: excita o calor natural, não só aos velhos, mas aos **melancolicos**: tempera os **humores**, desterra as tristezas; é o único remédio dos*

pusillanimes, porque os torna mais forte e até as mulheres faz fecundas. (p. 315, grifo nosso)

Embora o Peregrino cite as várias “excelências no vinho”, o protagonista faz uma ressalva: “não ha cousa mais perniciosa que o demasiado vinho, tomado desordenadamente sem necessidade: porque é o principio e origem de todas as enfermidades do corpo e da alma racional” (p. 315). O vinho se tomado em excesso pode se tornar um vício, e em virtude disso o Peregrino adverte o morador que ao se embriagar com vinho o corpo fica privado de seus sentidos; e em relação à alma, esta se torna “desamparada do uso da razão, e por isso obrando brutalmente, por ter ofuscado o entendimento, vem cair em enormes e feios pecados” (p. 315-316).

Tendo feito estas colocações, o Peregrino segue tratando especificamente da doença que acometia o morador, aconselhando que

Para esse vosso achaque são salutifero remedio os coridaes, por serem os alentos do coração: e se nelle sentires algumas anciãs e affrontamentos, pondo-lhe em cima um pedaço de seda vermelha ou cochonilha escarlatada, em que se tenha borrifado agua de flor ou da Rainha da Hungria: e tambem serve o balsamo apopleptico, por ser o coração mui nervoso e rodeado de membranas, e por isso necessita que o ajudem com o calor. (p. 316)

Ainda diz para não desprezar “as ajudas, que muitas vezes ajudam a viver” (p. 316). É preciso fugir “do sereno da noite como de verduco para os achacosos” e é bom buscar “o fresco da manhã pelo Verão” (p. 316). O exercício físico moderado também contribui para uma boa saúde,

*porque, segundo uma regra da Philosophia, o movimento causa calor: motus est causa caloris: e deste modo se gastam as superfluidades, ruins **humores** do corpo e se distribue o calor natural pelos membros, para lhes dar ser e força: porque diz Galeno: (lib. 6. De Locis a fl.) Proprii officii exercitatio robur partis corporis adauget: quer dizer: Que o exercício nas partes do corpo lhe acrescenta a força.* (p. 316, grifo nosso)

Mas alerta o Peregrino que o exercício físico só é proveitoso à saúde se feito com comedimento, “porque, sendo excessivo, é prejudicial aos

corpos e os faz cair em muitos achaques” (p. 316). O descanso laboral é necessário tanto para a saúde física quanto espiritual, pois nos dias de descanso o homem pode se ocupar de bons exercícios servindo e louvando a Deus.

Para o Peregrino, o fundamental para se ter uma boa saúde é o equilíbrio, ou seja, a moderação. Então conclui que “em todas as coisas, assim no trabalho manual, como no intelectual, se deve procurar o meio, por nele se consistir a virtude” (p. 317). E usando da definição de corpos de Aristóteles⁸, expõe que “os corpos sublunares não devem ser tão excessivos no trabalho, nem tão deixados ao ócio, que por um venham a perder a perfeita saúde e pelo outro a salvação” (p. 317).

Em relação à saúde espiritual, o Peregrino continua seu aconselhamento dizendo que não se deve dormir tarde para que “vos falte o tempo de tratar da vossa alma” (p. 317). É importante conservar a virtude da paciência, por ser esta “entre as mais virtudes a oitava maravilha, como assim a moralizou Santo Agostinho falando das oito bem-aventuranças”, uma vez que o exercício da paciência garante “muitos alívios nesta vida e o prêmio da bem-aventurança na outra” (p. 317). E segue dizendo,

Corroborase mais esta virtude com aquella admiravel lição, que nos deu Job, como tão experimentado nella, quando disse: (cap. 14. v. 1.) Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseriis: O homem nascido de mulher, vivendo tempo limitado, está cheio de muitas miserias: para nos dar a entender o como está a nossa natureza sujeita a tantas miserias e trabalhos para termos paciência. Pelo que fica advertido, que, faltando esta, falta o merecimento para com Deus e damos forças ao demonio para mais nos tentar e levar ao precipicio. (p. 317-318).

De igual modo, trata sobre a salvação, esclarecendo que Deus só dá ao homem o seu Reino se este merecer levando sua própria Cruz:

isto é, fazendo penitencias, jejuando, disciplinando-nos, trazendo cilícios, exercitando todas as boas obras,

⁸ Aristóteles divide o mundo em supralunar e sublunar. O mundo supralunar se refere ao “mundo celeste”, perfeito e eterno, composto da “quintessência”, o éter. O sublunar diz respeito ao “mundo terrestre”, e os corpos são compostos de quatro elementos, terra, água, ar e fogo, em virtude dessa formação corporal todas as coisas e corpos sublunares são imperfeitos, tem um estado passageiro e morrem (MOSCHETI, 2003).

*mortificando-nos e abstrahindo-nos de todos os gostos e deleites do mundo. E quando Deus vê que o não fazemos ou que não é o que basta para nos dar a salvação; por sua Divina misericórdia costuma dar-nos trabalhos, pobreza e, finalmente, outros muitos **detrimentos e molestias**, que chamamos Cruz. E ficai entendendo que se não passarmos por esta ponte e subirmos por esta escada, não é possível chegarmos ao Reino do Céu. (p. 318, grifo nosso)*

O Peregrino segue dizendo ao morador que é importante ouvir as sentenças dos Santos Padres, pois estas “servirão de receita e lenitivo, para que possais sofrer as penas, que padeceis” (p. 318). Então cita algumas doutrinas de importantes representantes, tais como São João Crisóstomo, Padre Mestre Ávila⁹, Santo Agostinho, São Paulo¹⁰, Padre Frei Antônio das Chagas¹¹, dentre outros. E apoiado nas regras de São Basílio¹² diz:

Que não ponha um enfermo toda a sua confiança no Medico e nas medicinas, attribuindo a isto a causa de sarar ou não, mas que ponha toda a sua confiança em Deus, o qual ás vezes quer dar-lhe saúde nessas medicinas e outras vezes não. Assim tambem quando lhe faltar o Medico, ou as medicinas, não desconfie por isso da saúde, porque quando Deus quer, sem isso sara. E assim quando o Medico errou a cura por não conhecer a enfermidade, ou quando o enfermeiro descuidou, esse erro, ou descuido, ha-se de tomar por acerto de Deus: porque para com Deus não acontece cousa alguma acaso. (p. 319)

A vida dos Santos é considerada um espelho para tratar das enfermidades, visto que estes “sofreram com admirável paciência suas dores e aflições muito maiores que as nossas, por amor de Cristo” (p. 320-321). O Peregrino cita exemplos baseados em São Francisco de Assis¹³, São

⁹ Padre Mestre Ávila (1500-1569) ou São João de Ávila, padre e santo católico.

¹⁰ Paulo, conhecido como Paulo de Tarso ou São Paulo, (c. 9 — c. 64), foi um apóstolo de Jesus.

¹¹ Frei Antônio das Chagas, (1631-1682), frade franciscano e poeta português.

¹² São Basílio (329 – 379), teólogo, escritor cristão do século IV.

¹³ São Francisco de Assis (1182-1226), frade católico italiano.

Francisco Xavier¹⁴, São Bartolo de São Geminiano¹⁵, Santa Sinclética¹⁶, Santa Liduvina¹⁷, Santa Tereza¹⁸, Santa Gertrude¹⁹, e outros, a fim de demonstrar a resignação dos santos mesmo padecendo de gravíssimas enfermidades. Deste modo, coloca que:

Um doutor moderno diz: Que não se pede ao Christão que seja insensível nos males, senão resignado nelles: sinte o corpo, e dentro delle viva resignada a alma: queixe-se o que padece, alegre-se o que merece. Tenha o sentimento, porém, não o consentimento. Considere que merece mui bem o que padece: e que ou nesta vida ou na outra ha de pagar o que peccou nesta. Crea, que assim como as penas da alma são mais sensiveis que as penas do corpo, são infinitamente mais terriveis as penas da outra vida, que as desta. (p. 320)

Também é exposto pelo Peregrino que a natureza humana tem, muitas vezes, pouca consideração para com a doutrina das palavras de Deus, e por isso o homem deseja aquilo que ofende a si mesmo e recusa o bem espiritual. E então explica,

Porque sendo a vida, a respeito da eternidade, um instante, não há creatura racional que não deseje viver neste mundo muito tempo com saúde, deleites, gostos, regalos e contentamentos: devendo considerar, que é cousa incompativel ter contentamentos, regalos, gostos e deleites neste mundo e querer salvar-se sem fazer penitencia das culpas commetidas contra Deus. Isto é querer voar sem azas, nadar sem braços e andar sem pés. (p. 323)

¹⁴ São Francisco Xavier (1506-1552), missionário cristão português e co-fundador da Companhia de Jesus.

¹⁵ São Bartolo de São Geminiano (1227-1300), sacerdote franciscano.

¹⁶ Santa Sinclética (século IV), religiosa egípcia.

¹⁷ Santa Liduvina (1380–1433), devota católica holandesa, padroeira dos doentes incuráveis.

¹⁸ Santa Teresa de Ávila (1515—1582), religiosa e escritora espanhola.

¹⁹ Santa Gertrudes de Helfta (1256-1302), beneditina, mística e teóloga alemã.

Para ser salvo, um cristão deve fazer uma confissão na qual reflita sobre seus próprios comportamentos, e partir disso deve considerar o que se tem “feito e obrado no progresso de toda a sua vida” (p. 323). Para o Peregrino é preciso se dispor a morrer, antes mesmo de morrer. O homem precisa procurar as obras de virtude e sofrer as moléstias com paciência, agradando a Deus com suas obras e fazendo penitência.

E depois de orientar o morador com normas para a saúde corporal e espiritual, o Peregrino enfatiza, trazendo a alegoria da *peregrinação*, que devemos agir com presteza e trabalho para alcançar a ventura.

2.2.3 – Feitiçarias e adivinhações

Outro aspecto levantado, diz respeito às festas de origem africana realizadas pelos escravos, chamadas Calundus. Essas festas tinham um aspecto religioso, no qual os praticantes exerciam rituais de cura, de feitiçaria e adivinhações. Entretanto, estes rituais eram condenados pela Igreja Católica. Para o Peregrino, dos adjuntos e festas dos Calundus, advém “horrendo pecados”, e muitos se deixam enganar pelos cultos dos Calundus porque,

tem este infernal inimigo seus corretores, que induzem, e o inculcam para este fim: mette-lhes de permeio as conveniencias de ganharem, para depois se perderem; e apanhando-os dentro, faz de uma creatura, o que quer: porque como lhe falta a Fé e o temor de Deus, joga com Ella, com lá dizem, a péla. (p. 130)

E então o Peregrino discorre sobre as consequências desse pecado, contando ao morador o caso que se segue:

*Sahe uma mulhe desse atroz acto immunda e inficionada: chega um homem a solicitá-la; alli a contamina, e o inficiona de tão **máu humor**, que o deixa incapaz de viver. Começa a queixar-se, e não ha Medico nem Cirurgião que lhe acerte com o mal, por ser de especie de diversa da natureza, apanhado em um vaso do Inferno: já queixando-se de **flatos melancólicos**, já de **dôres insupportaveis**; e emfim não ha cura que lhe acerte, nem remedio que o cure. Aqui chega um corretor do diabo, e lhe diz, que se quizer ter **saúde**,*

*procure um **preto curador** (ou para melhor dizer, **feiticeiro**); este lhe come o dinheiro, e talvez dá com elle no Inferno.*

Assim succedeu a El-Rei Ocozias, de quem diz a Escritura que estando enfermo mandou consultar sobre sua saúde ao demonio Beelzebud; e Deus lhe mandou intimar pelo Propheta Elias, que por deixar a Deus, a quem podia consultar sobre o estado de sua vida, se não levantaria da cama, em que estava, e morreria. (Lib. 4. Reg. cap. 1.) Bem entendeu esta verdade o Paralytico, que só creu que Christo lhe podia dar saúde, e fazer o milagre de o sarar; como fez quando lhe disse, que tomasse o seu leito, e se fosse em paz: (Matth. 9.6.). (p. 131, grifo nosso)

Mais uma vez o Peregrino expõe como os humores interferem na saúde dos corpos, e demonstra que se o homem congrega com as feitiçarias que prometem a cura e restabelecimento da saúde, este sela seu destino ao Inferno. E o Peregrino segue contando um caso de um feiticeiro que enganou ao demônio,

E foi o caso, que consultando um feiticeiro ao diabo acerca da saúde de um enfermo, lhe respondeu que já não tinha remedio o enfermo, por ser o mal mui velho: e que não havia medicina, que lhe pudesse dar saúde. Repliou o feiticeiro: que visse se lhe podia dar algum remedio, pelo grande lucro, que lhe havia promettido o doente. Disse-lhe o diabo: que não tinha remedio por ordem natural; mas só querendo Deus milagrosamente, como Autor da natureza. Calou-se o feiticeiro, e fez um discurso comsigo acertado. Logo Deus é o que tudo póde fazer: e se eu fizer penitencia, posso salvar-me: e tu diabo, nada podes, sem Deus o permitir. E com esta resolução, tratou de buscar a um Confessor douto, e bom Christão, e com elle se confessou da sua culpa, e fez penitencia, e acabou com sua opinião de grande arrependimento; ficando o diabo burlado do feiticeiro, por lhe ter descoberto a verdade sem o querer fazer.

Também se conta na vida de Santo André Apostolo, que consultando uma mulher com o demonio o remedio, que teria, para se livrar de um parto perigoso, lhe disse o

demonio que se valesse do Santo. E indo ella pedi-lo ao Apostolo, lhe respondeu: Com justa causa padeces esse trabalho, porque casaste mal, consultando ao demonio: mas com tudo faze penitencia, crê em JESUS Christo, e lança o menino. E crendo ella, logo moveu, e cessaram as dôres. (p. 131-132)

O Peregrino mostra que a vinculação com o Diabo para se obter a saúde corporal é um engodo, e que até mesmo os feiticeiros não podem deixar de se valer do encontro com a verdade divina. Os remédios tanto para a saúde corporal quanto para a espiritual, só podem advir de Deus. E os homens só podem recebê-los ao se arrepender e se livrar do pecado.

2.2.4 – Pastrano e a farmacologia brasileira

Na narrativa que se segue no *Compêndio*, durante o capítulo XXVI, o Peregrino dá voz ao personagem Pastrano²⁰. Este novo personagem dialoga com a figura do Desengano, e dentre os assuntos que ambos discutem, levantam uma crítica à medicina. Quando o Pastrano vê um homem saindo de uma casa e se benzendo, pergunta ao Desengano quem era aquele homem, e o Desengano diz:

Que era um doutor em Medicina, a quem chamava Medico: e que sem dúvida fôra visitar ao enfermo a quem assistia, e como o achasse morto, ia fazendo aquellas visagens, para que cuide o povo que não póde morrer o enfermo sem licença do Medico. Pois, Senhor, (lhe disse eu) que sciencia é essa, que não conheceu esse Medico a grandeza da enfermidade pelos pulsos e mais symptomas do achaque, para lhe applicar o remedio, ou desenganar ao doente que morria? Porque dos homens é o errar (me disse o Desengano); que se elle conhecesse a doença e lhe applicasse os remedios convenientes, talvez não morresse o enfermo, porque diz o Castelhana: La enfermedad conocida,

²⁰ Pastrano, no dicionário online da Língua Portuguesa, significa homem rústico ou grosseiro. Disponível em <michaelis.uol.com.br> Acesso em: 1 de fevereiro de 2012. A palavra Pastrano também é referente a uma das Hierarquias Acadêmicas dos estudantes do Ensino Superior de Portugal, conforme as regras da *Praxe Académica*. Assim, o Pastrano é o estudante que ainda é calouro, mas depois do Cortejo de Queima das Fitas, no período entre a primeira e segunda matrícula, já pode usar a pasta da praxe. Disponível em <http://www.loja-academica.pt/codigo/cog_praxe_Coimbra.pdf> Acesso em: 1 de fevereiro de 2012.

sanada está. Além de que, também as enfermidades tomam vários termos, já por se complicarem os humores, já pelas influencias dos Planetas, que dominam nos corpos sublunares. E muitas vezes succede aplicar o Medico um remedio mui presentaneo a um enfermo, segundo a arte e regra da Medicina para a saúde, o qual vem a ser um refinado veneno para a morte, ou pela debilidade dos corpos, ou tambem pelo muito enchimento e cargas dos humores.
(p. 367)

O Pastrano conclui, que "só Deus é o verdadeiro Medico" (p. 367). E o Desengano reforça a máxima dizendo que "os Medicos o mais que podem fazer é aplicar os remedios, porém, Deus é o que dá a saúde" (368-367).

Isto posto, o Pastrano ao ver uma botica, e ser informado pelo Desengano que nem todos os remédios que lá estão servem para a saúde dos doentes, por "serem de outro clima, por velhos já estão corruptos" (368), conversa sobre a qualidade dos remédios e medicamentos que temos no Brasil,

Pois se isso assim é, Senhor, (Ihe disse eu) melhores remedios e medicamentos temos nós no Brasil, por novos, e por isso mais vigorosos e benévolos por serem do mesmo clima, onde por natural razão, melhor devem obrar nos corpos, que delles necessitam. Não tenho, Senhor, a menor dúvida nesse particular, (me disse o Desengano) porque tenho ouvido dizer, que na America ha tantas virtudes nas plantas, oleos, aguas e pedras, como se podem achar nas mais partes do mundo: o ponto está em haver quem as conheça, para o ministerio da saude. (p. 368)

A medicina se torna apenas um instrumento que pode vir a contribuir com os desígnios de Deus. A ajuda do médico nos processos de cura independe da capacidade técnica e dos conhecimentos adquiridos. Se a vontade divina não coincidir com o desejo humano, nem mesmo a intervenção médica garante o restabelecimento da saúde corporal.

2.2.5 – As práticas religiosas

Além disso, o Peregrino discorre sobre o bem que o ouvir a missa traz à saúde. Durante a missa, é o tempo mais oportuno para a oração a fim de

que o homem possa negociar com Deus a ajuda divina. Assim, a oração é um dos “maiores remedios, que ha para destruir os vicios, chegarmo-nos a Deus, e grangear virtudes” (p. 62). E continua o Peregrino, que o ouvir missa é um grande bem espiritual e,

Faz abater a soberba, deixar a avareza, refrear a luxuria, aplacar a ira, esquecer da gula, diminuir a inveja: e finalmente de tibios, e preguiçosos, nos faz diligentes no serviço de Deus. [...] Finalmente neste sagrado Sacrificio da Missa se acha para os afflictos allivio, para os tristes consolação, para os attibulados remedio, para os combatidos soccorro, para os desconsolados esperança: e toda a mais paciencia, fortaleza, graça, por meio deste divino Sacrificio se alcança, porque é fonte de luz, e mar de infinitas graças, e indulgencias para os vivos, e tambem para as almas do Purgatorio. (p. 63-64)

A Santa Cruz deve ser venerada, pois serve como remédio e instrumento da salvação. Ao expor as excelências de se adorar a Santa Cruz, o Peregrino afirma que

Na Lei da Graça, teve e terá a Cruz estimação até o fim do mundo; por ser o instrumento da nossa Redempção, e pelas estupendas maravilhas, com que obrou Christo no seu amor para comnosco, consummando tudo quanto os Prophetas tinha escripto, e dito dos seus milagres. O que tudo fez para remedio de nossa salvação, tomando a Cruz por instrumento de sua sagrada Paixão; pois della, como de cadeira, deu ao mundo tanta doutrina: della como de altar, sacrificou sua sagrada Pessôa em satisfação das nossas culpas: della, como de balluarte fortissimo, pelejou contra os inimigos mortaes apoderados do mundo pelo peccado: e della finalmente aperfeçoou tudo o que convinha para o nosso remedio. (p. 91-92)

Segundo o Peregrino, até mesmo o pedido de Deus para que Adão e Eva não comessem da árvore da ciência do bem e do mal tinha como intenção que eles vivessem no Paraíso “com toda a felicidade em perpetuo e continuo contentamento de seus entendimentos, e saúde de seus corpos”

(p. 97). O pecado original concretiza a possibilidade e o início adoecimento do homem. Então o Peregrino descreve,

*Porém Adão, constituído em todas estas honras, não guardou o preceito de Deus: porque comeu do fructo prohibido, que lhe deu Eva; á qual tinha dito o demonio, transformado em serpente, que, comendo-o elles, seriam como deuses. Comeram finalmente **ambos do fructo da arvore vedada, primeiro Eva, e depois Adão: e deste modo se fizeram a si e a todos os seus descendentes sujeitos não só ao peccado, que é a morte da alma, mas tambem varias calamidades, e enfermidades do corpo, e á morte corporal, e condenação eterna:** e por esta razão se chama este peccado de nossos primeiros Pais peccado original. (p. 97, grifo nosso)*

Deste modo, a doença se caracteriza pela consequência do pecado e desobediência aos preceitos divinos. A natureza humana é instável e passível de grandes fraquezas, as quais dissuadem o homem de seguir um regime do bom-viver.

Na conversação com um morador, o Peregrino fala da necessidade de se ter um confessor para ajudar a cuidar das enfermidades da alma. E assim instrui ao morador como deve escolher o Confessor, dizendo

A eleição que haveis de fazer de Confessor (podendo) deve ser de um só, a quem tendes por vosso director: e esse seja douto, prudente, e virtuoso, que saiba distinguir, discernir, e conhecer a enfermidade da vossa alma. Porque, se para os achaques do corpo buscamos o melhor Medico; e para fazer um vestido, o melhor official: com maior razão, para a enfermidade da alma devemos de buscar o melhor Medico; e para o vestido, com que havemos de apparecer na Côrte celestial, o melhor official. Para o fazer com acerto. Porque succede muitas vezes haver tanta ignorancia da parte dos Penitentes, que de pequenos peccados supõe não poderem ser absoltos, sem irem a Roma a buscar a absolvição: e de outros de grande peso, e circumstancias, fazem tão pouco caso, que não chegam a confessá-los. E por esta razão é

necessário haver Confessor douto, prudente, e virtuoso, para os saber examinar e aconselhar (p. 114-115).

O homem não deve cuidar apenas do seu corpo, mas ter zelo e cuidado com a saúde da alma. Para tanto, o Confessor “há de ser como o Medico, Cirurgião, e Sangrador: não ha de olhar para o melindre, ou grandeza do enfermo; senão para o risco em que está da saúde da alma” (p. 118).

2.2.6 – As artes e seus efeitos no dinamismo psíquico

No segundo tomo, o Peregrino também traz saberes que dizem respeito tanto à saúde corporal quanto espiritual durante sua *peregrinação* pelo Palácio da Saúde e território dos deleites. Neste percurso, acompanhado pelo mancebo Bellomodo, o Peregrino dialoga com áreas do conhecimento que são consideradas pilares na vida do homem, nomeando alegoricamente por Mestra da Solfa, Mestra da Poesia, Mestra da Matemática e Mestra da Filosofia.

No encontro do Peregrino com a Mestra da Solfa, discorre sobre as excelências da música, expondo que a experiência já havia mostrado

*que entre as mais artes liberaes, é a música a mais perfeita, e universal, e natural a todas as creaturas racionaes e irracionaes, como são os terrestres e voláteis, e como cousa tão sabida me escuso de o explicar, e ainda as arvores compelidas dos ventos tangem, e cantam, e fazem o compasso com seus ramos; cantam as pedras, e os metaes; até os **quatro elementos** usam da consonancia da musica; finalmente serve a musica para a **saúde corporal**.*
(PEREIRA, 1939, p. 40, vol. II, grifo nosso)

E completa dizendo que de acordo com o doutor São Gregório Nazianzeno²¹, a arte da música além de ser útil e necessária para vários usos da ciência, é também “recreio para a vida humana” (p. 41).

Tendo feito tais colocações, o Peregrino se detém então a explicar para a Mestra da Solfa os benefícios da música para a saúde corporal,

²¹ São Gregório Nazianzeno (329-389), Patriarca de Constantinopla, teólogo e escritor cristão.

*Agora vos quero explicar, senhora, como tambem serve a **musica para a saúde corporal**. É a música o que mais **alegra o cerebro e o coração**, porque é um genero de contentamento espiritual, que **alegra a alma**; por cuja razão se une com o **affecto recreativo do espirito**, tanto que com a musica se cura o damno que faz o veneno. Sabido é aquelle remedio com que se curam as mordeduras daquellas aranhas da Provincia de Apulia chamadas tarantulas, que têm tanta peçonha e veneno, que a pessoa a quem mordem só cantando e bailando se livra do perigo.*

***Galeno**, depois de consumado sua faculdade de Medicina, aprendeu a musica, por reconhecer o quanto era necessario usar della para a **saúde**. Prova-se isto pelo que diz o Ecclesiastico, 40. 20, falando da musica onde diz, que tambem aproveita a **saúde corporal**.*

*Asclepiades escreve que aos freneticos aproveita a musica. Tambem Ismenias, medico thebano, **curava muitas dôres, e outras enfermidades com musica**. Theofrasto e Aulogelio dizem que **a musica mitiga as dôres da ciática e da gotta: além de outras enfermidades**, que alivia muito o ouvir harmônico da musica. Serve também para os **melancolicos, e afflictos do coração**, como se está experimentando a cada passo; pois vemos que os trabalhadores se aliviam do trabalho cantando: os presos, e afflictos, só cantando divertem as suas penalidades e afflicções.*

*Por cujas razões é esta arte por muitos titulos mãe digna de toda a estimação, e merecedora de se prezar muito, assim por servir nas igrejas de louvor a Deus no culto divino, como tambem para **recreio** dos maiores monarchas do mundo, e contentamento de todas as creaturass, e finalmente até para a **conservação da saude corporal**, como vos tenho mostrado é util e necessaria. (p. 44-45, grifo nosso)*

Diante do exposto, é possível considerar que o Peregrino vislumbra o bom uso da música como um lenitivo, interferindo principalmente na saúde mental, por ser esta "recreio" dos homens, tendo reflexos também "na conservação da saúde corporal" (p. 45).

Também ao dialogar com a Mestra da Poesia sobre o primor dessa arte, o Peregrino expõe que,

São os versos uma recreação honesta, em que o entendimento tanto se diverte, que esquecendo-se do penoso que o afflige, se suaviza na occupação de os compor, ou ler, não só entre a gente popular e plebea, mas tambem entre os mais nobres e grandes, principes, e reis, de quem tivera grande estimação. (p. 52)

A poesia, assim como a música, serve de auxílio para as tristezas do homem, sendo uma forma de entretenimento capaz de contribuir para a qualidade de vida.

2.2.7 – Matemática, Filosofia e Sexualidade

Até mesmo no encontro com a Mestra da Matemática, o Peregrino faz comparações do funcionamento desta ciência com a teoria humoralista. Para o Peregrino a matemática é a ciência mais útil e necessária para todas as demais ciências. E, sendo esta ciência tão universal, “não se poderiam governar os homens com acerto sem usarem de sua regras, e observações, ainda que muitos lhe ignorem os termos” (p. 68). E quando a Mestra da Matemática pergunta ao Peregrino se os cometas são efeitos naturais ou disposição de Deus, este responde segundo os filósofos antigos e modernos:

*Diz Aristoteles com outros, que procedem os cometas dos vapores da terra, e que estas se condensam com o calor do sol, e destes se fazem os cometas. E o modo destes efeitos o explica Rephero com uma semelhança accommodada segundo a opinião commum. Diz elle, que **assim como os humores nocivos do corpo humano concorrem e se ajuntam a um lugar, onde geram tumor, ou apostema, assim as exhalações sublunares, viscosas e seccas, e crassas, ou pingues se juntam na parte, onde se accende o cometa, e de seus influxos perniciosos nascem seus ruins efeitos.** (p. 70, grifo nosso)*

E desse modo conclui que os cometas são avisos de Deus, e amparado na “larga experiência” e observação, diz que “pelo que tenho

ouvido a homens de bom entendimento, é que, signaes no céu, mal pela terra.

Outro aspecto que podemos considerar “psicológico” ainda no diálogo do Peregrino com a Mestra da Matemática, é quando tratam da perturbação que as pessoas têm ao ver grandes precipícios. A Mestra da Matemática pede ao Peregrino que lhe dê a solução a algumas perguntas, e dentre elas questiona:

porque qualquer creatura racional tanto teme e se perturba ver cousas fundas, e grandes precipicios, e lugares subterrâneos, de que lhe procede fugir o lume dos olhos, e a muito dar-lhe vágados: e, pelo contrario, não temem ver lugares altos, e montes por subidos que sejam, finalmente até o mesmo céu? (p. 70)

Embora o Peregrino não traga uma resposta fundamentada em aspectos da subjetividade do homem, ele expõe seu preceito baseado na crença que tem a respeito da constituição da alma, dizendo:

que assim como a nossa alma é espiritual, e feita pela omnipotencia divina, por essa causa temem e recaem ver todos esses lugares fundos, e cousas subterraneas, por se avizinharem com esse centro do inferno; e por contraposição não temem, nem atemorizam, quando vêm eminencias, e partes altas até o céu, por ser o céu nossa patria, para onde fomos creados. (p. 72)

Assim, a matemática responde não só aos aspectos objetivos da natureza e dos homens, mas também versa sobre as condições psicofísicas da vida.

No encontro com a Mestra da Filosofia, o Peregrino ainda trata temas ancorados nos conhecimentos de Hipócrates, Galeno e Avicena. Neste ponto, a teoria humoralista é evidenciada ao longo da narrativa. Além disso, são tratados de temas em relação ao comportamento sexual.

O primeiro ponto de discussão com a Mestra da Filosofia era a hipótese de alguns professores da medicina “que o sêmen retido causa doença, e às vezes morte” (p. 80). Antes de incutir sua resposta, o Peregrino cita alguns acréscimos da medicina para a vida do homem, dizendo que esta ciência é “mais divina que humana”, uma vez que Deus já

sabendo que a natureza humana era sujeita a tantas “misérias e trabalhos”, criou os medicamentos e deu conhecimento aos médicos para conhecer as virtudes e necessidades, “para que, faltando a saúde do corpo humano, não faltasse o remédio para restituir, e conservar” (p. 80).

Explica ainda que no início, a Medicina era tão estimada que só podia ser médico quem fosse da geração real, como Hipócrates. “Este foi chamado divino Hipócrates, por restaurar a Medicina racional, e científica. Os mesmos predicados tiveram Galeno e Avicena, que amplificaram e reformaram a Medicina, e a puseram em prática racional” (p. 80-81). Reconhece que assim como em outras ciências, na medicina há contradições, mas o médico deve trabalhar dentro dos “decretos e vontades de Deus” (p. 81). Além disso,

não pode o medico obrar nada fóra dos decretos, e vontade de Deus: isto supposto, por verdade certa e infallivel não devemos negar que é a Medicina digníssima de todo o louvor, sendo o medico sábio, e pratico na sua sciencia; porque fallando dos imperitos, e faltos de sciencia, estes se não deviam admittir nas republicas, pelo damno que disso resulta á saúde dos corpos humanos. (p. 81)

A seguir, o Peregrino responde a questão posta pela Mestra da Filosofia, dizendo que

haveis de saber que esses aphorismos e sentenças desses medicos, que dizem que o semen retido causa enfermidades e mortes, além de serem ditos hereges, e gentios, e faltos do verdadeiro conhecimento da fé, é falsissima, e tão erronea, como falta da verdadeira experiência, e tão alheia da razão, como adiante vos mostrarei, por ser tambem odiosa contra a lei divina: porque a experiencia ad oculum nos está mostrando o contrário. (p. 81)

Para comprovar sua conjectura, comenta que Deus não haveria de criar o homem com matéria e composição que ficasse na dependência de um “humor ou sustância tão malina, que havendo maior porção dela, lhe resultasse a morte” (p. 82). E exemplifica citando que há homens e mulheres que viveram muitos anos na castidade e vida virtuosa, e não

foram acometidos por enfermidades, e muitos deles viveram “sem levarem sangrias, nem purgas, e passaram a vida com mui perfeita saúde” (p. 82).

Outro argumento se baseia que se a retenção do sêmen causasse doenças e mortes, não seria permitido por Deus que se “guardasse a castidade, e que tanto se estimasse a virgindade, e houvesse continência nos celibatos”, e de igual modo não permitira o voto de castidade nas religiões e não seria proibido às donzelas e viúvas praticar o que chama de ato venéreo devido ao perigo que este representa (p. 82). O discurso do Peregrino ainda aborda que se os professores de medicina lhe trouxessem exemplos de pessoas que ficaram enfermas pelas retenções e outras que tiveram melhoras em suas doenças por praticarem o ato sexual, responderia:

*Dato, et non concessio; que para isso tem inventado a medicina christã varios remedios, para semelhantes achaques, que se geram nos corpos, por algum incidente, ou **alteração de humores**; e que se não deve logo aconselhar a uma creatura christã, para ter melhoras no corpo, que use de um remedio mortal para a alma. (p. 82, grifo nosso)*

O Peregrino alega através de um axioma dos filósofos e da medicina, *que uma substancia nunca pode ser contraria a outra substancia. Substantia nihil est contrarium. O fogo não se apaga com outro fogo, antes cresce, e se augmenta o calor. Com o seu contrario, porém sim, que é a agua, se extingue. Uma doença procedida de calor lança fóra com os remedios frios. Contraria contrariis curantur. Do mesmo modo sendo a luxuria um fogo voraz e infernal, mal se pode curar applicando-se-lhe o mesmo fogo da luxuria e fornicção, por excitar maior enfermidade; até a mesma escriptura sagrada compara a luxuria ao fogo: Ignis est usque ad perditionem devorans. (p. 82-83)*

Para finalizar suas argumentações, o protagonista amparado por uma provável regra da medicina, como ele mesmo coloca, e também pelas observações feitas a partir da experiência, detalha anatomicamente sua explanação afirmando que

o semen no corpo humano serve de uma sustancia liquida, que se nutre do chilo, e fica em deposito guardada para a

propagação do genero humano, e tem ação vital para refazer e recobrar a natureza, em tal fórma que envia e reparte esta sustância por todas as partes do corpo mandando ao miolo esta sustancia, pela medulla espinhal, que é o tronco desta arvore do corpo humano, e mais nervos, que são os ramos, que nascem della; e distribuitivamente manda, e reparte com todos os mais membros internos e externos; a demais porção manda para os vasos seminarios, donde a maior parte desta sustancia, ou sangue puro, como querem outros autores, se torna a cozer, e toma a qualidade de esperma, a qual se não ha evacuação della em coito, se converte em pingue, e grosso, que são as enxudias e gorduras.

Porém se ha muita continuação do coito, deixa a natureza, e todas essas outras vias, que são para o augmento do individuo, e só a despede para o meio de sua debilitação; como se vê claro, em os animais que frequentam aquelle acto, que se tornam fracos e mirrados: isto se experimenta nos gallos, cavallos, e mais barrões; e nos mesmos homens, que morrem tysicos, e esfalfados. (p. 84)

De igual modo, coloca que o homem ao não usar deste comportamento sexual, “se aumenta o indivíduo, engorda, e goza de perfeita saúde, e o livra de vários e infinitos achaques, que, por essa causa, vem aos corpos humanos” (p. 84). A partir dos conhecimentos médicos de Aécio de Amida²², o Peregrino sustenta que o ato sexual pode causar muitos danos aos corpos, que são:

tira-lhe as forças, faz cruezas, entorpece os sentidos, causa esquecimentos, faz tremores, dor de juntas, ardores da via da urina, ruim cheiro na boca, dor de dentes, esquinencia, inflamação no paladar, escarrar sangue, tristezas do coração, dôres no estomago, e muitas vezes febre, e mortes, como conta Plinio, qui in venere mortui sunt. (p. 84)

Contestando a afirmação de um anatomista que o sêmen retido provocaria doenças, dentre elas tumores, o Peregrino pondera que se isso fosse verídico os frades, freiras e castos estariam cheios destes tumores. E assegura para a Mestra da Filosofia que,

²² Aécio de Amida (502-575), escritor e médico bizantino.

se tem averiguado que semelhantes tumores, e apostemas, nascem ou da muita porção de fleuma, colera, melancolia, e de outros humores: e muitas vezes da muita copia do humor galico, e assim, senhora, que esta é a solução que vos posso dar acerca do que me tendes perguntado. (p. 85)

Após essa conversação, a Mestra da Filosofia ainda pergunta ao Peregrino o juízo que o mesmo faz em relação aos físicos, anatomistas, cirurgiões, boticários e barbeiros. E ao expor sua opinião, deixa claro que há muitos homens capacitados nesses ofícios, mas falaria somente sobre os “indoutos e imperitos” (p. 86). Para o Peregrino, muitos são chamados de médicos sem merecerem por lhe faltarem a ciência, “os quais se entremettem a curar applicando remedios só fiados no que ouviram fallar e fazer, e sem advertencia das causas e signaes das doenças, e assim obram incautamente” (p. 86). Os anatomistas são presumidos de cientes por verem um cadáver e falar do mesmo como se o tivessem visto vivo; os cirurgiões querem se tomar por físicos, talvez por terem lido algum livro romanciado com algumas regras da Medicina; os boticários, para terminar com seu estoque de medicamentos, vendem “gato por lebre” e por fim, os barbeiros, para ganhar dinheiro, fazem sangria onde não é necessário fazê-la (p. 86).

2.2.8 – Os profissionais da saúde humana

Ao delimitar o que tinha por indouto e imperito, o Peregrino responde à Mestra da Filosofia sobre o juízo que fazia de cada uma dessas profissões. E começando pela Medicina, o Peregrino coloca que o juízo que faz desses médicos sem ciência é o mesmo que se faz de um cego. E continua:

E se não vêde, e reparai: chega um destes medicos á casa de um enfermo, e depois de lhe dizer o doente a causa porque o mandou chamar, pede-lhe o medico o braço, como se fôra um cego, para se levantar, e pôr a caminho: toma-lhe o pulso, em um outro braço , e sem mais dizer-lhe a causa da doença, que padece o enfermo, lhe diz que logo se sangre, e tome uma ajuda fresca, sem lhe dizer de que se hade compor a ajuda, e que se ponha em dieta; e se o enfermo se descuidou de lhe pagar a visita, não tornou mais

o medico a ver ao enfermo; e se succede continuar com a cura, e o enfermo não tem melhora com sangria e purga, costumam dizer o que lá disse um poeta, que com esta letra se despedem os medicos imperitos dos seus doentes, por lhe não saberem applicar outros remedios:

*Tengo sangrado, e purgado,
Si no queres quedar Bueno,
Hirás para el sancristan,
Que asi lo manda Galeno.*

Entra agora o meu reparo, ou advertencia; porque não hade dizer este medico ao enfermo: Senhor, o achaque que Vossa mercê padece procede desta ou daquella causa; Vossa mercê tem ou não tem perigo; trate do bem espiritual primeiramente, que isso não mata, mas antes dá saúde, com tenho visto succeder a muitos doentes. E se for necessário, conte-lhe alguns casos, que tem succedido acerca desse particular, para animar o enfermo, porque os medicos, supposto curam temporalmente, tambem podem fallar espiritualmente, que para isso são doutos, pois vemos que muitos enfermos morrem como brutos, pelos medicos não dizerem o perigo em que estão. (p. 86-87)

Mais uma vez é enfatizado que as ciências não podem prescindir do espiritual, trazendo à Medicina a necessidade não só de um aporte técnico-científico, mas também a congruência com os preceitos cristãos.

Sobre os anatomistas indoutos, o juízo que o Peregrino faz é o mesmo “que se pode fazer de um carnicheiro” (p. 87), porque:

os vejo com um verdugo na mão, abrirem, e esquartejarem a um cadaver, e começar a fazer observações em todos os membros internos, e externos: a tempo que já aquelle cadaver não tem operações vitales, por estar o sangue coalhado, e os mais humores frios e repletos, e as operações dos nervos e artérias immoveis. Isto mesmo se pode ver em outro qualquer animal depois de morto.

Por isso certo anatomico estrangeiro, quando queria fazer semelhantes observações, dizia a um seu criado, que

comprasse algum carneiro bem gordo, porque lhe ficasse servindo para o mandar para a cozinha; porém se estes taes anatômicos de quem fallo tiveram tal arte, ou geito, que soubessem pôr uns vidros crystalinos nos corpos, por aquellas frestas, ou janellas, viram o que passava dentro dos corpos vivos: como circulava o sangue, se movia a colera, passava a fleuma, e se guardava a melancolia, nos seus vasos, e os mais humores: então fizera melhor conceito delles. (p. 87-88)

Em relação aos cirurgiões, o Peregrino coloca que a arte da cirurgia é muito útil e necessária para a república, sendo também fundamental para a manutenção da vida dos homens. Entretanto, alerta sobre os cirurgiões que querem se fazer de físicos, contando o seguinte caso:

Mandou chamar um enfermo a tres cirurgiões, por não haverem medicos naquelle lugar. Estava o enfermo deitado em um estrado, a tempo que chegaram os tres cirurgiões: sentaram-se junto ao doente, e com a enfermidade parecia ser opilação, votou o primeiro cirurgião dizendo que lhe parecia ser aquella doença hydropisia anasarca. Votou o segundo, dizendo que lhe parecia ser opilação flatulenta. Votou o terceiro que era ictericia complicada com flatos uterinos. Riram-se os dous do dito do terceiro cirurgião: Motivou o terceiro, a perguntar aos dous do que se riam? Responderam: Rimo-nos, porque sendo o enfermo homem, o quer vossa mercê fazer mulher. Desta desconfiança, resultou a razões, e de razões passaram ás mãos, e das mãos a lutas, de que procedeu cahir um dos cirurgiões em cima do enfermo. Começou o doente a gritar que o mataram os tres cirurgiões. Sahiram elles pela porta fóra com a mesma luta, e o doente começou a lançar uma apostema pela boca. Acudiu a mulher do enfermo, e algumas vizinhas, e lhe foram dando caldos de gallinha com leite de peito, e assim o foram confortando, até que em breves dias teve melhora o doente, com alguns remedios caseiros, que tem ensinado a experiencia. (p. 88).

Quanto aos boticários, o juízo que o Peregrino faz, principalmente os do "Estado do Brasil", é o mesmo que se faz de um "vendeiro ou

taverneiro”, pois “são poucos os que têm bons medicamentos” e muitos os que usam “do que fazem os taverneiros, que é deitarem agua no vinho, e mais bebidas” para se fazer mais dinheiro (p. 89). E sobre os boticários, o Peregrino conta alguns casos à Mestra da Filosofia, demonstrando os perigos das prescrições das receitas e dos equívocos que podem ser causados pela falta de entendimento dos nomes e caracteres escritos nestas. Em contrapartida, coloca que algumas receitas mal entendidas, podem trazer saúde ao enfermo, como foi o caso de um homem da vila de Porto Seguro, que foi à cidade da Bahia,

a consultar um achaque que padecia, com um medico, este, depois de ouvir ao enfermo, lhe deu uma receita, na qual em breve lhe escreveu seis pirolas e lhe disse que enquanto as tomasse comesse galinhas, frangos, ovos, peixe leve, biscouto, e marmelada, etc. Pagou o homem a receita ao medico, e depois lendo-a entendeu que lhe mandava o medico comprar seis peroleiras de vinho; com effeito as comprou, e um barril de biscouto, e bocetas de marmeladas, etc.

E assim como chegou a sua casa o enfermo, tratou de comer galinhas, frangos, ovos, e bom peixe, biscouto, marmeladas, e sempre bebendo vinho das peroleiras; e logo se achou com mui perfeita saúde. No anno seguinte tornou o homem á cidade, e foi buscar ao medico com um presente: e depois de se cumprimentarem, lhe perguntou o medico, como se havia achado depois das pirolas que lhe havia receitado? Respondeu-lhe o homem: Senhor Doutor, eu não tomei pirolas, porque entendi que vossa mercê me mandou comprar peroleiras de vinho; essas é que levei; e do vinho é que usei; com que me tenho achado muito bem, graças a Deus. Respondeu-lhe ao medico: Vá vossa mercê em paz, que melhor se soube curar, do que eu receitar. Por certo, Senhor Peregrino: (me disse a mestra da Philosophia) que muito folguei de vos ter ouvido contar esse successo da receita mal entendida; que na verdade foi para o enfermo bem acertada. (p. 91)

E por fim, o Peregrino discorre sobre o conceito que faz sobre os barbeiros, e diz:

são muitos poucos que obram como são obrigados observar a sua arte, principalmente neste Estado do Brasil; porque, além de serem mui poucos os homens brancos, que exercitam essa arte, por serem negros e pardos, que della usam, e talvez mal aprendidos, quando se devia pôr grande cuidado nisso, mandado-os examinar como se pratica em todas as mais partes do mundo; porém, vamos ao caso, que o mais pertence aos que tem obrigação de o fazer. (p. 91)

E completa dizendo que a arte do barbeiro é necessária ao corpo humano, mas há "atrozes casos" que acontecem porque aqueles que exercitam esta arte não sabem usar muito bem da mesma. Então conta um caso que viu acontecer:

ha mais de cincoenta annos na cidade da Bahia (hei de nomear as pessoas, excepto ao barbeiro, que supponho ser já fallecido). Estava eu por hospede em casa de um sargento por nome João de Mattos; adoeceu este homem de uma febre com dôres de cabeça; mandou chamar a um barbeiro, e assim como chegou á casa do enfermo, sem mais lhe perguntar as indicações do achaque, tratou logo de o sangrar, e depois de lhe ter feito seis sangrias, vendo o enfermo que não tinha melhora mandou chamar o medico Manoel de Mattos de Viveiros, e assim como chegou a casa do enfermo, depois de lhe tomar os pulsos e as informações necessárias, lhe perguntou o medico, ou cirurgião, o mandara sangrar? Respondeu-lhe o doente: que o havia sangrado o barbeiro fuão; disse-lhe o medico: Pois mande-lhe dizer que lhe prepare o enterro, porque se desta vez logo não morrer, hade vossa mercê ficar ethico, ou tysico, e desta cama se não hade levantar. E assim succedeu, porque supposto se curasse o enfermo com bons medicamentos, e alimentos substanciais, dahi a dois mezes veio a falecer. (p. 92)

Desse modo, o Peregrino reforça que um barbeiro deve ter cautela, pois pode causar grandes danos aos enfermos. Além disso, o barbeiro só

pode fazer a sangria se houver indicação de um médico ou cirurgião. Então o Peregrino conta que um famoso barbeiro que conheceu dizia,

*Pois, senhores, nós somos como officiaes de justiça, ministros e escrivães, que não fazem diligencias sem despacho de seus ministros, e assim digo que com parecer de medico, ou cirurgião, promptamente virei sangrar ao enfermo; **porque o sangue no corpo humano, além de ser thesouro da vida**, é também como as palavras, porque muitos se arreponderam de haver fallado, e poucos de haver calado; por ter ouvido dizer a um famoso medico, que o tinhamos por oraculo da Medicina: ajudas muitas, purgas poucas, sangrias com grande necessidade: e com estas, e outras semelhantes razões costumava este famoso barbeiro haver-se com os seus doentes. (p. 92-93, grifo nosso)*

2.2.9 – Vícios e doenças da alma: retrato dos doentes da sociedade colonial

As doenças como forma de castigo e punição divina, são um conteúdo constante no discurso do Peregrino. O uso das comédias, teatros, danças, músicas desonestas e alguns outros divertimentos trazem prejuízo tanto para alma quanto para o corpo, por serem uma ofensa a Deus. Conforme o Peregrino, estas ações de entretenimento consideradas profanas, que vão contra os bons costumes e contra a lei divina, são a causa dos homens serem castigados através de algumas debilidades do corpo. E assim afirma,

E por estas e outras semelhantes causas, tem acontecido muitos castigos em varias terras, e notoriamente se tem visto, e nós o temos experimentado neste Estado do Brasil, como succedeu haverá setenta e tantos annos com aquele notavel castigo da doença das primeiras bexigas, que resultou morrerem mais de tres mil pessoas, e depois o fatal castigo da doença da bicha, haverá quarenta e tantos annos, que falleceram muitas gentes, sem lhes poderem os medicos acertar com o remedio, por ser castigo dado por Deus, e merecido por peccados, que chegaram a provocar a ira de Deus. (p. 112)

De acordo com o Peregrino, aquele que dissimula os seus vícios e pecados, é rigorosamente punido por Deus. Portanto, os homens experimentam castigos que afetam sua integridade física, a fim de que uma penalidade temporal possa advertir sobre a gravidade do pecado e repreender os comportamentos considerados desonestos, servindo de exemplo para os demais cristãos.

Na narrativa do Peregrino, há duas alegorias fundamentais que também tratam das questões do bem viver e do bom morrer: o “Palácio da Saúde e território dos deleites” e o “Templo da Enfermidade e casa da Santa Doutrina”. O Palácio da Saúde e território dos deleites representa os prazeres temporais, lugar no qual o homem usufrui e se sustenta de todos os gozos mundanos em troca dos seus cabedais. Já o Templo da Enfermidade e casa da Santa Doutrina, é um espaço de recuperação e restituição daqueles que viveram no Palácio da Saúde e território dos deleites, e desejam tratar da saúde corporal e espiritual a fim de alcançar a graça divina.

No percurso entre o Palácio e o Templo, o Peregrino encontra um mancebo “mui magro, e macilento, e no que representava, bem parecia padecer algum achaque” (p. 152) e uma moça, os quais estavam deixando o Palácio da Saúde e território dos deleites para procurar o Templo da Enfermidade e casa da Santa Doutrina. O mancebo conta ao Peregrino a causa de seus infortúnios, revelando que quando seu pai o mandou para as terras brasileiras, por ter se encantado por uma formosa moça casada, acabou matando o marido desta moça e então fugiu para uma vila da Bahia. Alguns meses depois da fuga, conseguiu aumentar seu patrimônio, com escravos, fazendas, dinheiro e ouro. Então o mancebo continua dizendo,

E com o mais cabedal me puz a caminho até que cheguei ao Palacio da Saúde, e territorio dos deleites: donde me dei a todos os deleites e prazeres, gostos e regalos: jogava com largueza, galeava a todo custo, comia com abundancia, gastava prodigamente; de tal sorte me entreguei a todos os vicios, e passatempos, que no discurso de dois annos gastei todo o meu cabedal: e achando-me pobre, e miserável, e cheio de achaques, me resolvi hoje tomar por resolução sahir do territorio dos deleites, e seguir esta jornada para o

Templo da Enfermidade, para ver se posso achar remedio a meus achaques, que padeço; esta é a causa, senhor, porque neste lugar me achastes. (p. 158)

Após ouvir a narração do mancebo, o Peregrino pede para que a moça também lhe explique as razões pelas quais ela estava naquele lugar. Conta a moça, que abandonara a sua família para fugir com um mineiro que havia lhe seduzido com a promessa de casamento. Porém, o mineiro já era casado e estava interessando apenas em roubar os seus bens – já que a família e filhos passavam por grandes misérias. Estando a moça prisioneira do mineiro, algum tempo depois encontrou um mancebo que se compadeceu dos trágicos infortúnios, o qual a ajudou a fugir. Na companhia do mancebo, a moça chegou ao Palácio da Saúde e território dos deleites, e ali entregou todas as “prendas de ouro e diamantes ao mancebo, para que, junto com o seu cabedal, as puzesse em mão e poder do Banqueiro, ou Thesoureiro dos defuntos e ausentes, como era estilo e costume” (p. 173). Mas, em torno de quinze meses, o mancebo foi morto com um tiro ao sair de casa, e faleceu sem fazer testamento. Desse modo, os bens do mancebo e da moça foram tomados pelo Juízo dos defuntos e ausentes, “com o fundamento de não haver declaração no assento, ou termo, que fez o mancebo, quando entregou o seu cabedal ao Banqueiro, ou Thesoureiro, que aquellas prendas, além de seus bens, me eram pertencentes” (p. 173). A moça recorreu com um processo, mas teve sentença contra ela por não haver provas de que os bens eram dela. E diz a moça,

vendo-me pobre, e miseravel, cheia de achaques, me resolvi hoje sahir do Territorio dos Deleites, e vir buscar o Templo da Enfermidade, e casa da doutrina, para tratar da minha saúde temporal e espiritual. Por me certificarem que é uma santa casa onde se costuma fazerem-se grandes obras de caridade aos pobres desamparados. (p. 173-174).

Após ambos exporem os motivos que o levaram a procurar o Templo da Enfermidade, o Peregrino “dá saudáveis conselhos e documentos ao mancebo, e á moça” (p. 176), ensinando os meios de aproveitar a vida com acerto temporal e espiritual. O Peregrino antes elucida,

falando agora no geral e genericamente, que todo este mundo é um Palacio da Saúde, e Territorio dos Deleites,

principalmente onde se ajuntam concursos de muitas pessoas, com são villas, cidades e outras muitas povoações. E nellas se acham presidindo por governadores, generaes e cabos de guerra, homens dados a deleites, e passatempos, gostos mundanos, esquecidos do temor de Deus, e do bem das suas almas. Por se considerarem moços, com saúde, e cabedaes, como o que de presente está residindo no palacio da saúde, e territorio dos deleites, sendo occasião de muitos, e enormes peccados, e graves culpas, como tereis visto.

Devendo ser estes taes cabos, e presidentes, pessoas de perfeita idade, onde possa assentar a prudencia, e conselho, e escolhidos por benemeritos, e de conhecida nobreza, e na arte militar por bons soldados. E quando todos não possam ter todas estas partes, ao menos sejam homens, que por seus heroicos feitos, e bons procedimentos, se façam dignos de occuparem semelhantes lugares, para poderem satisfazer os que lhes recommendam seus monarchas (...)

*E se necessario for a estes cabos, e governadores darem ajuda, e favor aos prelados ecclesiasticos, o devem fazer para se evitarem muitos vicios e abusos que se acham introduzidos contra a lei divina quando virem que só as armas da Igreja os não podem destruir e dissipar, como tenho visto observar a alguns governadores christãos. **E assim fiquem entendido os generaes, e governadores, que não só estão obrigados a governar no temporal, político e militar, mas também no espiritual, quando por zelo de Deus, e bem da republica o devam fazer por se evitarem muitos damnos, que disso succede resultar;** finalmente, devem ser estes presidentes, governadores e generaes irreprehensíveis de vicios públicos, e mui exemplares de bons costumes.*

Vêde agora como se poderá viver com acerto, e bons costumes, em um palacio, cidade, villa, ou territorio, donde quem governa, tudo é inculcar vicios, e peccados, dando lugar a que todos se dêem a gostos, e passatempos mundanos; e que vivam em consciencia, e liberdade. E á vista disto, senhores, que esperáveis

que vos succedesse, entregues a todos esses vícios, e deleites, onde tudo se dissimula, e nada se reprehende. (p. 176-177, grifo nosso)

Após esta elucidação, o Peregrino reafirma a necessidade de prudência e juízo que um bom cristão deve experimentar, e continua sua narrativa aconselhando ao mancebo e a moça, com remédios para suas queixas.

O primeiro remédio que o Peregrino oferece trata da importância do esquecimento de alguns fatos da vida do homem. Apagar da memória certos insucessos ou selecionar as experiências que devem ser escusadas, contribui para o bem estar individual. Diz o Peregrino,

Primeiramente haveis de saber, que o esquecimento dos trabalhos, e infelicidades, é o mais eficaz meio, com que se remediam as penosas tristezas. Porque se sempre se lembrassem, pouco duravel seria a vida, combatida de tão repetidos sentimentos. (p. 177)

É fundamental que o homem tenha cautela para que se possa prevenir dos perigos que a vida oferece. Prudência é a principal virtude que o homem deve cultivar e fazer uso, sendo não só um remédio para a saúde temporal, mas também para a espiritual. Posto estes princípios, o Peregrino aconselha ambos a seguirem uma vida sacerdotal, com o intuito de reparação.

Posto estes conselhos, o Peregrino segue a jornada com o mancebo e a moça, chegando ao Templo da Enfermidade. Lá estando, um religioso pergunta se eles estão de passagem ou vieram buscar assistência, e então o mancebo e a moça respondem:

*Sabei, senhor reverendo Padre, que me traz a este santo templo da enfermidade, e santa doutrina, **buscar o remédio da alma em primeiro lugar, e depois da saúde do corpo** por me achar com certos achaques que padeço; tomara me fizéreis a caridade e esmola de ser admittido neste **hospital**. E depois de ter feito o mancebo a sua petição disse a moça: Aqui tendes, senhor reverendo Padre, em vossa presença, a mais infeliz creatura que me parece haver nascido no mundo: e por isso a mais necessitada de vosso amparo, e proteção. E assim vos peço que de mim tenhais comiserção*

*para que possa ser admittida nesta casa do **hospital** deste santo templo da enfermidade, para ver se posso alcançar **saúde da alma, e do corpo**, por me considerar tão enferma, como necessitada. (p. 187, grifo nosso)*

E depois de expor as misérias pelas quais padeciam, o mancebo e a moça seguiram em companhia do religioso, e cada um foi encaminhado para as respectivas enfermarias para tratar do restabelecimento da saúde, uma vez que no Templo da Enfermidade “se costuma inculcar os meios de viver bem, e virtuosamente” (p. 191).

O Peregrino acompanha no Templo da Enfermidade a doutrinação de dois religiosos, e dentre os preceitos fundamentais para se proteger dos pecados e preservar a saúde corporal e espiritual, está adorar a Santa Cruz. Quem ama e venera a Santa Cruz,

será neste mundo, livre de todos os perigos visiveis e invisiveis, e de todas as tentações; se com viva fé a venerarmos; por ser este santo signal da Cruz escudo com que a alma e o corpo se defendem dos tres inimigos da alma: mundo, diabo e carne; espada com que se degolam os demônios, e delles triumphamos; antidodo da alma, remedio para domar a carne, guarda da virgindade. Finalmente, chave do Paraiso, com que se abre a porta da Bemaventurança. Amen. (p. 221-222)

2.2.10 – A arte de bem morrer²³

Ainda para o bem da salvação, o Peregrino trata do quanto é necessário “padecer enfermidades, e miserias, e trabalhos” (p. 223) para um bom morrer. Segundo a Santa Doutrina, é exposto por um dos religiosos, o Reverendo Padre Mestre, que dialogavam com o Peregrino, que para alcançar a graça,

*é muito necessário padecer, para merecer, isto é, pobrezas, despezos, trabalhos e **enfermidades**. Porque tudo isto repugna a natureza: por essa causa digo que será pouco aceito o nosso assumpto. Mas por ser materia tão*

²³ A arte de bem morrer é um gênero da literatura devocional, que surgiu entre os séculos XIV e XV, o qual orientava os cristãos, através de textos e imagens, a se prepararem para a hora da morte.

*importante, e precisa, necessariamente della devemos de tratar; e justamente por ser um **preparatorio mui necessario para a hora da morte.***

*Porque haveis de saber, que assim como não pode haver noite sem tarde, nem dia sem noite, assim também **não pode haver morte sem a tarde dos achaques**, nem dia sem passar pela noite dos trabalhos desta vida. Isto é, que para gozarmos do dia para sempre, que é a Bemaventurança, nos é necessario padecer todas as penalidades desta vida. (p. 226, grifo nosso)*

O homem só terá o merecimento do Reino dos Céus se tiver paciência quando padecer de doenças e misérias, pois demonstrará sua força e resignação em seguir o caminho de Deus. E tomando o exemplo de São Paulo, que dizia de si mesmo que “quando enfermava do corpo, se achava mais valente da alma e que a virtude da alma se aperfeiçoa com a enfermidade do corpo” (p. 227), o Peregrino segue expondo:

E assim digo, que é tão necessário padecer trabalhos e enfermidades nos corpos, que sem isso parece ser mui dificultoso a nossa salvação. E se não, reparaí uma das razões porque o permite Deus e nos obriga a Igreja sob pena de peccado mortal, que jejuemos, e façamos penitencias, e mais abstinencias. É sem duvida, que assim o manda Deus, para rebater o vicio de nossos corpos, e para que não tenha a carne o dominio do espirito.

Isto não é outra cousa, senão fazer que os corpos se debilitem do vigoroso de suas forças e que não estejam tão cheios de forças que se dêem a vicios e se esqueçam da morte por falta de enfermidades. Por isso Adão e Eva, emquanto o espirito dominou a carne, estiveram em graça; e depois que a carne e o appetite da gula dominou o espirito, logo perderam a graça, e cahiram na culpa. Isto que vemos nos nossos corpos, se experimenta nas creaturas irracionais, por conveniencia da saude temporal quando se fazem enfermos; os passaros ha tempo, em que largam as pennas, para depois se refazerem novos pennachos; as cobras largam a pelle, o marisco as cascas, para de novo se refazerem de forças; alfim, até as arvores largam as folhas,

e se fazem murchas para depois reverdecerem, e darem fructo. As parreiras na Europa é necessario podá-las, para darem uvas; as roseiras feri-las para darem rosas. Na America, quando a lavoura de mandioca vem mui viçosa e deitam muitos galhos os decotam para darem raízes de que se faz a farinha; porque já ouvireis dizer: esta arvore, por vicejar muito, não dá fructo.

Isto que succede nas aves, animais terrestres, mariscos e plantas, também é conviniente que experimentem as creaturas racionais para darem fructo a Deus das boas obras. Porque vereis que todo o homem, ou mulher viciosos, não se occupam em outra cousa que em peccarem, offendendo ao seu creador, como mostra a larga experiêcia.

E pelo contrario os homens e mulheres penitentes que usam de se mortificarem, ou padecerem enfermidades, os verei mui devotos, e retirados de offenderem a Deus e aos seus proximos. (p. 227-228)

Desta forma, padecer de enfermidades e misérias é um benefício para um bom cristão. Deus castiga os homens para que estes se emendem dos seus pecados, através de pobreza e doenças. Porém, um dos religiosos faz o seguinte questionamento ao Reverendo Padre Mestre:

Supposto, senhor Reverendo Padre Mestre, que estou mui satisfeito de vos ter ouvido tratar com tão solidos fundamentos, na doutrina que tendes feito, porém tenho uma objeção ou instancia mui forçosa a ella. E vem a ser: porque vejo que nos quereis persuadir, que é mui necessario e preciso, padecer pobreza, trabalhos e doenças para nos podermos salvar; sem acceitares nenhuma outra razão, quando sei que não ha vivente, que não deseje passar nesta vida com algum remedio para se poder sustentar. E sobre ter saude; por ser esta uma disposição, que por si se constitue para fazer bem todas suas acções: disse todas, porque o bom em a medicina, é como moralmente aquillo que nos é util e necessario para termos uma perfeita saude, e disposição, para usar della. E o mesmo ensina Aristoteles, dizendo: que a saude era comparativamente cousa boa. Galeno lhe chamou symetria, que é o mesmo que proporção

e relação do bom. Isto é falar temporal e fisicamente a respeito do quanto nos é útil e necessario termos saude para della usarmos em todas nossas ações. (p. 229)

E o religioso continua seu discurso afirmando que “não ha creatura racional, que não appeteça a saúde” (p. 230), e ainda cita o exemplo de Jesus, o qual veio ao mundo para a nossa saúde e trouxe cura e deu saúde a muitas pessoas. Assim, afirma que não seria ofensa a Deus, o homem pedir que fosse agraciado com saúde temporal. O Reverendo Padre Mestre responde ao religioso que devemos nos ocupar de todas nossas forças corporais e espirituais para amar e servir a Deus, sendo para este o único fim que devemos solicitar saúde. Então completa o Padre Mestre,

*Em quanto ao mais, haveis de saber que, supposto se diga no Credo, que veio Deus ao mundo por nossa saúde, isto é fallando da **saúde espiritual das nossas almas**. E se invocamos a Senhora por tantos titulos nossa advogada, e saúde dos enfermos, é para que della alcancemos a **saúde espiritual e temporal** para empregarmos em serviço do seu Divino Filho. Porque procurar a saúde do corpo para com ella offender a Deus, melhor é padecer enfermidades para o louvarmos, que de outra sorte era pedirmos a Deus meios de nossa perdição, como a muitos te succedido. [...]*

*Finalmente o que resulta deste zelo, e caridade, com que se havia Christo com os enfermos, era para que todos se convertessem á verdadeira **saúde da alma**. E assim digo que fôra falta de conhecimento da fé, presumirmos que nos dá Deus saúde para offendê-lo. Porque haveis de saber, que as doenças e enfermidades antes da morte são occasiões e preparos para nos pormos bem com Deus, e delle alcançarmos a sua graça, por meio do sacramento da penitencia, que é a confissão, e recebermos o Divino Sacramento por viatico, que vale o mesmo que por matalotage para o caminho do céu. (p. 231, grifo nosso)*

O Reverendo Padre Mestre finaliza a sua doutrina expondo que a saúde corporal é fugacidade sem a dedicação e aprofundamento da saúde espiritual. E diz que sua intenção é mostrar com esta doutrinação que é necessário padecermos enfermidades para que o homem se prepare para a

hora da morte e para que também “nos saibamos aproveitar deste divino remedio do sacramento da penitencia, como taboa, em que nos devemos salvar do naufragio deste mundo, em que andamos tão arriscados” (p. 233).

Além disso, a lembrança da morte “é um poderoso meio para sarar todos nossos males espirituais, e para pôr a alma em perfeita saúde” (p. 237). E até mesmo o amargor da lembrança da morte, contribui para a saúde corporal. O Reverendo Padre Mestre diz ao outro religioso:

Já ouvires dizer aos mestres da medicina, que tudo aquillo que nos adoça a bocca nos faz amargar o estomago, e por isso se costuma applicar aos enfermos purgas e pirolas amargosas para a saúde temporal. Assim vos digo que isto que nos succede nos nossos corpos, com maior razão nos deve servir para a alma, e vida espiritual, por ser cousa bem sabida, que todos aquelles, que neste mundo gozam gostos, prazeres, e regalos, com saúde, no fim da vida o vão amargar com crueis penas no inferno. Porque é cousa certa, e indubitável, que não podem haver duas glorias, tê-las nesta vida, e depois gozá-las na outra. É incompativel, e não pode ser, como o ensinam os santos padres, e mestres de espirito. Christo Senhor Nosso assim o confirmou, quando disse que tomássemos a nossa cruz para o seguirmos. Isto é, dôres, trabalhos, desprezos e enfermidades, e todas as mais penalidades deste mundo, como já o tenho dito, e mostrado nesta mesma doutrina; e por isso me escuso de autorizar o lugar.

Porém, haveis de saber, que a morte é horrível e amargosa, para os mundanos, que appetecem gozar dos gostos e deleites deste mundo, o qual, como inimigo das nossas almas, tanto com esses prazeres, e gostos, nos convida: e por isso a estes lhes parece a morte tão amargosa. (p. 238-239)

A lembrança da morte só é amarga para os homens que vivem dos prazeres e deleites mundanos. Se o homem segue os preceitos divinos, a memória da morte pode ser suave, por trazer a possibilidade de uma vida

de paz no Reino dos Céus. Para elucidar sua doutrina, o Reverendo Padre Mestre conta o seguinte caso:

Havia um mercador de grosso cabedal na cidade da Bahia, mui dado a gostos, e regalos, e interesses do mundo; o qual succedeu enfermar de um achaque de perigo, mandou chamar logo um medico, e depois de lhe relatar o que padecia, e o medico tomar as indicações do achaque, lhe disse: Meu senhor, sou de parecer que antes de tudo trate vm. de se confessar, e sacramentar, e fazer seu testamento, e depois trataremos a saúde. Respondeu-lhe o enfermo: Senhor doutor, eu não mandei chamar a vm. por pregador missionario, porque eu sou christão, e bem sei quando hei de tratar da minha alma: o que a vossa mercê peço, é que me aplique algum remedio para a saúde, porque me não acho em tempo de morrer. Tenho navios na costa da Mina, carregações para Portugal, Angola, e para outras várias partes: deve-se-me, e eu devo, por cujas causas o que pretendo é vida e saúde.

Disse-lhe o medico: Meu senhor, a vida e saúde, só Deus a pode dar a que for servido; nós obramos, segunda a arte e sciencia que aprendemos, e como o achaque de vossa mercê me parece ser de perigo, por isso o aviso, e não quero que vossa mercê em nenhum tempo se queixe de mim. Não tornou resposta o enfermo ao medico, mas antes se virou para a outra parte; e assim como se foi o medico, dahi a menos de duas horas, acabou a vida do doente. (p. 239-240)

Para se salvar, o homem tem que estar em conformidade com a Santa Doutrina e também com a vontade de Deus. Se não há arrependimento e penitência, as culpas que carregou durante a vida, o levam ao inferno. E para isto Satanás usa da "larga experiência" para que o homem se descuide da lembrança da morte e "arma varias ciladas para nos tirar a vida dormindo neste descuido, para que não tenhamos tempo de nos arrepender de nossos pecados acordados" (p. 240).

Após serem expostos os perigos para a saúde espiritual em que o homem está sujeito ao dormir no sono dos seus pecados, o religioso pede ao Reverendo Padre Mestre um remédio para que se livre do temor da

morte. E o remédio que o Padre Mestre lhe oferece “é morrer antes de morrer” (p. 241). Então expõe que os homens que morreram antes de morrer fazem obras de virtude para gozarem da bem aventurança e por cultivarem e viverem na graça divina, não precisam mais lançar mão de doutrinas para o bem morrer. Por fim, morrer antes de morrer significa renunciar a todos os deleites, gozos, entretenimento e bens temporais, a fim de que o homem se ache livre para tratar da saúde espiritual.

2.2.11 - Síntese

Durante a *peregrinação*, o protagonista lança mão de conhecimentos acerca da saúde do corpo, referenciado principalmente no legado de Hipócrates, Galeano e Avicenas, sobretudo a teoria humoralista. De acordo com Massimi (2005, p. 149), “a teoria humoralista considera a constituição do homem determinada pela presença de quatro humores fundamentais”, sendo estes a bÍlis preta, a bÍlis amarela, a fleuma e o sangue – que correspondem aos quatro elementos básicos da composição do Universo. O predomÍnio de um destes elementos na constituição da pessoa gera quatro tipos de temperamentos – melancÓlico, colÓrico, fleumático e sanguíneo – os quais determinam as características orgânicas e psicossomáticas da pessoa.

Para o Peregrino, a saúde do corpo bem como as características psicossomáticas são associadas ao “bem viver” terreno e celestial, estreitando a relação da saúde corporal com a saúde espiritual, fornecendo elementos práticos para que o leitor/ouvinte pudesse se apropriar a fim de modificar seu estado de sofrimento. Os conselhos ou receitas dadas pelo Peregrino abarcam uma gama de saberes sistematizados pela experiência, ou “conselhos dos velhos”, e pelas teorias médicas já estabelecidas, incorporando no *Compêndio* preceitos que conjeturam o estado psicofísico e a determinação psicológica conforme a constituição, atuação e disposição dos temperamentos e às influências do ambiente no comportamento.

No século XVIII, conforme Massimi (2010a, p. 64),

a teoria humoral ainda é parte relevante na prática médica mas também naqueles conhecimentos rotulados como “arte de bem viver” destinados a instruir a população: neste

âmbito, os conhecimentos da medicina dos temperamentos são articulados à área da filosofia, especialmente da filosofia moral, pois entende-se que as virtudes derivadas da ordenação de entendimento e vontade ainda são as que regulam o bem estar da pessoa, já que o equilíbrio anímico e espiritual é a condição também do equilíbrio interno do corpo e de sua boa adaptação ao ambiente externo. A teoria dos temperamentos, portanto, é empregada no seio da Medicina do ânimo.

Desse modo, o *Compêndio* reúne competências dedicadas a “arte ou ciência do bem viver”, ressaltando os aspectos da subjetividade humana, contribuindo nos processos de cura e também reeducação e modificação de comportamentos, trazendo uma terapêutica “teórico-prática” vinculada a teoria dos temperamentos, constituindo assim um tipo de conhecimento psicológico da época.

2.3 – Funções Psicológicas: Potência Sensitiva e Potência Cognitiva

A obra de Nuno Marques Pereira é baseada no modelo aristotélico-tomista, no qual o dinamismo psíquico tem como centro a alma – princípio vital, sendo esta estruturada em três dimensões, alma vegetativa, sensitiva e racional. Tomando a explanação de Gontijo & Massimi (2008), entende-se que a alma vegetativa está ligada as funções biológicas do organismo, sendo esta comum a todos os seres vivos, atuando através das potências vegetativas: nutritiva, aumentativa e geratriz. A alma sensitiva é constituída de componentes ligados às sensações e aos afetos (paixões, apetites, imaginação, memória) e também aos componentes supra-sensíveis (sinestesia, percepção de movimento, grandeza, dentre outros), atuando pelas potências sensitivas: externas e internas, presente nos animais e no homem. Já a alma racional possui as potências da cognição, da vontade, do juízo e da apreensão e intencionalidade das formas universais, pertencentes apenas ao homem.

Nesta perspectiva, o conhecimento se inicia a partir dos sentidos ou dados sensíveis, obtidos pelos cinco sentidos externos (visão, audição,

gustação, olfação e tato) e os objetos percebidos por estes sentidos são posteriormente representados pelos sentidos internos, os quais são compostos por quatro potências: memória, imaginação, potência cogitativa e senso comum.

De acordo com Massimi (2008b, p. 473), cada uma das quatro potências tem uma função específica na produção do conhecimento; assim,

o senso comum realiza uma primeira unificação das informações sensíveis transmitidas pelos sentidos externos, a fantasia [imaginação] ocupa-se de sua unificação num quadro espaço-temporal, a memória ordena e armazena as informações em imagens e a potência cogitativa proporciona uma primeira intelecção dos elementos não sensíveis, realizando um primeiro nível de reconhecimento do universal no sensível. A potência cogitativa é ratio particularis, o conhecimento racional das coisas específicas, uma espécie de continuação do espírito na sensibilidade que apreende as coisas particulares, manifestando nelas o universal. Assim, mesmo que a potência cogitativa pertença ao âmbito do pré-racional, apresenta-se já orientada para o todo, de modo que a sensibilidade é ela também plasmada pelo espírito. Na continuidade entre sensibilidade e intelecto, a potência cogitativa é o meio onde o espírito e a sensibilidade unem-se para formar um único conhecimento humano. Pois o pensamento, enquanto permanece num corpo não glorioso, necessita sempre voltar ao sustento do sensível e do fantástico para entender. A memória e a cogitativa fundamentam a virtude da prudência, a qual, por sua vez, discerne o bem e o mal e sugere a escolha do bem concreto, orientando a ação.

Desse modo, o conhecimento se dá quando a palavra atinge estas quatro potências. No *Compêndio*, o discurso do Peregrino reúne mecanismos da arte retórica a fim de mobilizar os sentidos internos, que através das competências das potências da alma racional atuam no dinamismo psíquico.

No diálogo do Peregrino com seus interlocutores, é possível elencar alguns exemplos da elaboração do conhecimento pela dinâmica dos sentidos

externos e internos. O uso de metáforas é o grande mote na mobilização das potências, e ao ordenar os afetos, a fim de agir sobre a vontade, propicia o entendimento e a adesão aos preceitos propostos ou uma alteração da conduta do homem. Nesta interação, o papel da potência cognitiva é vital, uma vez que os significados articulados pelos sentidos devem desencadear uma elaboração de um juízo mais elevado, vinculado a potência intelectual – a qual diante do conceito exposto, remete este a um juízo que visa apreender a verdade, avaliando o bem e o mal.

Como exemplo, seguem alguns trechos da narrativa do Peregrino, nos quais pelo uso de dispositivos retóricos (principalmente a metáfora e o exemplo), as potências ou funções psicológicas se dinamizam.

Quando o Peregrino dialoga com o Ancião acerca da sua peregrinação rumo às “Minas do Ouro”, declara que o destino não fora escolhido pelo interesse nos bens e riquezas dessa região, e então discorre sobre “o grande mal” resultantes da ambição e soberba. Para que o leitor/ouvinte compreendesse seu pressuposto, baseia suas argumentações em vários exemplos, um deles se refere ao Rei da França, Carlos VIII, que por querer ser senhor de muitas províncias e dominar muitos reinos, foi tomado pela ambição e soberba, “e por não seguir a Lei Divina e os ditames da razão” (PEREIRA, 1939, p. 30, vol. I), teve como castigo a morte repentina após tomar posse do cetro e coroa no ano de 1495. Conforme o Peregrino, “a ambição domina a razão” e é esta que mais rapidamente “nos tira a paz, e socego, e abrevia a vida” (p. 31).

Ainda no tangente a esta questão, o Peregrino coloca para os que desejam a salvação, que estes não devem ter grande apreço pelas “vanglórias” do mundo, pois “querer ser rico, é querer ser dos muitos que se perdem” (p. 34). E a fim de mobilizar os sentidos internos, proporcionando uma universalização do preceito exposto, traz a metáfora dos baiacus para comparar o desprezo que um rico tem por um pobre. E então diz:

São estes tais como uma casta de peixes, que ha neste Brasil e lhe chamam Baiacús, entre os quaes ha uns, que têm espinhos. São estes peixes peçonhentissimos, por terem no fel o mais refinado veneno, que ha no mundo: e que ainda

que algumas pessoas o comem, é com muita cautela. Mas vamos á comparação. Costumam estes peixes, assim como os pescam, tiram da agua, começarem a inchar, e fazem-se como umas bolas. Os de espinhos, não ha quem pegue nelles, pelo risco das agudas pontas: incham de sorte, que assim morrem ás vezes dando um grande estouro. Occupam-se estes peixes em mariscar pelas margens dos rios, e mangaes; e só quando vêem em terra, é que incham.

*Assim são os Baiacús humanos, ou deshumanos: tanto que se vêem nas praias e terras do Brasil, logo começam a inchar: e se não lhe dão algum officio, ou posto, fazem-se Baiacús de espinhos, não ha quem chegue junto delles. E se dizem a um destes: Basta Baiacú, porque pódes rebentar; ou se lhe tocam, cada vez mais incha mais. **Bem sei que este exemplo, ou moralidade é mui humilde; porém como é tão vulgar, cada qual tome no sentido mais accommodativo.*** (p. 34-35, grifo nosso)

Esta metáfora permite que o leitor/ouvinte represente uma idéia a qual, ao fazer uso da imaginação, estimula os conteúdos da memória permitindo a construção de significações referentes ao preceito. O Peregrino utiliza de elementos que fazem parte da cultura do povo brasileiro, facilitando a apreensão da metáfora.

No *Compêndio*, há uma grande ênfase no uso de imagens e metáforas para fundamentar o conhecimento e evocar vivências. A proximidade com a realidade das figuras escolhidas para compor os exemplos e metáforas, na maioria das vezes, garante força ao pressuposto uma vez que age sobre os afetos e a vontade.

Ao trazer para o Ancião os benefícios de se ouvir a missa, o Peregrino diz que a missa é a coisa mais sagrada que Deus deixou, por esta representar a Paixão e morte de Cristo, “para que, lembrando-nos do que por nós padeceu, nos seja esta repetida memória um despertador grande para amar a Deus, e servi-lo” (p. 62). Esta explanação se vincula a imagem da fé, aproximando a realidade do homem com a realidade divina, (re)apresentando à memória os elementos para que os conceitos se tornem mais vívidos.

A memória é um aporte fundamental na difusão de conhecimento no diálogo do Peregrino. Segundo Massimi (2010c, p. 667), a memória é um processo ativo e abrangente, ligada densamente à emoção e à imaginação, “não apenas rememora, mas organiza experiências e conceitos segundo um esquema norteado por lugares e percursos, tornando-os disponíveis para a invenção e construção cognitiva”.

Na narrativa, é possível ver a moção da memória quando o protagonista traz elementos que remetem o interlocutor a um dado já conhecido, como elementos da história de Cristo. Ao tratar da doutrina do terceiro mandamento, para enfatizar que todos deveriam guardar os Domingos e dias santos, inclusive os de “cor preta e seres humildes desprezados no mundo por pobres, porque este é o meio por onde se alcança o Reino do Céu” (p. 151), o Peregrino cita o exemplo de Cristo que,

na sua sagrada Paixão, foi preso, açoutado, despido, passou dias e noites com desvelo, padeceu fomes e frios e foi todo maltratado e affrontado dos homens, até que o puzeram em uma Cruz, onde padeceu morte affrontosa para nosso resgate; e quando neste lugar se viu, então deu a Gloria ao Bom Ladrão, porque também o viu pobre, nú e crucificado; porém, em todo este trabalho e desprezo em que se viu o Bom Ladrão, sempre esteve firme e constante na Fé. (p. 151-152)

E então o Peregrino pede aos escravos que não se sintam desconsolados “quando vos vires mais pobres, rotos e castigados por vossos senhores” (p. 152), pois receberão a bem-aventurança se confiando em Deus sejam constantes na fé como foram São Benedito²⁴, Santo Antônio de Calatagirona²⁵ e outros “santos pretos”. Ao usar como suporte de sua doutrina a idéia da Paixão de Cristo, o Peregrino incita a emoção no interlocutor e usa da força da imagem para gerar uma atividade reflexiva correspondente com a situação do destinatário, garantindo a ação persuasiva.

²⁴ São Benedito (1524-1589), santo negro da Igreja Católica Apostólica Romana.

²⁵ Santo Antônio de Categeró (-1549), nasceu na cidade de Barca, África.

Ao tratar da confissão, o Peregrino também ressalta a importância da memória e diz ao morador que para que se conquiste a misericórdia de Deus, é aconselhável que se faça todos os dias antes de dormir um “exame de consciência, trazendo á memoria todos os peccados, que commettestes naquelle dia” (p. 112), e depois faça um ato de contrição com dor e arrependimento, pedindo perdão pelas suas culpas e se comprometendo a confessar e não mais cair novamente em pecado. Para fazer uma boa confissão, o Peregrino aconselha ao morador que,

Para que façais bem o exame, haveis de considerar vossos peccados, alguns dias antes que vades aos pés do Confessor, trazendo á memoria todos os pensamentos, palavras, e obras, com que tendes offendido a Deus depois da outra Confissão que fizestes, e se cumpristes a penitencia. E para que melhor isto se faça, buscareis lugar opportuno, e parte socegada, fazendo lembrança dos tratos, que tivestes depois da ultima confissão; dos lugares em que estivestes; e das pessoas com quem conversastes. E depois de bem examinados vossos peccados, propondo de os dizer e declarar todos ao que estais obrigado: e pelo contrario, se o não fizeres, podendo não será bem feita a vossa confissão. E tambem, para vos livrares de algum escrúpulo, vos digo: que se depois de feito este exame com esta diligencia, vos esquecerem alguns peccados, não sendo por malicia, tambem vô-los perdoará Deus, como os demais que vocalmente disseres ao Confessor. E feita esta memoria, com dôr e arrependimento, e um proposito firme de nunca mais peccar, vos podeis confessar, discorrendo pelos Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja; valendo-vos do patrocínio de nosso Senhor JESUS Christo, e da Santissima Virgem MARIA sua Mãi, por ser tão grande medianeira para alcançarmos a graça de podermos receber o Santissimo Sacramento com limpeza da alma. (p. 113-114)

Segundo o Peregrino, o maior (e primeiro) pecado “são os atos do entendimento”, quando o homem não crê ou nega “o mistério e verdade, que se lhe propõe. Logo este peccado, sendo produzido do entendimento, com muita razão devemos fugir do primeiro, por não cahirmos nos mais das

outras espécies, como póde succeder” (p. 215). O bom uso do entendimento permite que o homem entre em conformidade com a vontade divina ao ser comovido pelos afetos e movido pela vontade. Dessa maneira, as doutrinas do Peregrino visam através de imagens metafóricas inculcar o conhecimento da verdade, para assim converter o destinatário. Além disso, o entendimento é o “tribunal da alma”, onde se julga o que é pecaminoso.

O pecado pode acontecer já no ato do pensamento, devendo então o homem ser cuidadoso. O pensamento é o elemento que traz ou não a culpa, pois primeiro ocorre no entendimento o pecado, para depois vir a ser executado o ato (p. 218). Diante disso, todos os pecados podem ser perdoados, menos o da fornicção, ou seja, do sexo imoral. E assim diz o Peregrino,

*Por isso, no pecado do sexto Mandamento²⁶ se não admite desculpa, assim como se póde admittir nos outros pecados. E se não, reparaí. Póde um homem matar em sua fiel defesa, ou por algum outro incidente, que poderá ter desculpa. Póde furtar em tão extrema necessidade, que não seja peccado, porque no tempo da necessidade extrema todos os bens são communs. Póde trabalhar em algum Domingo, ou dia Santo, ou deixar de ouvir Missa por tão urgente causa, que não peque. E assim em todos os mais preceitos divinos poderá haver algum genero de desculpa, que faça não incorrer em peccado mortal. **O que não se dá no peccado da fornicção: porque este primeiro se vê, se cuida e se forja no entendimento, e depois vai ao coração, para se poder pôr execução.** E como haja mora nestes effeitos, por isso se lhe não admite desculpa. (p. 218, grifo nosso)*

Para o Peregrino, um dos maiores benefícios que Deus pode fazer ao homem, é

dar-lhe bom entendimento, porque com este dom o livra de muitos perigos, dando-lhe os meios de se poder remediar nas suas necessidades, fá-lo procurar amigos com prudencia, e ainda conservar a mesma saúde temporal, livrando de muitos vícios, conhecendo as virtudes espirituais, e moraes;

²⁶ O Sexto Mandamento, na obra, se refere a não pecar contra a castidade.

além de muitos outros bens, que lhe resulta de ter bom entendimento. (PEREIRA, 1939, p. 24, vol. II)

Entretanto, é preciso aliar ao bom entendimento a virtude da prudência, sendo esta necessária para manter o homem no caminho da salvação. O exercício prévio do juízo, ou seja, a prudência é para o Peregrino imprescindível “para se saber governar, e livrar dos vícios, e amar as virtudes” (p. 24).

Conforme Massimi e Mahfoud (2007, p. 21) “a memória e cogitativa fundamentam a virtude da prudência, a qual por sua vez discerne o bem e o mal e sugere a escolha do bem concreto, orientando a ação”. Nos ensinamentos do Peregrino, este conceito é ressaltado quando coloca que,

para obrar bem, e virtuosamente, é necessario ao homem a prudencia para lhe alumiar o entendimento; a justiça para lhe regular a vontade; a fortaleza para que lhe tire o temor; e a temperança para que lhe modere o ardor da concupiscencia deleitavel. (PEREIRA, 1939, pp. 79-80, vol. II)

Logo, o comportamento humano sustenta suas ações não só na interação das potências psíquicas, mas também na consolidação e aperfeiçoamento da virtude da prudência, a qual permite empreender o bem, através de um exercício prévio para ajuizar sobre as múltiplas possibilidades de ação, e assim encontrar o bem concreto.

Dentre os meios de virtudes morais para alcançar a estimação divina e sabedoria, o Peregrino diz ser fundamental

*empregar o **entendimento** em conhecer, e a **vontade** em eleger o que é verdadeiramente bom. Porque são os meios de grande aproveitamento para com Deus e os homens. E quem assim se ocupar em sua vida, e peregrinação, mediante a graça de Deus, alcançará o premio do fructo, que deseja, que é o Reino do Céu. (PEREIRA, 1939, p. 23, vol. I, grifo nosso)*

Além disso, o Peregrino coloca que todo homem dotado de bom entendimento, é filósofo natural. O saber se constitui através da definição, do entitema, da consequência, da verdade, da falsidade, entre muitas coisas. Mas, para ele, estas categorias pertencem à dialética, sendo

“totalmente inúteis para a moral, em que convem mais a obra, que palavra, e simples conhecimento dos argumentos” (p. 24). Desse modo, considera que as sutilezas da dialética, servem mais de embaraço do que de clareza para a intenção do homem. De igual modo, para o Peregrino, “todos temos obrigação, quando chegamos a ter uso da razão, procurarmos aprender tudo aquilo, que temos de obrigação saber, para o bem da nossa salvação” (PEREIRA, 1939, p. 101, vol. II).

Durante a *peregrinação* pelo Palácio da Saúde, o Peregrino ao visitar a Torre Intelectual²⁷, a qual representa o entendimento, e observar pelos óculos de alcance os pecados que acontecem pelos quatro cantos do Brasil, principalmente nas Minas de Ouro, é interpelado pelo mancebo que lhe acompanha, o Bellomodo, que faz a seguinte explanação:

Primeiramente haveis de saber, Senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) que nada disso que tendes visto por esse oculo do alcance, e nesta torre intelectual, é sonho, nem ficção magica, porém sim pura verdade; porque nesta torre intelectual em que estamos, se deve reputar e entender, que é o entendimento do homem. Esse oculo do alcance é o discurso, pelo qual se conhece tudo aquilo que se pode imaginar com livre entendimento, porque é sem duvida que estando o homem em qualquer parte do mundo pode ver com o discurso, e olhos do entendimento, tudo o que se passa em Roma, na Índia, e mais partes do Universo. Tenho visto contar, ou lido, o que naquelas partes se costuma fazer ou praticar.

Porque haveis de saber, que muitas vezes tem acontecido enganarmos-nos com a vista, e acertamos com o conceito da razão, que fazemos das cousas, que se nos representam pelo discurso da imaginação; isto não só em cousas humanas, senão também nas divinas, como nos ensina a fé. (p. 138)

²⁷ A Torre Intelectual é o lugar onde o Presidente da Saúde tem suas grandes riquezas distribuídas em cada um dos quatro andares ou sobrados – sedas de grande valor, copa de ouro, prata e finíssima louça da Índia, moedas de ouro e prata, finíssimos diamantes, preciosas esmeraldas, e outras pedras de valor. O destaque é para os óculos de alcance, no quarto sobrado da torre, pelo qual se pode ver tudo o que quiser observar e descobrir no Brasil; neste sobrado tem-se quatro janelas que correspondem aos quatro pontos cardeais. Cf: PEREIRA, 1939, p. 134, vol. II.

Assim, a palavra ou discurso ao se agregar aos atos da imaginação e da memória, comovendo os afetos e movimentando a vontade, proporciona o entendimento. De acordo com Massimi (2009b, p. 377), o movimento retórico da palavra tem impacto sensorial e afetivo no destinatário, provocando neste um "questionamento racional que somente poderá ser resolvido no âmbito do discurso". Diante disso, o processo de conhecimento (re)apresenta ao destinatário o objeto do discurso, sendo os sentidos elementos auxiliares nesse processo. Ainda conforme Massimi, "o elo entre os sentidos, os afetos e o entendimento é constituído pela memória", uma memória tanto de palavras quanto de obras e ações da pessoa, que ao fazer uso da imaginação se torna um meio de decifrar a experiência e construir um pensamento, evocando a potência cognitiva, ou seja, a ação intelectual.

Para o Peregrino, "o entendimento é como a pedra preciosa, a qual ainda nascida no monte sempre brilha e mostra seu valor" (PEREIRA, 1939, p. 168, vol. I).

2.4 – Apetites: Afetos/Paixões

Os apetites são tendências intencionais motivadas por um desejo ou pelos afetos. Na ótica aristotélico-tomista, os apetites ou afetos podem ser divididos em duas categorias, os sensoriais – motivados pelos sentidos externos e internos, ou seja, apetites sensitivos (onde se encontram as paixões) – e os intelectuais – motivados pela vontade, requerendo um juízo daquilo que produz para integrar e coordenar as ações dos demais apetites.

A potência apetitiva está ligada ao princípio dos atos humanos, uma vez que movimenta as paixões na interação com a vontade. O controle dos apetites ou paixões é um dos motes nos ensinamentos do Peregrino. Além disso, os dispositivos persuasivos na narrativa evidenciam o estímulo dos apetites, para que na dinâmica com as demais potências, suscite a adesão às doutrinas difundidas.

Considerando a questão da ordenação e disciplina dos afetos para se afastar do pecado, visando alcançar o fim último, é possível elencar algumas conversações do Peregrino. Ao longo da jornada, o Peregrino, em diálogo com um morador, estabelece a relação da potência apetitiva com a

escolha de condutas pecaminosas. Assim, considera que um pensamento pode ser sugestionado pelo “Diabo”, que usando de uma “sugestão psicológica” a qual seja estimulada pelos apetites, pode “entrar para o entendimento; depois na vontade, e, se nesta [houver] consentimento em matéria grave” (p. 217), se tornará pecado mortal, impedindo que sua alma se salve. Para fugir dos maus pensamentos estimulados pelos apetites, o Peregrino aconselha usar dos remédios que os livros espirituais ensinam.

Na perspectiva de São Tomás de Aquino, o apetite sensível tem uma distinção própria em *concupiscível* e *irascível*. Na potência concupiscível, “o desejo mobiliza-se na direção do bem reconhecido como tal”, já na potência irascível, “busca a apreensão de um bem árduo” (MASSIMI, 2001, p. 627). No *Compêndio*, a predestinação para seguir o caminho divino está vinculada a capacidade do homem em seguir as “três verdades teológicas”, que são fé, esperança e caridade. A salvação estimula o apetite sensível, movimentando a potência irascível, e através do estímulo favorável – a salvação – produz a esperança. Na *Suma Teológica* (2005), Tomás de Aquino coloca que o movimento apetitivo só tende a alguma coisa se antes disso passar pelos sentidos ou pelo intelecto. É pela fé que o intelecto capta o que ele espera e ama, por isso a fé precede a esperança e a caridade. Desse modo, o bem esperado só pode ser alcançado se os apetites passarem antes pelo entendimento e pela vontade.

O amor, sendo este um afeto vinculado à potência concupiscível, é muitas vezes abordado na narrativa do Peregrino. O amor entre amigos e a saudade que a ausência pode vir a trazer, é retratada na novela a partir do encontro do Capitão e seu amigo Pastrano. Quando o Peregrino está esperando pela missa no alpendre de uma casa junto com outros homens, vê um Capitão, que aparentava mais de cinquenta anos, que diz as seguintes palavras ao seu amigo:

Com grande fundamento disse Aristoteles, Senhor João Pastrano, que a distancia, em quem ama, aparta o exercício, mas não o amor: faz divorcio com a vista, mas não com a vontade: impede a familiaridade, mas não o querer. Porque tambem lá disse um discreto Thebano, que o amor da amizade é uma fome insensível da falta do tempo, em que se não vê a cousa amada. E por isso com muita propriedade se

compara o amor com o fogo, que é o primeiro dos quatro Elementos, assim como o amor é a primeira das quatro paixões, segundo o que diz Salomão nos Proverbios. Como o grande fogo se não póde esconder no seio: da mesma sorte o amor vehemente não póde ser escondido. Finalmente, todos os officios, e todas as sciencias desta vida se podem aprender, excepto o officio, ou arte de amar: a qual nem aqulle assombro da sabedoria Salomão a soube definir, nem pintar Apelles, nem ensinar Ovidio, nem contar Heleonor, nem cantar Orfeo, nem ainda dizer Cleopatra; porque é sem dúvida, que só o coração a sabe sentir, e a pura discrição declarar. Trouxe todos esses exemplos, João Pastrano, para vos significar o quanto sentia a vossa ausencia: que vos posso afirmar, que já me fazieis mui grandes saudades, pelo longo tempo que vos não vejo. (p. 361-362)

O amor deve ser virtuoso e cuidadoso. A vivência desse sentimento, embora possa ser corruptível, manifesta o desejo de união e o prazer de um vínculo de cumplicidade. A ausência além de não afastar o amor, estimula os movimentos do apetite.

Na doutrinação que o Peregrino faz em relação como devem os pais de família educar os seus filhos²⁸, também há mais um exemplo sobre o afeto do amor, mas traz uma perspectiva que caracteriza a dimensão negativa que pode vir a incidir sobre o homem. O amor excessivo que os pais podem ter em relação aos filhos e alguns senhores têm a seus escravos, pode se tornar idolatria, e:

por este amor desordenado permite Deus que vejam mau fim destas tais criaturas para sua maior confusão. E a muitos tem acontecido acabarem as vidas nas mãos dos mesmos escravos, que com tanto mimo criaram, porque mais prezaram o amor das criaturas que o do Creador: como consta de varios exemplos, que têm sucedido no mundo e

²⁸ Alexandre de Gusmão e Manuel de Andrade Figueiredo já haviam publicado livros com concepções de instrução e educação das crianças e jovens.

Cf. GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes na Rua Figueira, 1685. Disponível em <www.bn.pt> Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

Cf. FIGUEIREDO, Manuel de Andrade. *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722. Disponível em <www.bn.pt> Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

principalmente neste Estado do Brasil. Já nos filhos temos visto, que o muito mimo com que os tratam os pais, tem sido a causa de os deitarem a perder e verem delles lastimosos sucessos acontecidos por não os reprehenderem nem lhes darem boa doutrina enquanto pequenos: como se conta daquelle, que cortou os narizes com os dentes á mãe ao pé da forca, pelo deixar enquanto pequeno furtar e obrar mal, sem reprehensão, nem castigo. (PEREIRA, 1939, p. 178, vol. I)

Ao não disciplinar este apetite, os pais de família são incapazes de oferecer uma boa educação aos filhos seguindo uma doutrina cristã, e pelo “amor desordenado” não conseguem repreender nem castigar as más obras dos filhos. E o Peregrino finaliza dizendo, “o pai, que quiser criar bem a seu filho, deve ir cada hora à mão e não deixar sair com seus apetites: porque a mocidade é muito tenra para resistir aos vícios e mui capaz para receber conselhos” (p. 178).

Ainda sobre o amor, o Peregrino ressalta que o amor desordenado aos bens temporais contamina os homens de vícios, impedindo o exercício da boa fé. E assim diz:

*Agora conheço, que com muita razão disse S. Bernardo, vendo o tropel das culpas, que corriam neste mundo: que **a moeda corrente entre os homens, não era mais que o amor desordenado dos bens temporaes**, por cuja razão não havia fé segura entre os homens, porque tudo tinha contaminado a Soberba, a Avareza, a Cobiça, e a Luxuria: e que por causa destes vicios faltava a observancia nos Religiosos, a modéstia nos Sacerdotes, a justiça nos Ministros, a madureza nos velhos, a sujeição nos moços, o amor natural nos parentes, a fidelidade no povo, a reverencia nos subditos, o exemplo nos Prelados, o amor da castidade nas virgens, a pudicícia nos casados. Tudo isto disse o Santo, ha mais de quinhentos e tantos annos. E que terá succedido desde então até agora, em tempos tão perversos, e cheios de tantos vicios, como estamos venod, e experimentado! Por isso David com espirito profetico pedia a Deus que lhe tirasse o véu dos olhos, para que pudesse conhecer as maravilhas*

dos seus mysterios. (Psal. 118, 18.) Isto é, a cegueira da Soberba, da Ambição, da Concupiscencia, e de todos os mais vícios e peccados, que nos privam e cegam, para não podermos ver os infinitos beneficios, que actualmente nos está Deus fazendo, e pela nevoa da culpa não podemos ver, nem exergar. (p. 35-36, grifo nosso)

Ao tratar do “vício da carne”, o Peregrino descreve a luxúria como um “apetite desordenado”, uma vez que a busca pelo prazer carnal “priva as almas todo o sustento espiritual e lhes mata também os corpos, e assim os leva ao inferno, aonde vão penar para sempre” (p. 224). O descontrole das paixões motiva o homem a continuar no pecado e nutrir os vícios, impedindo que a inclinação da vontade seja voltada para um bem favorável.

O pecado do adultério ou amor profano é outro tema abordado pelo Peregrino. Aquele que se expõe ao entretenimento dos afetos profanos está sujeito a trágicas consequências no percurso da vida. Como exemplo do insucesso que do amor profano pode resultar, um morador relata ao Peregrino que havia conhecido uma mulher belíssima e casada que lhe disse:

Dias ha, Senhor, que vivo tão subornada ao galhardo talhe de vossa gentileza, que por não applacar o fogo em que me vejo arder, busquei este meio de me poder declarar. Bem sei que parecerei temerária, no atrevimento que vos fallo: porém, a culpa tiveram meus olhos e a ociosidade de vos ouvir repetir trágicos successos da vossa vida. E como me parece ser mais culpado meu marido, em procurar trazer um hospede, ou áspide, para me tirar a vida, tenha agora a pena de lhe fabricar essa traição.

Senhora, (lhe disse eu) em mim não reconheço as partes, com que me tendes lisonjeado: nasceram, sem dúvida, do affecto cordial, com que vos quereis mostrar agradecida, por conheceres o grande desejo que tenho de servir a todos desta casa, pelo desvelo com que me solicitaram as melhoras de minha saúde: e por isso tomára inventar novos agrados para os contentar. A satisfação do meu gosto, Senhor, (me disse a mulher) não se paga sem dar cumprimento a meu desejo. Senhora, vêde (lhe disse eu) que entre as maiores

estimações, que costumam os homens prezar no mundo, é a sua honra; poderá vosso marido saber vosso designio e tomar vingança com justa causa. Para tudo ha remedio, (me tornou a dizer a mulher) porque assim como se tem descoberto antidotos para a vida, tambem se fabricaram venenos para a morte. E será acerto (lhe disse eu) pagar benefícios com ingratidões? Tenho entendido (replicou ella) que não foram os impulsos das armas do inimigo, que vos fizera fugir da guerra, porém, sim vossa covardia. E com esta resolução, retirando-se da janella, tomou o andar para o interior da casa.

E reparando notei no seu donairoso talhe, tudo asseio, tudo alinhado, tudo garbo e perfeição. E levantando-me do lugar em que estava, fui encaminhando os passos para uma camara, que na mesma varanda estava e me servia de recolhimento: e presagiando algum infausto successo, formei logo tensão de me retirar de tão evidente perigo.

Eis que ouvi tropel, como de muitos, que corriam apressadamente: e reparando, vi entrar o dono da casa com um punhal na mão, dizendo a dous escravos, que me não deixassem sahir da camara, enquanto dava execução seu agravo, pois tão claramente o tinha visto. Mas como na camara havia uma janella, por ella me sahi: e com ir com apressados passos, ouvi tão lastimosos gritos, como de quem entregava a vida ás mãos de um executor verdugo. E tendo-me distanciado da casa mais de um quarto de légua, avistei um maranhoso ramal, dentro do qual me recolhi, de cujo lugar descobria a estrada: e dalli a um quarto de hora passou o dono da fazenda, montado a Cavallo, com quatro escravos, todos armados, aos quaes ia reprehendendo, porque me tinha deixado sahir com vida. E vendo-me naquelle evidente perigo, fiz um promettimento a Deus, que se me livrasse daquele aperto, iria buscar uma Religião, onde, fazendo penitencia, acabasse a vida em seu santo serviço. E logo fiz este discurso:

Oh caduca belleza! Oh falsa vaidade! Como te considero tão depressa arruinada! De que te serviu a vida estribada em um

engano com alentos de uma respiração, se havias de morrer de um suspiro? Ah infeliz! Quem te dissera, ha menos de uma hora, que toda esta locução se havia de ver em um silencio triste! E que todo este garbo e bizarria tão depressa havia desaparecer como uma exalação que corre; uma setta veloz; uma ave, que voa; um peregrino que passa; uma nau, que navega; uma ampolla de água; uma nuvem que se desfaz; uma flor, que cahe, e um vento, que desaparece!

Isto mesmo considero hoje em ti, ó desgraçada. De que te serviu aquella bem vista formosura e portentosa belleza, quando apenas parecias um assombro de perfeições, para seres agora considerada um estrago da vida e um horror da morte?

Glorias, que hão de ser tão pouca dura, para que é possuí-las? Felicidades tão momentaneas, para que estimá-las? Formosura, que tão depressa se affeia, para que é idolatrá-la? Vida, que tão brevemente acaba, para que é prezá-la? Finalmente: para que é fazer tanto apreço e estimação de uma exalação, que desaparece; de uma setta, que rompe no ar; de uma ave, que voa; de um peregrino, que não tem jazigo; de uma nau, que vai navegando; de uma nuvem, que se desfaz; de uma ampolla de agua, que se desmancha; de uma flor, que murcha, e de um vento, que não apparece? Por isso com muita razão chamou Job á nossa vida flor: Quase flor egredictur, & conteritur: (cap. 14. v. 2.) e em outro lugar (cap. 7. v. 7.) lhe chamou vento: Ventus est vita mea. E assim devemos cuidar sempre, que todo este composto mortal ha de vir a parar e reduzir-se em pó e cinza: Quia pulvis est, & in pulverem revertereis. (Gen. 3. 19.) (p. 284-285)

Após este discurso, o morador é ajudado pelo Peregrino a dar cumprimento a sua promessa de ser religioso. E ainda tratando dos afetos profanos e do adultério, o Peregrino explica ao morador que muitos chamam o amor de Cupido, por ser este "filho de Marte, deus da guerra, e de Venus, deusa da formosura e symbolo do amor profano" (p. 286). E desse modo,

pelo que têm de guerreiros amantes e valentes namorados, todos aquelles e aquellas, que se alistam debaixo de suas bandeiras, a servi-lo nos seus Exercitos, por isso vêm muitas a morrer de settas hervadas do peccado e vão a parar suas almas no inferno. (p. 286)

O homem deve fugir do pecado do amor profano ou adultério, porque pela impossibilidade de haver reparação torna-se muito difícil obter o perdão desta culpa. As amizades ilícitas devem ser evitadas e os comportamentos que favorecem este pecado devem ser impedidos.

O ciúme, sendo este uma tendência desfavorável do amor, é abordado pelo Peregrino como o motivador de vários insucessos na vida afetiva do homem, uma vez que “costumam os demasiados ciúmes não só cortar pelo crédito, mas ainda pela união da paz e assombros da mesma morte” (p. 295). A fim de persuadir, cita vários exemplos discorrendo os infortúnios daqueles que se deixaram dominar pelas paixões, tal como o caso do genro do Rei de Leão em Castela, “que andando na guerra contra os Mouros, por lhe chegar à notícia que sua mulher a Princesa usava mal de sua honra, a matou inocentemente, como depois se comprovou” (p. 295). Também conta o Peregrino que “Fulvia, mulher de Marco Antonio, quiz antes impaciente cortar pelo bem publico da paz, que soffrer a guerra dos seus ciúmes” (p. 295). E ainda expõe que “não succedeu assim entre os nossos Reis de Portugal, por serem as nossas Rainhas mui pias, discretas e virtuosas, sabendo-se vencer com moderação, no que muitas não puderam dissimular com paixão” (p. 295).

Em seguida, o Peregrino faz algumas advertências para se livrar do perigo do ciúme excessivo e suas consequências, sugerindo que as mulheres se ocupem de bons exercícios e não fiquem ociosas, que os homens procurem mulheres de sua geração e idade e tratem sua mulher com amor e respeito, não permitir a presença de homens moços e de suspeita de serem infiéis diante da esposa, dentre outros conselhos.

Ao se deparar com um morador que se descrevia como tomado de ira e paixão, o Peregrino explica ao morador que,

a ira é tão prejudicial à natureza humana, que faz ao homem semelhante a um bruto, pelos effeitos que obra: e de tal sorte priva do juízo, ainda aos mais prudente, que lhe não

deixa lugar para distinguir o mal do bem, obrigando-o a fazer desatinos, que dão muito que notar. (p. 301)

Na concepção do Peregrino, a ira impede a inteligência do evento ocorrido obstruindo o discernimento do bem e do mal. Por se um afeto ligado ao irascível, a ira, não obedece imediatamente a razão. “E por isso se costuma dizer, que o homem irado está fora de si, pelos efeitos que obra” (p. 302). E segundo São João Crisóstomo, o Peregrino completa “que a soberba e a ira eram as maiores das doidices” (p. 302), demonstrando o aspecto psicológico dessa paixão. Mesmo que tomado de paixão, não deve o homem ser um “bruto irracional” (p. 303) e procurar armas contra si mesmo, pois é uma ofensa a Deus e ao próximo. Ao satisfazer uma paixão e ser precipitado pela ira, o homem se priva do bem e não cumpre com a obrigação de amar a Deus e também ao próximo. Conforme o Peregrino, “só se acha este vicio em gente vil e baixa, porque o animo nobre não falta na observancia da lei, pelo que deve á sua fidalguia” (p. 305).

E no A, B, C, de exemplos de como governar bem os filhos que o Peregrino cita que foi encontrado no testamento de um antigo homem do Reino de Portugal, encontra-se o seguinte verso:

*Ira, fique-vos de aviso,
Não vos domine a razão;
Que onde governa a paixão,
Não obra livre o juizo. (p. 185)*

Na jornada, o Peregrino se depara com um morador que acometido pela paixão da ira, fazia juras em vão por ter sido molestado pelos vizinhos, os quais haviam derrubado a cerca de sua propriedade e de lá tirado alguns paus. E envolvido por um desejo de vingança o morador jurava pela hóstia consagrada “que se encontrasse alli aos que lhe tinham feito aquelle damno, os havia de matar” (p. 137). Então o Peregrino dá boa tarde ao homem, com a intenção de que este lhe desse o boa noite. “Correspondeu-me primoroso, (que não sei que tem isto de ter um homem bom entendimento, que, ainda quando mais apaixonado, não sabe faltar á cortesia) e logo me perguntou se buscava agasalho? Ao que lhe respondi que sim” (p. 137). O morador levou o Peregrino em sua companhia e seguiu-se o seguinte diálogo:

*Bem conheço, Senhor, me estranharieis ouvir-me com repetidas vozes **apaixonado** invocar varias juras [disse o morador]. Ao que lhe respondi: Senhor, é a nossa natureza de uma composição, que nem sempre póde estar em um ser: motivo (além dos mais) porque chamam ao homem mundo abreviado. Porque assim como succede estar o mundo em umas ocasiões com serenidade, em outras tempestuoso, já ventando, já chovendo, e emfim noutras com relampagos e trovões, **assim tambem o homem em uma ocasião se acha alegre, em outras triste, já gritando, já chorando, e maldizendo-se.** Porém nunca será acerto jurar, nem praguejar: porque no deixar de o fazer se mostra o homem Christão, **racional, e prudente**; além de offensa de Deus, que é o que mais devemos evitar. (p. 137-138, grifo nosso)*

Embora o Peregrino reconheça que no gênero humano uma tristeza sofrida possa causar sentimentos extremados, a razão e a prudência devem acompanhar as paixões, direcionando a ação para o bem e visando a temperança.

A penitência é uma forma pela qual o homem pode disciplinar os apetites. Conforme o Peregrino há dois tipos de penitência, a corporal e a espiritual. A penitência espiritual é a que agencia os movimentos dos apetites. O Peregrino esclarece,

*A [penitência] corporal castiga e afflige o corpo, como são disciplinas, jejuns, cilicios, dura cama, vestido aspero e outras cousas semelhantes. **A espiritual e interior, mais excelente e levantada, consiste em reger e governar os movimentos do nosso appetite, andando um cada dia pelejando contra seus vicios e más inclinações e negando-se sempre á sua propria vontade e seu mesmo juizo, vencendo sua ira, reprimindo sua colera e impaciencia, refreando sua gula e todos os seus sentidos e movimentos.** Esta podem fazer fortes os fracos, são os doentes, moços e velhos: porque dominar o espirito, desprezar a honra e exercitar outros semelhantes mortificações, vale mais do que fazer grandes penitencias de tomar disciplinas, jejuns, etc. (p. 324, grifo nosso)*

O apetite sensitivo tem sua localização orgânica no coração (MASSIMI, 2001), aspecto este também evidenciado no *Compêndio*. Em um dos diálogos do Peregrino, a moça – uma interlocutora – ao falar do seu sofrimento, atribui que o sentimento de tristeza acomete o seu coração (PEREIRA, 1939, p. 168, vol. II), destacando a dimensão corporal dos afetos.

Ao tratar do significado do sinal da santa cruz nas três partes do corpo onde se principia os pecados, a terceira cruz é feita no peito, sobre o coração, porque além de ser a fonte da vida conforme as regras da medicina, o Peregrino coloca que “dos alentos do coração se comunica a todo corpo suas forças vitais, e dele nasce a ruína da nossa morte tanto temporal, como espiritual” (p. 213). Portanto, o Peregrino considera que as más obras nascem do coração. O bem da salvação depende de um bom coração, ou seja, é preciso governar e direcionar as paixões e submetê-las ao controle da razão para que o homem ao se afastar dos perigos alcance a graça divina.

Para o Peregrino, as más ações do homem se devem a falta de entendimento e a incapacidade de disciplinar as paixões,

Alguns obram mal por não conhecerem racionalmente o bem; outros conhecendo, cegos do amor proprio, voluntariamente não querem seguir: e muitos finalmente querem segui-lo, porém, a paixão do temor, do interesse, da concupiscencia deleitavel, e outros semelhantes vicios os dissuade, e lhes perturba o entendimento para que não obrem livremente o que devem obrar e seguir espiritualmente. E assim que, para fazer uma obra moralmente boa, devem concorrer todas as circunstancias honestas e virtuaes, porém, para a viciosa basta uma só. (p. 79)

Diante de tais considerações, entende-se que a potência apetitiva está na base das inclinações que motivam as ações humanas, seja para o bem, seja para o mal. Na *Suma Teológica* (2005), São Tomás de Aquino coloca que as inclinações do apetite sensível são uma das causas que também levam ao pecado. Para Aquino, pode-se encontrar no ato humano uma causa mediata e imediata para o pecado. A causa imediata diz respeito

à razão e vontade, o que permite que o homem tenha o livre-arbítrio, já a causa mediata se vincula a apreensão da parte sensitiva e do apetite sensível. Isto posto, a inclinação do apetite sensível pode levar junto consigo a vontade e a razão, e assim tem-se uma dupla causa do pecado.

Para o Peregrino, até mesmo o pecado original ocorreu pelo descontrole dos apetites, impulsionado pelos desejos da mulher. Assim diz,

E como Adão tanto amasse a Eva, sem reparar no preceito que lhe havia posto Deus, comeu do pomo, e por essa causa se viu logo despido da graça de que Deus o tinha vestido, e foi lançado do Paraíso, fazendo-nos a todos ficar sujeitos ao peccado original, expostos a padecer tantos trabalhos e infortúnios, quantos são os que experimentamos nesta miseravel vida.

*Oh, quantos homens, **cegos de um apetite e induzidos de uma mulher**, por lhe fazerem a vontade, desprezam a Lei Divina, vindo por esta causa experimentar tantos trabalhos e muitas vezes perdendo a vida e a mesma alma, que é o que mais se deve sentir! (p. 259-260, grifo nosso)*

No *Compêndio*, o Peregrino ressalta como o descontrole das paixões suscita o pecado e mantém os vícios, impedindo a conversão e, por conseguinte a consolidação das virtudes a cargo de um bem maior. As paixões desordenadas, como se refere o Peregrino, interferem no equilíbrio psíquico do homem, e por isso o protagonista inscreve uma “terapêutica” para a harmonização desses afetos. Os afetos, uma vez submetidos à razão e à vontade, podem auxiliar na construção da virtude (MASSIMI & SILVA, 2001). Portanto, o apetite sensitivo deve estar aliado ao apetite intelectual, para que governado e direcionado pela razão e pela vontade, possam acomodar as paixões contribuindo para a construção de alicerces psíquicos para as ações humanas.

2.5 – Livre-arbítrio

A concepção de que o homem é dotado de juízo e livre-arbítrio se faz presente no *Compêndio*. O primeiro princípio do entendimento, ou alma racional, se manifesta pela capacidade do homem dominar suas ações,

domínio este exercido pela razão e pela vontade. De acordo com Massimi (2005) isso justifica a existência de livre-arbítrio na experiência humana.

Na narrativa, o Peregrino reconhece que seus interlocutores podem posicionar-se diante das doutrinações, tendo o livre-arbítrio para decidir o lugar que deseja ocupar no percurso da existência, alcançando ou não a salvação através de suas escolhas.

Já na concepção de pessoa proposta pelo Peregrino, este elemento é expresso e está vinculado à constituição de Adão, sendo o livre-arbítrio um dos muitos dotes ou graças que Deus deu ao homem. Ao pressupor que todo homem é dotado de liberdade para escolher entre o “caminho do bem e do mal”, há a idéia de uma responsabilização pelo curso da própria vida e das consequências “pós-morte”. Para o Peregrino,

a creatura racional nasce livre de guardar algum preceito Divino ou humano sob pena de peccado, antes de ter uso da razão: e só nascemos com o encargo da culpa original, por se contrahida nos nossos primeiros Pais; da qual ficamos livres pelo Sacramento do Bautismo. E os que morreram antes da instituição desse Sacramento, e tinha feito boas obras, suppriu-lhes o preciosissimo Sangue de Christo, quando na sua sagrada Paixão o derramou por nosso resgate, pelo terem merecido, para delle se aproveitarem.
(p. 134, grifo nosso)

Em um dos diálogos durante a *peregrinação*, o Peregrino é indagado pelo padre Capellão sobre o motivo pelo qual os homens se encontram em um mesmo discurso e pensamento, dizendo um o que outros já tinham dito. Então, levantando a questão do livre-arbítrio, o Peregrino responde:

*É o pensamento do homem como uma ligeira setta e ás vezes mais veloz, porque chega aonde não póde chegar a setta: e por isso se encontram no mesmo alvo, de sorte, que vem a dizer um o que outro já tinha dito. E razão disto é: porque em tudo se póde pôr balisa e preceito, porém, no entendimento e pensamento não póde haver norma, nem padrão, pelo **livre alvedrio** que Deus deu ao homem.*
(PEREIRA, 1939, p. 345, vol. I, grifo nosso)

Embora haja doutrinas e ensinamentos dirigidos a disciplinar as condutas para se alcançar a salvação, ao conhecer e entender a verdade

dos preceitos o homem tem a liberdade para escolher suas ações, sendo “senhor” dos seus atos.

A questão do livre-arbítrio perpassa discretamente por vários pontos da narrativa do Peregrino, uma vez que ao expor suas doutrinas, espera a reflexão do interlocutor, conduzindo a este a responsabilidade quanto à mudança de postura em relação aos atos considerados pecaminosos. Um dos exemplos diz respeito ao diálogo que o Peregrino tem com o Ancião sobre as excelências da pobreza, expondo que mesmo os homens considerando a pobreza “tão louvada, e de todos acreditada por virtude” (p. 50), muitos escolhem fugir desta condição, visto que a virtude da pobreza deve ser “um hábito da vontade iluminada do entendimento” (p. 51).

Tratando da questão do pecado, o Peregrino também traz a questão do livre-arbítrio. No diálogo com o morador, o Peregrino diz que embora Deus conheça o passado, presente e futuro, espera que os pecadores se arrependam dos seus atos e se convertam para assim ser concedido à eles a bem-aventurança. Embasado em São Jerônimo, o Peregrino emenda que a vida dos cristãos,

*não olha Deus para os principios della, porém para seus progressos e fins. E por isso convem e importa a todo o Christão que, se se quizer salvar, ponha termo em seus peccados, pedindo muito a Deus que lhe dê forças para abraçar as suas santas inspirações, para se poder tirar da occasião da culpa, pois para isso nos deixou Deus o **livre alvedrio** nas nossas mãos. Porque é certo que não querer largar a culpa é sinal de prescrito, e deixar-se estar nella é querer ir para o inferno. (p. 225, grifo nosso)*

No encontro com um vendeiro desonesto, o Peregrino relata todos os males que o furto e a ambição causam ao homem, e quando o vendeiro reconhece que está “no inferno pelos grandes pecados que neste particular tem cometido” (p. 251), faz a escolha por seguir “os saudáveis conselhos” que o Peregrino lhe dera, prometendo aproveitar estes conselhos para se “livrar dos encargos de consciência” e poder alcançar a salvação (p. 252). Nesta passagem também é possível perceber que o Peregrino motiva a reflexão do interlocutor, usando da persuasão para movimentar os afetos e

através do uso da razão e da vontade, o interlocutor é convencido a mudar seus comportamentos, visando o bem da salvação.

O Peregrino também aborda um aspecto peculiar em relação aos sonhos, afirmando que no mundo onírico não há livre-arbítrio. Desse modo, coloca como exemplo que se um homem “expelliu o semen por sonhos, se depois de acordado teve complacencia, peccou: e pelo contrario, se lhe pesou, porque no somno não ha livre alvedrio, e sem livre alvedrio não ha peccado” (p. 218). Embora nos sonhos não haja livre-arbítrio, o pecado se estabelece conforme o uso que se faz do material onírico. Ao ter a lembrança do sonho, é possível fazer uso da razão.

Quando o Peregrino encontra com um mancebo, que havia cometido um assassinato por ter se apaixonado por uma meretriz, também sinaliza a questão sobre o livre-arbítrio. Assim diz ao mancebo,

nos deixou Deus a vontade livre, para della usarmos independentes, porque se lhe não rendereis a vontade, por ser esta filha do amor proprio, nunca vos succedera esse sucesso. E tanto é isto verdade, que affirma São Bernardo, que se não houvera vontade propria, não houvera inferno, e que nenhuma outra cousa se queima no inferno, como é a propria vontade. (PEREIRA, 1939, p. 178, vol. II)

Desse modo, se o homem é guiado apenas por sua própria vontade, e se distancia dos preceitos divinos, pode se “considerar perdido, espiritual e temporalmente” (p. 178). Mais uma vez a prudência é o meio para se livrar dos perigos do pecado.

Segundo Massimi (2005) as ações humanas têm como características “ter uma finalidade”, e a finalidade última é a felicidade - o bem perfeito que coincide com a experiência de satisfação total, na qual o objeto de satisfação plena é alcançar a essência das coisas, sendo a essência última das coisas Deus. Portanto, o objeto da felicidade do homem é Deus. Baseada nas concepções da *Suma Teológica*, Massimi ainda expõe que conforme São Tomás de Aquino o homem se diferencia das outras criaturas irracionais por ser dono de seus atos, sendo o livre-arbítrio uma faculdade da vontade e da razão.

“Como o objeto da vontade é o fim e o bem, é preciso, por conseguinte, que todas as ações humanas se façam por um fim, e em busca

do bem” (MASSIMI, 2005, p. 154). Desse modo, as doutrinas postas pelo Peregrino guiam o homem para um fim último, ou seja, para a busca da felicidade que está no encontro do homem com Deus no Reino dos Céus. Os preceitos expostos pelo Peregrino a partir da alegoria da *peregrinação* propiciam que o homem, ao conhecer a si mesmo e pelo domínio da razão e da vontade, faça uso do livre-arbítrio, sendo então responsável pela escolha de suas ações.

3 – A PEREGRINAÇÃO NO COMPÊNDIO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS

A *peregrinação*, no contexto da obra de Nuno Marques Pereira, retrata primordialmente a alegoria da existência humana do homem concebido como Peregrino e desterrado, mas traz também o universo sócio-cultural da época que o Peregrino incorpora ao promover durante sua jornada a difusão de conhecimentos, notícias, moralidades e principalmente doutrinações.

Como afirma Pereira (1939), o Peregrino é “político e cristão”, pois difunde seus saberes fazendo advertências espirituais e morais. Assim,

Para ser um homem político, bom Christão, deve ser obediente aos preceitos da Santa Madre Igreja, procurando, as mais vezes que puder, o Sacramento da Penitencia: tomando os avisos e documentos do seu Padre espiritual, e os conselhos dos bons: e entendendo que ninguém pôde fazer obra meritoria, sem a graça de Deus; e que não podem estar juntos em um sujeito, o peccado e a virtude: que Deus creou ao homem, para que o amasse, e merecesse: que se não nega a nenhum, que o quer. (PEREIRA, 1939, p. 23, vol. I)

Ser “político e cristão” é se assumir como um agente transformador que é lançado em sua viagem para instruir com o propósito cristão da salvação da alma humana. Porém, os ensinamentos devem estar cerceados dos preceitos da Igreja Católica, visando uma educação orientada para o aperfeiçoamento do cristianismo tridentino.

A alegoria da *peregrinação* tem seu movimento marcado pela tríade discursiva (Peregrino-Ancião-Morador), sendo o eixo condutor da transmissão dos saberes, caracterizando então a dimensão da transitoriedade da existência e o imperativo do desengano. Assim, a *peregrinação* se constitui como um instrumento modelar e de regulação capaz de preparar o homem para o encontro com sua verdadeira Pátria.

Embora a natureza humana seja considerada fraca e pouco estável, acredita-se que a partir do hábito seja possível criar uma segunda natureza. Portanto, os ensinamentos do Peregrino devem servir de regra e norma,

“por estes serem fundados em tão sólidas verdades, que não poderá haver nellas dúvida, nem a mínima discrepância” (p. 57).

A teologia disseminada na *peregrinação* funda-se na preparação do homem para a outra vida, ou seja, para a conquista da bem aventurança no Reino dos Céus. O homem é preparado pelo Peregrino não para ser cidadão deste mundo, e deste modo as instruções de como viver são organizadas com o objetivo de mostrar que a vida não tem um fim em si mesmo, sendo o homem um desterrado.

A noção de desterro é demonstrada já no mito da criação, quando Adão e Eva desobedecem às instruções de Deus comendo do fruto proibido. Após prescrever os castigos que tanto Adão e Eva quanto os seus descendentes seriam acometidos por toda a existência, Deus os expulsou do Paraíso, os desterrando daquele lugar. No diálogo do Peregrino com o Ancião, é discutido o princípio da redenção do homem e como este foi preservado da culpa original. Então o Peregrino conta que quando Deus ainda estava no Paraíso, mas não arrependido de ter criado Adão, aparece ali a Soberba – “raiz de todo o pecado e inimiga do homem” (p. 99) – e faz um requerimento contra Adão, pedindo sua condenação ao Inferno. Entretanto, há a intercessão da Santíssima Virgem Maria, uma formosa Donzela, representando a Piedade, que pede a Deus pela redenção de Adão.

E olhando o Eterno Padre para a formosa Donzella, lhe disse: E que respondereis por parte de Adão em sua desculpa? Senhor, bem conheço, (disse a Piedade) que vos tem desobedecido Adão, e por essa causa, com justa razão, mereceu o castigo e desterro, que lhe destes a elle e a toda a sua descendencia. Porém, Senhor, Adão é de mui fragil metal: peccou por fraqueza, e não por soberba ou malicia. E sendo assim, parece que não é o seu peccado da qualidade e graveza do de Lucifer: porque sendo este de natureza Angelica, e com tão claro entendimento, arrojado da soberba e da invenja, vos quiz negar a adoração, sendo Vós o que o creastes, e lhe destes o ser, e os mais dotes da graça, de que se viu adornado. (p. 101)

Mesmo após a defesa da Piedade, a Soberba ainda argumenta:

Não livra essa razão a Adão, e a todos os seus descendentes da ficarem sujeitos á pena eterna. Porque sendo Adão de natureza inferior, por isso mesmo tinha razão de se mostrar mais agradecido a quem o fez, e o adornou de tão relevantes dotes da graça, e da natureza, de que se viu enriquecido. Demais, Senhor, que Vós o fizeste á vossa imagem e semelhança, beneficio tão grande e singular; e lhe destes mais sciencia infusa, com a rectidão natural, e a promessa da gloria. E sendo assim, parece que mais estava obrigado Adão a observar os vossos preceitos: e quando não fosse mais, em igual parallelo com Lucifer. E se nenhuma destas razões basta para ser castigado Adão: elle peccou, e pelo peccado ficou semelhante aos brutos, e servo do mesmo peccado: e, como humilde creatura, não póde merecer perdão, nem satisfazer a culpa, que commetteu contra Vossa Divina Magestade, a qual por ser incomprehensivel, não a póde comprehender o entendimento creado, e pela desigualdade que vai da creatura ao Creador, fica Adão inhabil para o merecimento, e satisfação. Pela qual razão é digno de todo o castigo e morte. E olhando para a Piedade, lhe disse: E assim, que não podereis de conceder a minha conclusão. (p. 101-102)

E tendo ouvido isto, a Donzela rompe em lágrimas e olhando para Deus se oferece para satisfazer a culpa que Adão cometeu contra o seu Criador, a fim de preservar o gênero humano, sendo então a medianeira entre Deus e os homens. A oferta foi aceita, porém a Santíssima Maria ficou “isenta da culpa, e livre do risco do peccado, desde o primeiro instante do seu ser, sendo excepção da natureza, o mimo da ventura, a fonte da graça, o remedio dos homens” (p. 105), porque foi criada por Deus sendo predestinada a ser sua Mãe.

Apesar de o homem ter sido redimido pela piedade divina, não foi poupado de padecer perpetuamente os castigos designados a ele. O desterro é a condenação factual, que remete o homem à sua condição de um ser faltoso. É justamente esta falta que possibilita e sustenta o objetivo pedagógico do Peregrino.

E tratando da importância que é padecer neste mundo para se alcançar o prêmio no Céu, o Peregrino se apóia nos escritos de Thomás de Kempis¹ para versar sobre o desterro:

Diz Thomaz de Kempis no seu livro da Imitação de Christo: (Liv. 1. cap. 22) Bom nos é, que padeçamos algumas vezes adversidades e contradições: porque muitas vezes fazem recolher o homem dentro do seu coração, para que, conhecendo que vive em desterro, não ponha a sua esperança em cousa alguma do mundo. (p. 322)

O desterro, tido como uma forma de punição e consequência da culpa original, também carrega a ideia do mundo como enganador. O homem precisa pautar e organizar a vida terrena vislumbrando a bem aventurança na eternidade. Sendo assim, é essencial o desengano já que o mundo é quimera. Conforme Pereira (1939), a cegueira dos racionais os leva ao precipício da vaidade e perdição, necessitando do desengano.

No Palácio da Saúde e território dos deleites, o Peregrino vê fixado em uma porta o soneto do desengano, e neste dizia:

*Desenganado vou, e arrependido,
Dos tempos, que gastei tão mal logrados,
Neste Palacio cheio de peccados,
E neste territorio tão perdido.*

*Oh, se esta minha dor, pranto, e gemido,
Pudera despertar aos descuidados,
Alliviara parte dos cuidados,
E do muito que tenho padecido.*

*Alerta, pois, mortais, desse lethargo.
Vêde que esta lembrança vos convida
E vos aviso assim por meu descargo.*

*Pois é cousa mui certa e bem sabida,
Que prazeres gozar por tempo largo,
É penar para sempre na outra vida. (PEREIRA, 1939,*

P. 150, vol. II)

¹ Monge alemão, representante da literatura devocional moderna, de grande influência para o cristianismo.

Embora o desejo do homem seja o deleite da vida terrena e o desfrute dos bens temporais, aquele que assim percorre o seu caminho, sela a ruína da própria alma. Quando o homem deixa o Palácio da Saúde em busca do Templo da Enfermidade, há uma tomada de consciência da sua condição de ser faltante, impulsionando a busca pelo transcendente.

Ao seguir pelo caminho de Deus e alcançar a graça, o homem deve renunciar e abdicar deste mundo, reprimindo o desejo do gozo terreno. No diálogo de dois religiosos, o Padre Mestre diz:

De nenhuma sorte se pode dizer, nem considerar, que, chegando a estar a alma de um Bemaventurado no céu, deseje tornar (ainda que por breve tempo) a este mundo. E a razão é, porque, além de que da presença de Deus não possa haver desejo de se afastar de nenhum Bemaventurado por se o Summo Bem, que se pode desejar, é também pela razão de ser o céu nossa Patria, e segundo o que mostra a experiencia, e o certificam a Igreja e todos os santos padres. S. Agostinho diz que toda a privação da Patria é penosa, e violenta, e sendo nossa Patria o céu, onde juntos se cifram todos os bens, que haverá que deseje buscar outra vez o mundo, onde tudo são penas, dôres, afflicções, trabalhos e desterro?

Porque o que deixa a Patria, ou é violento, ou o faz fugir de algum perigo, ou por ambições de riquezas, e honras, ou ver novas terras, e conhecer novos climas; no céu nem pode dar-se violência, nem temor, nem necessidade, nem ambição, nem desejo de mais ver; porque tudo é perfeitissima paz, concordia, e amor: tudo se possui e logra quanto o desejo desvelar-se podia. Tudo em Deus se vê, como em Espelho de infinita luz: como logo sendo o céu nossa Patria, tão abundante de todos os bens, hade caber desejo de se apartar d'elle, inda por breve tempo? (p. 275)

O homem vive na condição de exilado, que estando longe da sua verdadeira Pátria, deve padecer resignadamente na sua habitação temporária para se alcançar o mérito do retorno à terra sagrada. A vida terrena é organizada e sustentada pelo ideal de que a morte não é o fim. Contudo, o que define se o homem receberá o gozo da bem aventurança ou

as penas do Inferno, é sua conduta diante das normas cristãs. A eternidade é o tempo que regerá a vida do homem na pós-morte, seja no Céu ou no Inferno. E então diz o Reverendo Padre Mestre sobre a eternidade:

Costumam alguns autores que escreveram da eternidade comparar a sua duração com o numero das estrellas, muitas mil vezes multiplicadas: ou com os grãos de areia de todas as praias do mundo, e muitos com as gottas de agua do oceano tiradas de cem em cem annos uma pinga até se esgotar.

*Mas eu me não saberei melhor explicar com outro exemplo, como seja o da esphera de uma roda, no qual nunca nella se pode achar fim, e quando parece que acaba então começa, e a sua duração será para emquanto Deus fôr Deus; com que vos digo só, que bastava esta consideração da eternidade, ou seja a do inferno, onde se há de nella padecer para sempre, ou a da gloria, onde se hade gozar da Bemaventurança na presença de Deus, **para uma feliz eternidade**, para se salvar todo o mundo. (p. 263, grifo nosso)*

Desse modo, sendo a vida apenas um instante diante da eternidade (PEREIRA, 1939), o homem deve saber se governar temporal e espiritualmente, assentado em sólida doutrina, para cuidar do júbilo da eternidade. Ao abrir os olhos do entendimento o homem pode desenganar-se. De acordo com Massimi (2005, p. 135):

O conhecimento da verdade é o "desengano", ou seja, libertação do engano possível, implícito na aparência das coisas. O "engano do mundo" é lugar comum dos séculos XVI e XVII: na perspectiva cristã, esse engano não se refere à atribuição maniqueísta do mal à realidade mundana, ou à recusa do sensível e da matéria, mas à ilusão de perpetuidade e de autonomia substancial daquilo que adquire significado somente na relação participada do divino. A essência do engano barroco é atribuir eternidade ao temporal e estabilidade ao provisório, descuidando de que o ser é analogia do Ser.

O Peregrino é aquele que renuncia os haveres temporais e as comodidades terrenas, e que se incumbe de orientar uma gênese de

transformação no obrar humano. O Peregrino é um homem ensinado do tempo, que orienta aos outros homens com o respaldo dos livros santos e também com a experiência dos anos. Assim afirma o Peregrino, “estudei na Universidade do tempo, li pelos livros da experiencia e me graduei com os annos” (PEREIRA, 1939, p. 345, vol. I).

A palavra do Peregrino é dotada de uma força persuasiva, que justificada pela ordem do bom viver e pelas virtudes morais, é capaz de modelar as mentalidades. Além disso, a *peregrinação* vislumbra um aperfeiçoamento pessoal, uma vez que a viagem não é um mero deslocamento espacial, mas sim um processo de conquista das aspirações transcendentais. A *peregrinação* é então um percurso de aprendizagem interior e transformação profunda, na qual o homem se qualifica na dimensão espiritual e comportamental. O trajeto do homem em *peregrinação* revela repetidamente o caráter da transitoriedade da existência.

A inserção do personagem Morador (e suas variações) é um objeto que propicia que a palavra do Peregrino não seja apenas um espectro. É este personagem que traz a possibilidade do homem comum identificar-se com a doutrinação do Peregrino. A figura do Morador, sendo a de um homem errante e perdido em pecados, demonstra que qualquer um que deseja verdadeiramente pode converter-se e assim alcançar a salvação. Esta figura reforça a condição do homem como estrangeiro, que exilado de sua Pátria procura os caminhos para que consiga marchar de volta à casa paterna.

Na *peregrinação*, o Ancião é o diretor espiritual, aquele que já peregrinou e fez sua passagem para o acento. Quando o Peregrino encontra o Ancião, assim o descreve:

Vinha elle vestido á cortezã; barba crescida, e muito branca; cabellos propios até os hombros; com um baculo na mão; e no alto delle um relógio do Sol, e outro de horas, que em um cordel o prendia, e lhe servia de prumo, quando delle usava.
(p. 20)

O Ancião, embora traga a lembrança da finitude e transitoriedade da existência, representa o eterno. A permanência do Ancião durante a jornada

do Peregrino mostra a sua função de guia, aquele que tem a missão de conduzir com retidão a *peregrinação*.

Ao certificar que as doutrinas do Peregrino eram dignas de serem observadas e cumpridas para o bem da salvação e glória de Deus, o Ancião revela ao Peregrino a sua identidade, e assim diz:

Por esta razão, e porque tanto me tendes dado a conhecer os meritos do vosso bom procedimento, vos quero agora declarar quem sou: advertindo-vos, porém, que isto não costumo fazer, senão aos prudentes, bem inclinados e amigos de Deus, aos quaes o vulgo com muito acerto chama ensinados do tempo. E não aos que vejo que são insensatos e negligentes em acceitar os bons conselhos espirituaes, que se lhes dão; e por isso vêm estes taes a cahir em muitos erros e ficar tão faltos de razão, como cheios de peccados, sem temor de Deus.

E assim conheci agora, que eu sou o Tempo bem empregado. De mim têm fallado varios Autores sagrados e humanos; e que existo no mundo, desde o primeiro seculo em que Deus me fez e toda esta maquina do Universo. E sabei que tambem hei de ter fim e que será a minha duração tão somente até se acabar o mundo, quando Christo vier a julgar a todos os homens dos bens e males, que fizeram em sua vida, dando a cada um o premio de castigo, segundo os seus merecimentos. E então se cumprirá o que disse o Anjo, tendo um pé no mar e outro na terra e jurando pelo Creador vivente para seculos e seculos: Que não haveria mais tempo: Quia tempus non erit amplius: (Apoc. 10. 6.) porque dalli por diante não haverá mais que eternidade, a qual durará em quanto Deus for Deus, que será para sempre sem fim.

E esta eternidade, é necessario cuidarem nellas os homens, por falta desta consideração estão já muitos precipitados no inferno penando para sempre. E por contraposição, todos aquelles que na eternidade cuidaram e cuidam, estão e estarão gozando da Bemaventurança para sempre sem fim.
(p. 400-401)

A influência do Ancião legitima os ensinamentos do Peregrino e fundamenta a doutrina exposta. Além disso, a figura do Ancião representa a

sabedoria, sendo outro elemento que contribui para assegurar o objetivo pedagógico do Peregrino.

Na *peregrinação*, o caminho a ser percorrido conduz o homem à eternidade. Há na interação das figuras alegóricas a construção de mapas, que compostos por imagens, tecem redes que facilitam decifrar os percursos sugeridos e comunicam os conceitos.

O mundo tratado como efêmera morada circunscreve um dinamismo espiritual no qual a *peregrinação* além de fomentar o desengano e estimular a mudança de costumes, traz o tempo como redentor dos erros humanos. A expedição do Peregrino propaga uma experiência modelar que conduz à verdade e ao bem. O Ancião, incumbido de sacramentar os ditames do Peregrino, adverte que aqueles que não seguissem os conselhos e avisos perderiam tempo, saúde e salvação. Então o Ancião explica:

Tempo, porque não achareis mais; saúde, porque enfermarais no peccado; salvação, porque vos deixarei ir ao inferno. E vêde que também Deus me ha de perguntar se vos fiz estes avisos: como já ha muitos seculos advertiu Jeremias reprehendendo aos homens de seus vícios, por desperdiçarem o tempo, que Deus lhes dava para o empregarem no seu santo serviço e bem de sua salvação, quando lhes disse: Et vocavit adversum me tempus. (Thren. 1. 15.). (p. 413)

Na *peregrinação*, o tempo é o mensageiro de Deus que na luz da fé católica tenta remir os pecadores. Desse modo, não há virtude maior do que ser Peregrino e desterrado, meio pelo qual o homem se constitui em um verdadeiro herói (PEREIRA, 1939).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidenciou que os conhecimentos formulados no âmbito do psiquismo humano estão fundamentados em uma matriz aristotélico-tomista, na qual o homem é reconhecido em sua integralidade, reunindo em si as dimensões somáticas, anímicas e espirituais.

No *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, a doutrinação do Peregrino congrega a realidade concreta com a *sacramentalidade*, dimensão esta vinculada à transcendência e à divindade – representada na narrativa através da alegoria da *peregrinação*. Assim, a palavra que visa à persuasão e conversão do destinatário é um modo de expressão da verdade, substanciada na manifestação sensível de Deus. Em diálogo com o Peregrino, o Ancião reporta que a doutrina em que se explica a palavra de Deus “tem tanta efficacia de allumiar e aquestar as almas, que muitos ouvindo-a reformaram suas vidas, e abrasados do amor divino, havendo sido grandes pecadores, ficaram justos e acabaram santamente” (PEREIRA, 1939, p. 406, vol. I).

Portanto, no *Compêndio*, a mobilização do dinamismo psíquico a fim da mudança de condutas e mentalidades do destinatário, se relaciona com a concepção de um “homem dócil”. Entretanto, é fundamental ressaltar que nesta perspectiva esta docilidade diz respeito

ao homem bem ensinado, ou que pretende aprender, docil: que suposto não signifique doce, com tudo tem grande conexão com a doçura, por estar capaz de aprender e receber as virtudes moraes e espirituais, que são as verdadeiras doçuras da alma. (p. 408)

Como afirma Massimi (2008b), o homem é um sujeito ativo na elaboração da experiência, pois é dotado de capacidade de juízo e liberdade de decisão. Em suma, o processo de comunicação dirigido à persuasão, concebe o homem “como receptor ativo e intencional dos estímulos advindo do mundo externo, corpo vivente e espiritual” (p. 468).

No que tange a *peregrinação*, esta é a alegoria fundante que serve tanto como mote quanto veículo para os ensinamentos e doutrinações expostos na narrativa. A *peregrinação* alinhava a tecitura da trama,

subsidiando os conceitos e dogmas explorados. Além disso, a experiência do Peregrino se vincula com o *topos universal* da *peregrinação*, representando o *homem-em-trânsito* na condição de estrangeiro no mundo e exilado de sua verdadeira Pátria. Embora haja uma ênfase na fugacidade da vida, a elaboração de um sentido e propósito para a experiência humana em meio ao desterro, evita o niilismo.

Na *peregrinação*, a dimensão psicológica se atém ao entrelaçamento do finito e do eterno, figuras estas que transpõe a simples manifestação de um movimento contemplativo. O homem projeta na promessa da eternidade o preenchimento de sentidos existenciais, calcados na representação de um aperfeiçoamento pessoal. A miséria da natureza humana é justificada pela redenção através do sagrado, reforçando a compleição de uma segunda natureza.

A parcimônia é o meio de se granjear virtudes para se alcançar a graça. Para o Peregrino toda criatura racional deve ter receio e cautela,

procurando passar com toda a diligencia e cuidado para aquella Patria, onde não ha risco de vida, nem temor da morte, que é a Bemaventurança no Céu: e não ser como muitos tão affeiçoados á terra, que desprezando o socego divino e paz eterna, vão parar no centro do inferno, onde de feras infernaes são acometidos e despedaçados a cada instante, sem nunca, sem nunca acabarem de padecer, e para sempre serão atormentadas. (PEREIRA, 1939, p. 338, vol. I)

Embora cada homem seja livre para traçar seu caminho durante sua estadia no mundo, o esforço pedagógico do Peregrino em instruir, passa por uma coerção velada ao anunciar sistematicamente as penas e infortúnios destinados a quem não cumprir os preceitos divinos. A ideia do mundo como enganador é reforçado pelas metáforas, “contos e causos” que o protagonista insere no discurso com a intenção não só de persuadir, mas também de sustentar a veracidade dos trágicos destinos daqueles que desobedecem aos mandamentos de Deus.

O conceito fundamental para a regência da própria vida é a virtude da prudência. Um cristão deve ser racional e prudente para saber se governar e alcançar as excelências da graça. É na prudência que se está a

grande sabedoria do homem. Quando o Peregrino é interpelado por um Padre sobre o conceito que ele fazia daqueles homens os quais Deus deu os meios de ser cientes e doutos, diz:

Não há dúvida, que é um dos melhores dotes, que pode uma creatura possuir, e prezar, por se ver com estimação entre os mais. Porém, haveis de saber, que lá disse um discreto, que mais valia uma libra de prudencia, que arrobas de subtilezas; e se não, dizei-me: que prestará a um homem ser grande Philosopho, Theologo, e Jursita etc. se lhe faltar a prudencia, para se saber governar, e livrar dos vicios, e amar as virtudes?

Bem sei, Senhor, que a prudencia se adquire tambem com os muitos annos, e larga experiencia do tempo, motivo e razão porque lá disse Aristoteles, que os mancebos não podiam ser discretos por falta de experiencia. (PEREIRA, 1939, p. 24, vol. II)

A prudência possui uma posição privilegiada nas diretrizes do comportamento e só pode ser adquirida através da experiência e do tempo. Esta virtude impede a precipitação dos atos humanos e permite que as situações que se impõe ao homem sejam avaliadas com polidez antes de serem deliberadas. A prudência consiste em determinações justas e na sabedoria prática. Todas estas deliberações são mediadas pelas potências da alma racional, sendo a memória, a vontade, a razão e o entendimento instâncias lapidares no aperfeiçoamento e atuação dessa virtude. De acordo com Aristóteles (2001), o homem prudente é aquele que sabe deliberar bem sobre aquilo que é bom para si mesmo sob um aspecto universal. Sendo assim, o homem na sua condição de Peregrino busca o bem supremo sustentado pelos meios da prudência.

Outro ponto chave na análise do *Compêndio* é a temática da “arte do bem viver”. A arte do bem viver não se restringe apenas a saúde do homem, mas abarca seu modo de vida no entrelaçamento da dimensão somática, psicológica e espiritual. A saúde do corpo está diretamente ligada à integridade da alma, e por este motivo o Peregrino inscreve em sua terapêutica hábitos sistematizados na vigília e temperança das disposições da alma.

Aprender a ter domínio da vontade e governar o corpo, os apetites, a razão e o entendimento é então o alicerce da vida. Em seus ensinamentos, o Peregrino expõe que para se viver bem e virtuosamente é preciso ter o conhecimento cabal da verdade, pois só assim se pode alcançar a luz da razão (PEREIRA, 1939). Deste modo, o bem viver está associado a elaboração da experiência articulado nos três níveis operacionais da alma (vegetativa, sensitiva e racional).

Na disseminação dos saberes sobre o bem viver encontra-se também o emprego do conhecimento sobre a Medicina da Alma, sistematizando prescrições para a revitalização e manutenção tanto da saúde corporal quanto espiritual. De acordo com Massimi (2005, p. 148),

Baseada na analogia entre o cuidado da alma e do corpo, a medicina da alma pressupõe a existência das "enfermidades da alma", ou seja, a especificidade da patologia psicológica. O conceito de "doença da alma" repousa numa tomada de consciência a um só tempo médica – pois se trata de uma doença – e filosófica – por se a alma o objeto acometido pela moléstia. Tal analogia, é, em muitos casos, interpretada em termos de um paralelismo, em outros como expressiva unidade psicossomática que caracteriza o ser humano. O princípio unitário de saúde é o equilíbrio, de modo que qualquer desequilíbrio, seja no corpo, seja no espírito, é causa de doença.

A apropriação deste conhecimento permite que o Peregrino examinando a situação dos seus interlocutores possa inscrever um tratamento de alívio das perturbações, ensejando que o equilíbrio psíquico e corporal direcione o homem para o bem espiritual. No primeiro tomo, a terapêutica do Peregrino situa-se principalmente na focalização do hábito, prescrevendo suas receitas baseadas na análise do comportamento e do contexto do ambiente psicossocial. Já no segundo tomo, o cuidado com a saúde é destinado a uma representação institucionalizada através da imagem simbólica composta na alegoria do Templo da Enfermidade e Casa da Santa Doutrina. A imagem de uma hospitalização para se restaurar a saúde perdida do território dos deleites, institui-se como instrumento de salvação.

Também foi possível evidenciar que o dinamismo que regula a existência humana está entrelaçado na consolidação do bom regime, que oferece ao homem um juízo crítico para reconduzir a vida. Suscitar o desengano, revelando a verdadeira glória do homem, é um meio capaz de amparar a fragilidade da natureza humana. Esta consolação, emendada na possibilidade de superação da fraqueza do “gênero humano”, retém mais uma vez a problemática da transformação por meio da conversão.

A função persuasiva do Peregrino tem como âncora a manifestação do invisível e a promessa de um destino de gozo eterno. O entrelaçamento dos sentidos de mortalidade e imortalidade constitui um nexos restaurador das competências de promover no homem o conhecimento de si.

É notável que o percurso que o Peregrino inscreve em sua doutrinação e nas práticas está cerceado de características que abrangem a inteireza do homem em todas as suas dimensões – corpo, psiquismo, alma e espírito. Ao reconhecer a integridade do homem, o Peregrino aplica a palavra a fim de favorecer a associação da razão com a verdade cristã e a moralidade. Desse modo, a palavra assume não só a função de transmitir conhecimentos e práticas através do uso da retórica, mas também é portadora de uma função terapêutica visando o cuidado e a cura.

A lembrança dos quatro novíssimos do homem – Morte, Juízo, Paraíso e Inferno – é um dos meios para se evitar o pecado. Sendo assim, o Peregrino coloca que para que o homem possa “viver uma vida reformada” e ter uma “morte preciosa”, desde já deve-se fazer aquilo que desejou ter feito em sua última hora, não dando tantas rédeas aos apetites. E ao lembrar-se dos novíssimos é recomendado que:

cuidemos que havemos de morrer, e depois de sermos julgados no Tribunal divino, dos bens e males, que neste mundo tivermos feito: se mal, condenados ao inferno por uma eternidade; e se bem, cobrado teremos o premio da bemaventurança para sempre. (PEREIRA, 1939, p. 237, vol. II)

De acordo com o Peregrino, nenhuma criatura racional pode escapar do julgamento divino. Desse modo, o homem sábio e entendido é aquele que cuida nesta vida em se preparar para a eternidade. E então diz o Peregrino, “os peccadores não cuidam neste juizo por falta de

entendimento, porque se o tiveram, não houveram de estar tão apegados a seus vícios e peccados” (p. 249).

Entretanto, o Peregrino adverte que os homens devem nutrir o desejo de alcançar o Reino dos Céus, não pelo temor das punições divinas e das penas do Inferno, mas pelo amor a Criatura Divina. E assim diz,

deve ser o nosso desejo e desvelo de ir ao céu, por vermos e gozarmos da vista de Deus, como centro e glória da nossa alma, e vida espiritual. Porque muitos cuidam que não ha mais que pedir a Deus a salvação, sem terem aquelle intrínseco amor de ver ao mesmo Deus. Pois saibam que muitos estiveram, e estarão padecendo no purgatorio mais do que deviam de estar penando por esta causa. (p. 196)

A negligência aos preceitos divinos e dogmas cristãos impede que o homem tome posse da bem aventurança. Os homens podem escolher serem “perversos no seu viver”, como diria o Peregrino, ou se emendar das culpas, agindo com prevenção, controlando seus apetites e fazendo uso da razão para constituir-se como um ser reformado e digno da salvação.

O Ancião reafirma a doutrina do Peregrino quando coloca:

A experiencia occularmente nos está mostrando, que toda a creatura racional, depois que morre, com uma das duas eternidades vai se encontrar. Ou com a da Gloria, cuja grandeza é inexplicavel, pelo incomparavel bem que gozam os que a ella vão: ou com o Inferno, á qual S. Gregorio Papa chamou morte sem morte, porque morrendo-se sempre nella pelas penas, nunca se acaba de morrer, por serem eternas na duração. E assim vos aviso, que da eternidade nunca vos descuideis, se pretendeis com acerto encaminhar vossos passos no serviço de Deus. (PEREIRA, 1939, p. 402, vol. I)

Assim, é possível depreender que os meios de mobilização do dinamismo psíquico se concentram em um substrato circunscrito pelo encontro do homem com o eterno, um eterno composto da integração e interação das polaridades. A dinâmica que se entrelaça na (in)finitude da existência suscita a propensão do homem em transformar-se modificando sua natureza. A *peregrinação* no *Compêndio* é mais que um exercício de fé, ela carrega um status de aperfeiçoamento integral do ser humano, no qual

o Peregrino se lança na peripécia de oferecer aos homens a excelência perfeita para se conduzir a vida.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **Solilóquios e A Vida Feliz**. Trad. Adaurly Fiorotti e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Ed. Paulus, 1998.

AQUINO, São Tomás de. **Suma Teológica**, vol. IV. Parte II. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**, livro VI. 4ª ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2001.

ASSIS, Raquel M. de. Cultura Popular e Idéias Psicológicas no Compêndio Narrativo do Peregrino de América (1728) de Nuno Marques Pereira. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & MAIA, Carlos A. **História da Ciência: o mapa do conhecimento**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1995.

AUGUSTO, Sara. Ufanismo, Sátira e Moralismo: Visões Barrocas. **Mathésis**, v. 11, p. 253-270, 2002.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: Manifestações literárias da Era Colonial**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. Trad. Ivone Castinho Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. Brasil peregrino na alegoria Barroca. **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 5, p. 91-99, dez. 2002.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. Notícia de 1733 sobre a poesia no Brasil. **Letras de Hoje**, v. 41, p. 34-46, 2006.

GONTIJO, Sandro; MASSIMI, Marina. Persuasão: arte retórica e o conhecimento psicológico em sermões do advento de Antônio Vieira. **Mnemosine**, v. 4, n. 2, 2008.

GUTHRIE, W. K. C. **Os filósofos gregos: de Tales a Aristóteles**. Trad. Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

LOYOLA, Inácio de. **Os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola**. Trad. Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2004.

MASSIMI, Marina. Conhecimentos psicológicos e experiência religiosa na história da cultura luso-brasileira: um sermão de Antônio Vieira. In: MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel. **Diante do Mistério**: Psicologia e Senso Religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1999. pp. 47-55.

MASSIMI, Marina. A Psicologia dos Jesuítas: uma contribuição à história das idéias psicológicas. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, pp. 625-633, 2001.

MASSIMI, Marina; SILVA, Paulo José Carvalho da; (Orgs). **Os olhos vêm pelo coração**: conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira nos séculos XVI a XVII. Ribeirão Preto: Holos, 2001.

MASSIMI, Marina; PRUDENTE, André Barreto. **Um incendiado desejo das Índias**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MASSIMI, Marina; **Palavras, almas e corpos no Brasil colonial**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel. A pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos. **Memorandum**, n. 13, pp. 16-31, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/massimimahfoud01.pdf>> acesso em 10 de janeiro de 2011.

MASSIMI, Marina. **Memorial**. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo Campus Ribeirão Preto, 2008a.

MASSIMI, Marina. Persuasão e dinamismo psíquico: uma perspectiva multidisciplinar e histórica. **Psicol. Usp, São Paulo**, v. 19, n. 4, pp. 467-476, 2008b. Disponível em: <:[://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000400005&lng=pt&nrm=isso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000400005&lng=pt&nrm=isso)> acesso em 27 de janeiro de 2011.

MASSIMI, Marina. Novas questões temáticas e desdobramentos metodológicos na história dos saberes psicológicos. **Revista Temas em Psicologia**, v. 17, n. 1, pp. 15-20, 2009a.

MASSIMI, Marina. Imagens, dinamismo sensorial e elaborações retóricas no Brasil Colonial. **Rev. Interam. Psicol**, v. 43, n. 2, pp. 374-382, 2009b.

MASSIMI, Marina. **A teoria dos temperamentos e suas aplicações nos trópicos**. Ribeirão Preto: Holos, 2010a.

MASSIMI, Marina. A pessoa e o seu conhecimento: algumas etapas significativas de um percurso conceitual. **Memorandum**, n. 18, pp. 10-26, 2010b. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/massimi05.pdf>> acesso em 01 de fevereiro de 2010.

MASSIMI, Marina. A memória ventre da Alma. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**; São Paulo, v. 13, n. 4, pp. 667-679, 2010c.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

MOSCHETI, Marcelo. Cosmologia bipartida: a distinção aristotélica entre céu e terra. **Analecta**, v. 4, n. 1, pp. 29-37, 2003.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**: A Unidade Teológico-Retórico-Política dos Sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp; Campinas: EdUnicamp, 1994.

PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio Narrativo do Peregrino da América** (1728). 6ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1939, 2 v.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguila, 1997.

SILVA, Paulo José Carvalho da; MASSIMI, Marina. A construção do conhecimento psicológico na obra histórica do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito (1682) de Alexandre de Gusmão S.J. **Revista da SBHC**, n.17, p. 71-80, 1997.

5.1 – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MARROU, Henri-Irénée. **Sobre o Conhecimento Histórico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. São Paulo: Edusp, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.